

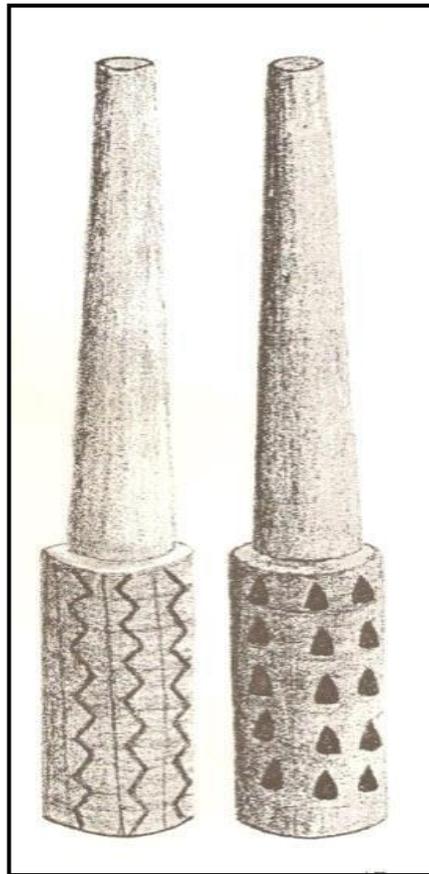
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – UFG**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE ANTROPOLOGIA SOCIAL -  
PPGAS**

**MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**Iknô kâtô, Ísitro nã akwe krsakrtamnôze dasĩpsêwa Kâtô kmã psêkwaĩnõrĩ,  
Danõhikwa – A CORRIDA DE TORAS CURTAS E LONGAS ENTRE O POVO  
AKWÊ XERENTE NO DASIPÊ-FESTA CULTURAL**

**AFONSO TIIKWA XERENTE**



**GOIÂNIA**

**Julho de 2020**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

### E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese

#### 2. Nome completo do autor

Afonso Tiikwa Xerente

#### 3. Título do trabalho

Ikno kãtô, Īsitro nã akwe krsakrtamnõze dasĩpsêwa Kãtô kmã psêkwaĩnõrĩ, Danõhikwa – A CORRIDA DE TORAS CURTAS E LONGAS ENTRE O POVO AKWÊ XERENTE NO DASĨPÊ-FESTA CULTURAL

#### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

**a)** consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

**b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Joana Aparecida Fernandes Silva, Usuário Externo**, em 18/03/2021, às 20:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **AFONSO TIIKWA XERENTE, Discente**, em 18/03/2021, às 20:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de](#)



[8 de outubro de 2015.](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1953472** e o código CRC **71A9892F**.

Referência: Processo nº 23070.042962/2020-60

SEI nº 1953472

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – UFG**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE ANTROPOLOGIA SOCIAL- PPGAS  
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**Iknô kâtô, Ísitro nã akwe krsakrtamnôze dasĩpsêwa Kâtô kmã  
psêkwaĩnõrĩ, Danõhikwa – A CORRIDA DE TORAS CURTAS E LONGAS  
ENTRE O POVO AKWÊ XERENTE NO DASĪPÊ-FESTA CULTURAL**

**AFONSO TIIKWA XERENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Dra. Joana Aparecida Fernandes Silva

Goiânia

Setembro de 2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Xerente, Afonso Tiikwa  
Iknô kâtô, Ísitro nã akwe krsakrtamnôze dasĩpsêwa Kâtô kmã  
psêkwaĩnõrĩ, Danõhikwa – A CORRIDA DE TORAS CURTAS E  
LONGAS ENTRE O POVO AKWĒ XERENTE NO DASĪPĒ-FESTA  
CULTURAL / Afonso Tiikwa Xerente. - 2020.  
CIX, 114 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Joana Aparecida Fernandes Silva.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,  
Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em  
Antropologia Social, Cidade de Goiás, 2020.

Bibliografia.

Inclui siglas, mapas, fotografias, lista de figuras.

1. corrida de toras. 2. Dasipe. 3. Xerente. I. Silva, Joana Aparecida  
Fernandes, orient. II. Título.

CDU 572



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Ata nº 009 da sessão de Defesa de Dissertação de **AFONSO TIIKWA XERENTE**, que confere o título de **Mestre em Antropologia Social** na área de concentração **Antropologia Social**.

Aos vinte e nove dias de setembro de dois mil e vinte, a partir das 15 horas, em ambiente virtual devido à pandemia da covid-19, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada *Iknô kâtô, Īsitro nã akwe krsakrtamnõze dasĩpsêwa Kâtô kmã psêkwaĩnõrĩ, Danõhikwa – A CORRIDA DE TORAS CURTAS E LONGAS ENTRE O POVO AKWÊ XERENTE NO DASĪPÊ-FESTA CULTURAL*. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora **Joana Aparecida Fernandes Silva** (PPGAS-UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor **Antônio Hilário Aguilera Urquiza** (PPGAS-UFMS), membro titular externo; Professor Doutor **Alexandre Ferraz Herbetta** (FCS-UFG), membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão reservada a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora **Joana Aparecida Fernandes Silva**, Presidenta da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

## TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Joana Aparecida Fernandes Silva, Usuário Externo**, em 18/03/2021, às 22:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Eduardo Henning, Coordenador de Pós-graduação**, em 19/03/2021, às 12:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre Ferraz Herbetta, Professor do Magistério Superior**, em 24/03/2021, às 11:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1953468** e o código CRC **2D4DA564**.

## SUMÁRIO

<b>MEUS AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>V</b>
RESUMO.....	VIII
ROM KMĀDĀ WASIMRMEZEM NĀ WASKUZE .....	VIII
ABSTRACT.....	IX
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>5</b>
<b>A ALDEIA SALTO KRIPRE, ONDE MORO.....</b>	<b>7</b>
FAMÍLIAS AKWĒ QUE MORAM NA CASA DE TELHA ANOS ANTERIORES E 2020 ATUAIS. NA ALDEIA SALTO KRIPRE.....	18
A ALDEIA NRŌZAWI (PORTEIRA).....	19
A ALDEIA FUNIL.....	20
<b>PARTE I .....</b>	<b>22</b>
O POVO AKWĒ XERENTE .....	22
OS PARTIDOS (OU CLĀS) AKWĒ .....	23
<i>A linguagem e a comunicação.....</i>	<i>31</i>
<i>O ambiente do AkwĒ Xerente .....</i>	<i>31</i>
O SURGIMENTO DO FOGO .....	33
<i>Artesanato AkwĒ.....</i>	<i>39</i>
<i>Discursos do casamento.....</i>	<i>42</i>
<i>A convivência entre genro e sogro AkwĒ.....</i>	<i>42</i>
<i>As crianças indígenas na creche da cidade .....</i>	<i>43</i>
<i>Política ligada aos partidos políticos.....</i>	<i>44</i>
<i>Uma cerimônia muito forte: o Kupre .....</i>	<i>45</i>
<i>Rodovia TO - 010.....</i>	<i>48</i>
EVANGELIZAÇÃO NO POVO AKWĒ XERENTE.....	49
<b>PARTE II- O DASĪPĒ .....</b>	<b>51</b>
<i>A ORIGEM DA CORRIDA DE TORAS DO POVO AKWĒ XERENTE.....</i>	<i>54</i>
1. <i>Começando com nomeação feminina: .....</i>	<i>58</i>
2. <i>O cântico e dança à noite.....</i>	<i>59</i>
3. <i>Corrida de tora curta durante o Dasĭpĕ .....</i>	<i>60</i>
<i>Os cânticos dos homens no WarĀ, fora da aldeia, na mata .....</i>	<i>61</i>

<b>PARTE III-</b> .....	<b>64</b>
<b>ĨKNÕ (TORA PEQUENA) E ÍSITRO (TORA GRANDE):</b> .....	<b>64</b>
<b>-ASSOCIAÇÕES E REGRAS PARA A CORRIDA</b> .....	<b>64</b>
ĨKNÕ (TORA CURTA).....	66
DAKRSU: ASSOCIAÇÕES PARA CORRIDA DE TORAS.....	66
A DANÇA DO PADI- TAMANDUÁ BANDEIRA.....	68
<i>A troca da comida</i> .....	69
ASPECTOS GERAIS DAS CORRIDAS.....	69
REGRAS DA TORA GRANDES.....	77
<i>A cama da tora</i> .....	77
ÍSITRO E A COMEMORAÇÃO DOS HTÂMĤĂ .....	79
ÍSITRO E A COMEMORAÇÃO DOS STĤROMKWA.....	80
<b>TORAS E REGRAS</b> .....	<b>81</b>
CORRIDA DE TORAS NA ESCOLA .....	87
APRESENTAÇÃO DA CORRIDA DE TORA GRANDE NA CIDADE.....	91
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>94</b>
FONTES.....	96

## LISTA DAS FOTOS

<b>Foto 2: Vista parcial da aldeia Salto Kripre.</b> .....	<b>7</b>
<b>Foto 3: Dos meninos da aldeia Salto Kripre</b> .....	<b>9</b>
<b>Foto 4: Vista parcial da aldeia e início da estrada que sai do Kripre para outras localidades</b> .....	<b>9</b>
<b>Foto 5: Vista parcial do fundo da aldeia e início da estrada para as aldeias Angelim e Porteira Nrõzawi</b> .....	<b>10</b>
<b>Foto 6: Meninos jogando bola no centro da aldeia Salto Kripre</b> .....	<b>10</b>
<b>Foto 7- Primeira igreja batista instalada no Kripre</b> .....	<b>11</b>
<b>Foto 8- Novo prédio da igreja batista construído em 2020, na aldeia Kripre</b> .....	<b>12</b>
<b>Foto 9- Centro Comunitário Da aldeia Salto Kripre.</b> .....	<b>14</b>
<b>Foto 10- Novo centro comunitário da aldeia Salto Kripre construída pela Igreja IABC</b> .....	<b>15</b>
<b>Foto 11- Vista da aldeia Salto Kripré, no lado oeste</b> .....	<b>15</b>

<b>Foto 12- Criança na beira do Rio Tocantins</b> .....	16
Foto 13-: <b>Casa de palha da aldeia Salto Kripre</b> .....	17
<b>Foto 14- Lateral de uma cozinha externa com plantação de bananas</b> .....	17
<b>Foto 15- Posto de saúde na aldeia Kripre, da SESAI, depois da reforma</b> .....	18
Foto 16-Siknô (cofos) na parede de uma escola .....	40
Foto 17- <b>Pedro Smissuite Xerente da Aldeia Salto, o entrevistado</b> .....	54
Foto 18- <b>Augusto Sôwêkô Xerente, meu tio do partido Kbazi, círculo médio e eu</b> . .....	56
Foto 19- <b>Dança do Padi (Tamanduá- bandeira)</b> .....	68
Foto 20- <b>Pé de buriti</b> .....	74

#### LISTA DAS FIGURAS

Figura 1- Mapa e relação dos povos que correm com toras .....	2
Figura 2- Dança ao redor das toras .....	3
<b>Figura 3- Igreja Adventista do Brasil, recém instalada na Kripré</b> .....	13
<b>Figura 4- Pessoas chegando na aldeia Porteira</b> .....	20
Figura 5-Mulheres da aldeia Funil durante uma corrida de toras .....	21
<b>Figura 6- Ilustração das pinturas corporais dos clãs Akwê Xerente</b> .....	24
Figura 7- Nomes das metades segundo autores .....	26
Figura 8- Metades e clãs (partidos) registrados por Nimuendaju em 1942 .....	27
<b>Figura 9- Clãs e correspondências com a pintura corporal</b> .....	28
<b>Figura 10- Relações de respeito entre os partidos</b> .....	29
Figura 11- <b>Tatus que simbolizam o surgimento da corrida da tora no povo Akwê Xerente</b> . .....	54
Figura 12-Essa fila é da nomeação feminina eles cantam casa em casa.....	58
Figura 13- Dança no pátio da aldeia .....	59
Figura 14- Corrida de Toras .....	60
Figura 15- Homens durante a pintura .....	62
Figura 16- Símbolo do <b>Htâmhã e do Stêromkwa, pintura dos homens mais velhos</b> .....	65
Figura 18- <b>Corrida de tora curta dos homens adultos</b> .....	66
Figura 19- Grupo durante a corrida de toras .....	70

Figura 20: <b>Corrida de Ísitro - Tora grande Steromkwa, passando no Saltinho para chegar na aldeia Salto Kripre.</b> .....	71
Figura 21- <b>Carregando a tora Ísitro no caminhão</b> .....	73
Figura 23- <b>Pintura do partido do Htâmhã</b> .....	75
Figura 24- <b>Pintura do partido do Steromkwa</b> .....	76
<b>Figura25: Cama da Tora</b> .....	77
<b>Figura 26- A tora na cama, sendo preparada para a corrida</b> .....	78
Figura 27- <b>Comemoração da chegada do Htâmhã</b> .....	79
Figura 28- <b>Comemoração da chegada dos Stêromkwa</b> .....	80
Figura 29: <b>Corrida de toras grandes</b> .....	81
Figura 30- <b>Toras grandes que são carregadas por dois homens</b> .....	82
Figura 31- <b>Anciões participantes do Dasîpê</b> .....	83
Figura 32- <b>Preparação da tora grande</b> .....	84
Figura 33- <b>O sekwa, guardião da tora, e homem preparando a tora para a corrida</b> ....	85
Figura 34- <b>Meninos correndo com a torinha</b> .....	87
Figura 35- <b>Tora pequena de pé de bacaba menino e meninas.</b> .....	89
<b>Figura 36- Pé de bacaba</b> .....	89
<b>Figura 37- Afonso Tiikwa com os alunos</b> .....	91
Figura 38- <b>Rapazes correndo com a tora na cidade</b> .....	92

## MEUS AGRADECIMENTOS

Quero aqui agradecer. **Waptokwazwre** (Deus), que iluminou meus caminhos durante a trajetória do meu estudo, que me fez ter a paciência, sabedoria e inteligência, ele falou assim vou mandar a companheira dele passar mal no parto dela, e se ele tem a fé em mim, não vai desistir do curso, eu sempre na fé em **Waptokwazawre** (Deus), e ele me ouviu que eu pedi a ele, pelos meus filhos, minha esposa, e assim todos os meus familiares.

E ao meu povo Akwẽ Xerente da minha aldeia Salto **Kripre**, que me deu o apoio total para esse curso de pós-graduação em Antropologia Social. E agradecer, mais ainda, o Cacique da aldeia Salto, Valci **Sinã** Xerente, um rapaz bem novo e muito inteligente, ele também tem seu curso superior e é formado em Licenciatura Intercultural, em Goiânia na UFG, campus II, e fez a especialização na UFT, Universidade de Federal de Tocantins, ele me ajudou nas documentações, e que sustentou em sala de aula antes de eu pegar a licença da secretaria da educação do Estado do Tocantins, me deu sua assinatura de declaração o para comitê de ética.

Também quero agradecer a Antônia **Waikwadi** Xerente, que me substituiu na sala de aula em 2018, ela lecionou bem, até o final de 2018, ela é muito inteligente, que deu conta de trabalhar com meus alunos. Davi **Samuru** Xerente que hoje é o diretor da escola Indígena **Waikarnãse** Xerente agradeço a ele por me dar um apoio enorme, juntamente com o Cacique Valci **Sinã** Xerente. Agora agradeço uma pessoa muito importante, meu sogro Valdomiro **Samuru** Xerente, que ele quando eu sai para estudar em Goiânia, ele cuidou da minha esposa e dos dois filhos que eu tenho, os netos dele, pois ele caçava e pescava, para arrumar a mistura, juntamente com os meus cunhados, mas quero citar aqui um dos meus cunhados, Valderi **Ktitêmkê** Xerente, que mais ajudou minha esposa, quando estava em Goiânia, ele também é um pescador e caçador e trabalha na roça também, ajudando o pai, e agora quero agradecer minha sogra, Rosana **Tokidi** Xerente, ela também cuidou da minha esposa e netos, ela fazendo a comida, porque quando eu saía para estudar, minha esposa ficava na casa da mãe e do pai.

Agora sim chegou a vez minha guerreira minha esposa, Veralucia **Mrãiti** Xerente, sabe que é muito difícil de cuidar dos meninos pequenos que a gente tem, mas ela deu conta ela teve responsabilidade de cuidar, além disso, ela passou mal no parto do nosso bebezinho (**Aikterê**), ela teve que fazer cesariana no parto e a

cesariana quase deu errado, ela teve inflamações após a cirurgia cesárea, foi muito complicado isso, ela parou na sala vermelha e eu sempre perto dela, eu fiquei duas semanas no hotel na conta do Polo Base, e todas os dias, às 8 horas da manhã e às 15 horas da tarde, eu ia para visitar ela, chegando nela minhas lágrimas derramavam, mas eu não chorava, porque eu confiava em **Waptokwazawre** (Deus), eu falava para ela, você vai se recuperar em nome de **Waptokwazawre** (Deus), e hoje ela está recuperada e junto comigo.

Agradeço também meu pai, Novato **Sikmõwe** Xerente, e que hoje não se encontra aqui na terra. **Waptokwazawre** (Deus) o levou em 2005, mas dentro do meu coração está vivo, aprendi muitos rituais da cultura com ele, aprendi a pescar, a caçar e ele me incentivou para estudar e essas palavras nunca vão sair de mim. Minha mãe, Júlia Guarani, que está viva, ainda agradeço também por me cuidar desde pequeno, até hoje, ela é analfabeta e o meu pai também. Agradecer minhas irmãs, que cada um delas colaborou comigo, minha irmã mais velha, a Marlene **Mrãiti** Xerente, ela entregava o celular para minha esposa para me ligar gastando o crédito dela, e outra minha irmã Marcilene **Ptêdi** Xerente, quando os meus filhos precisavam de alguns alimentos, ela comprava ou arrumava para meus filhos comer, agradeço muito a ela.

Meus queridos anciãos **Akwẽ** Xerente, agradecer meu ancião da aldeia Salto meu tio, Sr. Pedro **Smissuite** Xerente, que já é aposentado, com quem mais dialoguei sobre o meu tema: **Corrida de toras entre os Akwẽ Xerente**. Segundo ele, é muito importante deixar escritos os rituais que acontecem dentro do **Dasĩpê** (Festa cultural), fala também era muito bom cada acadêmico escrever um cada ritual que é realizado dentro do ê, ele me agrade também que estou escrevendo sobre a corrida de toras, que é fortalecimento da cultura e da linguagem.

Segundo ancião a quem eu quero agradecer, é também outro tio, o Augusto **Sõwekõ** Xerente, com quem conversei muito sobre o meu tema, ele fala muito bem também desse ritual, ele fala que vai ser muito boa deixar escrito esse ritual da cultura, me conta também sobre o **Dasipê** (Festa cultural), ele sente a falta do **Dasĩpê**, que está com seis anos que não acontece, e assim todos nós. Agradeço agora o professor Manoel **Sirnãrê** Xerente da aldeia Salto **Kripre**, que diz que é muito importante escrever a prática de ensino da corrida de tora na escola, só assim é ensinado na prática e na teoria, para que os alunos saberem escrever um ritual próprio do povo **Akwẽ** Xerente.

Quero agradecer, também, ao técnico de enfermagem, o Levi **Srêzasu** Xerente, que me respondeu por escrito uma pergunta sobre a força física do povo **Akwê** Xerente, que fala assim hoje ainda existe **Akwê** muito forte; segundo ele, a gente tem que consumir de vez em quando os alimentos tradicionais, se consumirmos só alimentos da cidade, ou industrializados, podemos causar várias doenças, como muito falado diabetes.

Ao Silvano **Sirnawê**, por ter me dado apoio com computador e internet para a finalização de minha dissertação.

À Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) de Tocantins, minha gratidão por ter me proporcionado liberação das aulas para cursar o mestrado em Antropologia Social.

Quero agradecer à Universidade Federal de Goiás - UFG, pelo acolhimento de um estudante indígena, do povo **Akwê** Xerente na Pós-graduação em Antropologia Social, nunca sofri qualquer tipo de preconceito ou discriminação dentro da faculdade. Não sei se os não indígenas podem me olhar de um jeito diferente, mas sempre eu fui respeitado, mas eu também fiz o papel de estudante andar certo, ou seja, na linha e cumprir as regras que tem dentro da Universidade Federal de Goiás, são as regras para todos os acadêmicos, para o Indígenas e não Indígenas.

Quero agradecer minha orientadora professora Joana A. Fernandes Silva, Dra. antropóloga, que me ajudou a ter muita paciência para me manter no curso e me ajudou muito, até terminar esse curso e chegar aonde eu cheguei.

O professor Dr. Luiz Felipe também, que em 2018 foi o coordenador do curso, ele arrumou a sala 18 na FCS para os estudantes indígenas poderem estudar; agradeço ao professor Dr. Alexandre Ferraz Herbetta e ao professor Dr. Glauber de Lima, que aceitaram trabalhos manuscritos em todas as atividades das disciplinas, porque eu não tenho o notebook, então serviu muito para mim. Agradeço à Monica Thereza Pechincha, também professora do PPGAS, por ter trocado reflexões comigo, sobre antropologia e colonialidade do saber.

Agradeço a Ariel Davi Ferreira, na formatação do texto da dissertação.

Quero agradecer especialmente à CAPES, que me ofereceu no âmbito do programa de bolsas de estudo para Pós-Graduação, uma bolsa para meu sustento durante o curso e que me ajudou muito até na compra de passagens e alimentação, fazer cópia dos textos das disciplinas, e agora fazer impressão da minha dissertação. Eu me sinto muito agradecido.

## Resumo

O meu trabalho conta como é a corrida de toras entre os **Akwê**, e traz alguma comparação de estudos feitos por autores, os grandes pesquisadores antropólogos, sobre a corrida de toras e sobre os rituais que acontecem durante o **Dasĩpê**, o grande ritual de nomeação que acontece nas aldeias. Penso que esta dissertação é, de certa maneira, uma antropologia indígena sobre meu povo **Akwê** Xerente. Também falo sobre as associações dos clãs, do respeito entre os clãs, do modo de tratar na linguagem específica, como é a sustentabilidade antigamente e de hoje. Trago uma descrição do **Kupre**, uma cerimônia muito forte no povo **Akwê** Xerente, ela não acontece durante o **Dasĩpê**, mas após a morte de um ancião; eles colocam outra pintura, são os seis clãs que se formam dois grupos, duas linhas com a mesma metade de clãs, como por exemplo, **Kritodtêkwa** com **Kbazidtêkwa** e **Kuzâpdtêkwa** é uma linha com a mesma metade e a outra é **Krãiprehidtêkwa** com o **Krozakedtêkwa** e **Wahirêdtêkwa**, é uma outra metade. O casamento também acontece fora do **Dasĩpê**, e pode acontecer durante a festa cultural que também é uma cerimônia muito forte ainda é realizado pelos tios da menina. Faço também uma descrição das corridas de tora das crianças, dos adultos com a tora curta e da corrida de tora grande, que os homens adultos correm com essa tora no final da festa cultural, no fechamento do **Dasĩpê**.

**Palavras-chave:** Xerente, Dasĩpê, corrida de toras, rituais, nomeação

### Rom kmãdâ wasimrmezem nã waskuze

Kãhã hêsuka krãikrda, aimõ ktãwankõ nõĩ tkrê wamtrê mnõze tô mestrado nãhã, tazi zatô dure tê kmã siwã it kuikre pibumã, antropologia Akwê. Kãñê wat wasku tô kbure aimõ Akwê nõĩ krsĩpsê mnõzem nã ãt kuikre pibumã, nhanê krwasiwam trê mnõ, dasisnã damrõze wat kuikre kuĩkre snã wasku, baknõ nõĩ kãtô kwatbremĩ nõĩ. Kãtô kuiwdê waskuze wat dure kuĩkre, wasiwawise aimõ seis nã ãhêm̃ba wat dure aimõ kuikre.

Ahãmrehã wasaze aimõ nhanê wahĩkba nõĩ tkrê kmãkwamãr mnõze wat dure wasku kuĩkre, tahã wasaze tô ãpsêktabi tô bru hawimsi aimõ wahĩkba nõĩ tkrê kahur . Kãtô tãkãñãhã wasaze wat dure kuikre snã wasku, are tahã wasaze aimõ wat kmã wazar mnõ wa zatô wam tkunê, tokto tô krikahãhawi wat aimõ wasa wat kahur, tanênmê za dahãze nõkwaikmã thêm̃ba. Diabético nã dahãze ãwamtrê mãtô wawai kwa mba tkahã.

## Abstract

My work tells how are log races among the Akwe, and brings some comparison with studies done by authors, great anthropology researchers about log races and about ritual that happen during Dasipe, the great nomination ritual developed in the villages. I think that this dissertation is, in a certain way, an indigenous anthropology about my people Akwe Sherente. I also speak about clan associations, respect among clans, specific treatment language, how is sustainability today and in the old days. I bring a Kupre description, a very strong Akwe Sherente ceremony. It does not happen during Dasipe, but after an elder death; at the time, they make another painting, six clans that form two groups, two lines with the same clan moiety, as for example, Kritodtekwa with Kbazidtekwa and Kuzapdtekwa, a line with the same moiety, and the other is Kraiprehidtekwa with Krozakedtekua and Wahiredtekwa, another moiety. Marriage also happens away from Dasipe, and it can happen during the cultural feast which is also a very strong ceremony made by the girl's uncles. I do also a description of children's log races, adults with a short log, and big log race, in which adult men run such logs by the end of the cultural feast, closing Dasipe.

**Keywords:** Xerente, Dasipe, log races

## Memorial

Meu nome é Afonso Tiikwa Xerente, do povo Akwẽ. Nasci e cresci na aldeia, sou falante de duas línguas e comecei a estudar com doze anos na escola indígena **Waikarnãse**, na Aldeia Salto-**Kripre**, no município de Tocantínia estado do Tocantins.

No povo **Akwẽ** Xerente existem seis clãs, sou do clã **Kbasidtêkwa**, então terminei o primário e logo fui estudar na cidade de Catalão (Goiás), terminei o ensino fundamental e voltei para minha aldeia, e peguei o ensino médio no colégio Frei Antônio, em Tocantínia, mas eu terminei o curso na escola Cemix **Warã**, que fica no centro da Terra Indígena Xerente.

Terminando o ensino médio já comecei a trabalhar como professor e depois fiz o magistério. Em 2010, eu fiz o vestibular para ingressar no curso de Licenciatura Intercultural em formação superior de professores indígenas, e terminei em cinco anos. Hoje, em dois mil vinte, estou concluindo meu mestrado, até chegar aqui, cada degrau foi muito luta para terminar mas, por outro lado, eu aprendi muito. Porque, se sofremos algo que nos prejudica podemos responder e não ter medo de falar que somos indígenas e de reforçar nossa identidade indígena na universidade. Nas aulas do mestrado fiz apresentações e trabalhei no estágio docente, e percebi como é importante divulgar a minha cultura, não só para a universidade, mas para outros países, como eu vi nas leituras de muitos autores de vários países que fizeram as suas pesquisas, e antropólogos aqui no Brasil com vários povos indígenas, e isso é importante sim.

Porque esses livros são lidos dentro da universidade, principalmente pelos discentes indígenas e não indígenas, talvez pode faltar vários aspectos das culturas de um povo indígena que o pesquisador deixa de observar. Por exemplo, meu povo Akwẽ foi pesquisado por vários antropólogos, mas tem coisa que ficou para trás e hoje eu mesmo quero pesquisar meu povo **Akwẽ** para falar com mais detalhes. Quem sabe no futuro a UFG publica essa dissertação na forma de livro.

Senti bastante dificuldade para ler os textos teóricos, mas os professores do PPGAS me ajudaram bastante.

Falar do ingresso de um aluno indígena na universidade era muito difícil antes da criação das cotas raciais; nenhum candidato indígena compete com alunos não indígenas em pé de igualdade e, assim, nos cursos tais como letras, matemática e outros, eu mesmo tentei umas duas vezes pelo ENEM, sem conseguir. Em 2007 foi criado o curso de licenciatura intercultural superior indígena aqui na UFG, um curso diferenciado. Entrei nesse curso em

2010, no qual eu fiz durante cinco anos esse curso e tinha também um programa de estudos e pesquisa chamado Saberes Indígenas. Tudo isso, graças aos recursos financeiros da universidade UFG, e do PROLIND, ligado ao MEC. Esses programas ajudaram muito para me desenvolver no meu curso e para produzir o material didático.

E são dos alunos Akwẽ e dos professores da intercultural e seus projetos extra-escolares, os projetos apresentados ao final do curso, que se tornaram livros e material didático nas escolas indígenas Akwẽ, e que hoje esses livros estão sendo uma ferramenta nas escolas indígenas Akwẽ.

Com a presença de alunos indígenas na UFG, a universidade ganha mais força e assim pode ter menos preconceitos. Mesmo assim, ainda sentiremos na nossa pele o racismo. Mas, atualmente se fala de cultura indígena dentro da universidade e tem aluno indígena que mostra sua cultura, suas práticas culturais. Mas, ainda tem pouca coisa escrita sobre a cultura indígena, porque tem poucos universitários indígenas, principalmente no mestrado e doutorado. Eu quero escrever a cultura do meu povo **Akwẽ** Xerente.

A vivência de um acadêmico na universidade ainda é difícil, porque a maioria dos alunos indígenas são casados, assim deixamos as nossas famílias nas aldeias, sentimos muita falta dos parentes e do nosso jeito de viver. Aí temos que fazer duas despesas, como por exemplo, pagar aluguel aqui em Goiânia e suprir as necessidades lá na nossa casa. Outra coisa também, como indígenas, temos que cumprir e seguir as regras e as exigências da universidade.

Na alimentação não temos o costume de alimentar somente com a comida cozinhado de verduras; na aldeia, na nossa casa, fazemos a carne assada, peixe moqueado, também consumimos a mandioca, farinha, milho ralado.

Nossa comunicação é na linguagem oral. Hoje a universidade nos recebe bem, parabenizo e agradeço a universidade, está criando o nome com a entrada dos alunos indígenas e temos que deixar um recurso como um livro publicado, com os autores indígenas; nós, como indígenas temos que refletir sobre isso, trabalhar mesmo no nosso contexto amplo porque temos apoio pela universidade. Hoje, em 2020, somos cinco mestrados no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social -PPGAS, sendo que três já defenderam suas dissertações. Isso é muito importante, é um caminho já feito para os indígenas; temos que pensar também futuramente em indígenas no doutorado, assim podemos fazer a nossa defesa dentro da nossa área.

Porque até hoje não somos respeitados pelos governos, que não querem nos enxergar como cidadãos brasileiros com direitos legais. Isso não é bom para a gente como indígena, mas se chegarmos no grau de doutorado dará para debater, por isso eu escolhi o meu mestrado em Antropologia, que tem a ver muito com a realidade do meu povo **Akwẽ** Xerente. A partir desse estudo vou ter mais visão de como a valorização da cultura é importante não só para meu povo mas também para meu mundo ocidental, assim somos reconhecidos.

Eu e **Samuru** Xerente, meu colega de turma de mestrado, apresentamos no núcleo **Takinãhakã**, em maio de 2018, o cântico, para os professores da licenciatura com o significado da dança do peixe. Isso porque eu gosto de cantar na minha aldeia onde acontece o ritual do **Dasĩpê**, eu canto para a criançada, o instrumento é somente o maracá.

Agora vou trabalhar para deixar escrita minha dissertação, aqui na UFG, para que os alunos não indígenas acreditem que tem a cultura viva nos povos indígenas. Aí eles vão saber que os índios têm sua cultura.

Para nós indígenas é mais rápido compreender os costumes dos não índios, quando um indígena entra na universidade, mas quando o não indígena entra na aldeia é muito difícil entender a convivência do povo indígena. Primeiro, não compreende nossa língua materna, mas um indígena já fala um pouquinho de português. Já vi muitos pesquisadores aqui na minha aldeia Salto Kripre, eles tem muito dificuldade para pegar os nossos costumes, isso que eu quero comparar.

Como um acadêmico indígena tem facilidade de interagir com os não indígenas? Para mim é muito fácil me acostumar porque nas cidades não tem essas regras que temos, quer dizer, as regras da cultura. Bom, o que é complicado um pouco é o português. Para falar dentro da sala e fora da universidade.

Agora na aldeia não, se um não indígena vai passar um bom tempo aí, primeiro tem conhecer a vida social, os costumes daquele povo, principalmente respeitar a cultura ali dentro, na festa cultural, por exemplo, tem que andar com a pintura corporal, comer aquele alimento tradicional. Então é muito difícil um pesquisador se acostumar alguns a rituais.

## INTRODUÇÃO

Nimuendajú (2001) afirmou que vários povos Macro-Jê tem o ritual da corrida de tora.

São eles:

- Timbira
- Kre / pumkateye
- Pukabyex
- Krikateye
- Gavião
- Krahô
- Parekramekra
- Apanyekra
- Ramkokamekra
- Cakamekra
- Apinaye
- Kayapo do Norte
- Kayapo do Sul
- Xerente
- Xavante
- Kamakran
- Barbados
- O tschukayan
- Pyacú
- Prov. Itatin
- Fulnió
- Índias do Brejo dos padres

As equipes da corrida de tora dançam em volta na praça da aldeia. Na verdade é chamado de pátio da aldeia, ou **Warã**, onde se espera a chegada das toras grandes, que são colocadas em pé com a ponta pra cima, segundo os anciões.

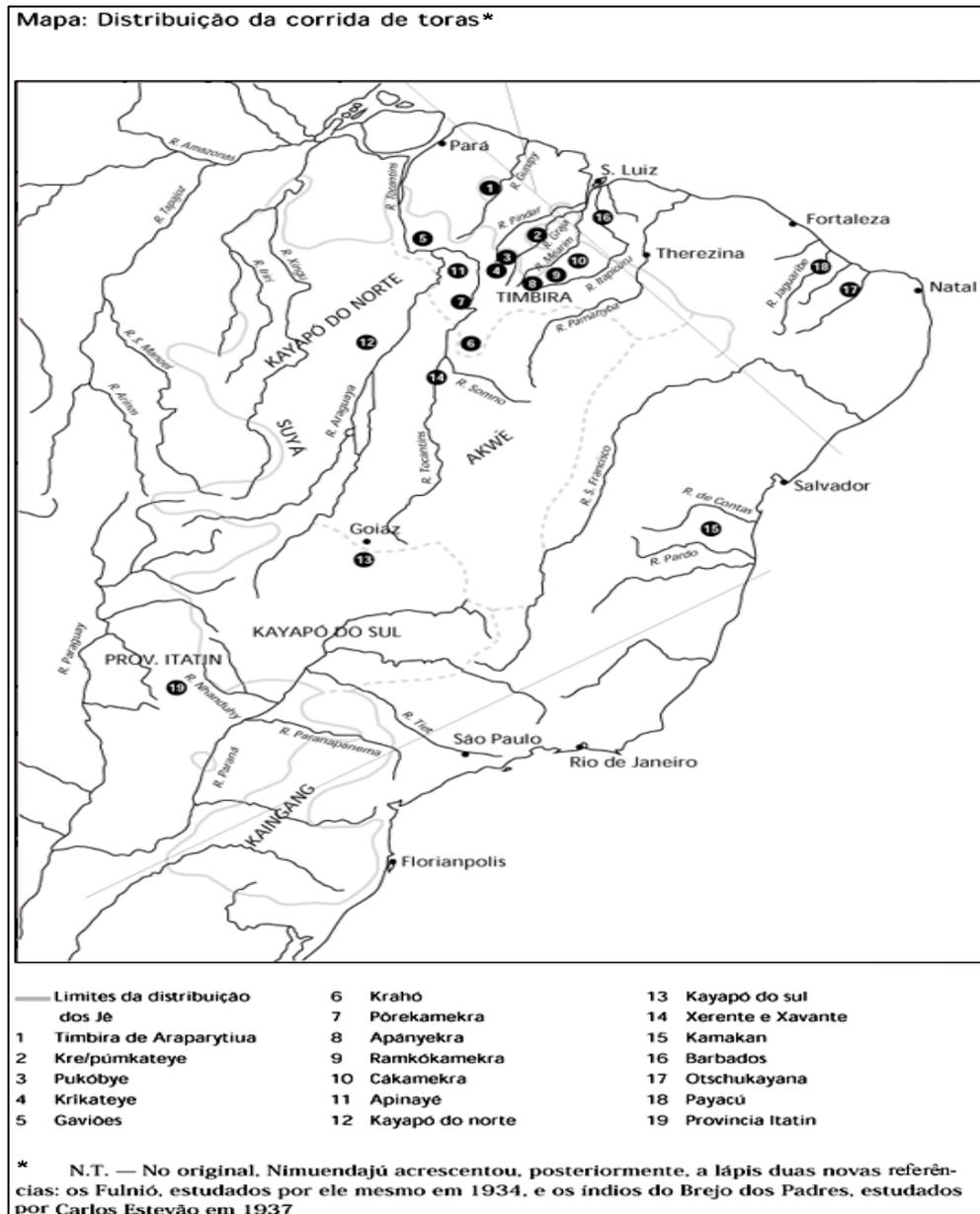


Figura 1- Mapa e relação dos povos que correm com toras

Nimuendajú (no original), 1942.

O mapa do Curt Nimuendajú mostra os povos Jê que praticam o ritual da corrida de toras, cada um com suas regras diferente. A maioria desses povos estudados pelo autor pratica a corrida de toras nas festas culturais mas, alguns assim que terminam a caçada, já vão cortar a tora curta, como por exemplo os Krahó. O autor Júlio César Melatti escreveu sobre o povo Krahó, quando um dele sonha com a tora muito pesada é sujeito a matar uma anta, mas se sonhar com a tora mais leve é sujeito a matar uma caça média, como o veado. Assim todos os povos com seus pontos de definição.

O autor Nimuendajú afirmou que os regionais pensavam que a corrida de toras no povo **Akwẽ**Xerente fosse uma prova de casamento mas, minha pesquisa sobre essa modalidade de disputa, me permite afirmar que, pelo menos na atualidade, ela é parte do ritual **Dasĩpê** e não está ligada aos ritos de casamento. A realização das corridas será detalhada nesta dissertação em que se demonstrará esta afirmação.

O autor também afirma que o lugar da chegada das toras de praça, mas na verdade é o pátio da aldeia, na linguagem é **Warã**. Se nos **Akwẽ** há dois partidos, o **Htãmhã** e o **Steromkwa**, nos Krahó existem sete partidos que competem na corrida de tora.

A prática da corrida de toras acontece a partir das oito horas da manhã e/ou às tardes, quando o sol esfriar. A corrida da tora grande só acontece no final da festa **Dasĩpê** e, segundo os anciãos que entrevistei, a tora grande é a força para a nomeação masculina, se a corrida de tora grande não acontecer, também não vai ter a nomeação.



*Figura 2- Dança ao redor das toras*

FONTE: FOTO DE CURT NIMUENDAJU DATADA DE 1930, IN:

[HTTPS://PIB.SOCIOAMBIENTAL.ORG/PT/POVO:XERENTE](https://pib.socioambiental.org/pt/POVO:XERENTE), ACESSO EM FEVEREIRO DE 2020

Os Xerente eram muito fortes nos anos 1930, cantando e dançando em círculo da tora grande depois de chegar no pátio.

Nos anos de 1930, o povo Xerente não tinha contato com os não indígenas, a festa cultural o **Dasîpê** era secreta, o homem branco não podia ver essa festa cultural, nesse tempo era bom para eles porque não se consumia a comida industrializada, então não tinha a diabetes e nem outras doenças. Os **Akwê** apenas consumiam comida tradicional, e também não eram vacinados, segundo meu pai, que hoje não se encontra vivo.

Hoje temos que usar também os dois medicamentos o tradicional e farmacêutico, e o **sekwa** tem que está incluída também.

Em 1946 a epidemia de sarampo atacou os povos brasileiros, então ocorreu muita mortalidade, porque não tinha anticorpos, proteção do corpo, no povo Xerente que meu pai contava que ele quase morreu também, só ficaram 42 pessoas e essas 42 pessoas foram se multiplicando e hoje estamos com quase 4 mil da população.

No meu ponto de vista, sem a divulgação da cultura nenhum povos originário é reconhecido. Temos que divulgar a nossa cultura, mesmo com a divulgação das nossas culturas ainda não somos vistos pelas pessoas ocidentais.

Precisamos mostrar através das escritas, como eu estou escrevendo a minha cultura através das pesquisas.

Pretendo estudar a corrida de toras entre os **Akwê**, um importante ritual que envolve a cultura, a língua, a cosmologia, inclui velhos, adultos, jovens, crianças, homens e mulheres. Tenho como perguntas tentar entender quais as relações, quais as regras presentes na corrida de toras e que fazem parte do processo de aprendizagem e de constituição do ser **Akwê**. A pesquisa será realizada nas aldeias **Akwê**, na Terra Indígena Xerente, no estado de Tocantins.

O meu trabalho escrito é do ensinamento do meu pai em primeiro lugar, do ensinamento dos anciões, e depois dos meus próprios conhecimentos como um membro do meu povo **Akwê**. Desde os doze anos já participava das festas culturais, ouvindo os ensinamentos dos anciões no pátio da aldeia, onde durante o **Dasîpê** eles contavam os rituais que vai realizado na festa cultural. Como por exemplo, nomeação feminina e masculina, a dança do **Padi** (tamanduá bandeira), então são muitos ritos para acontecer durante a festa cultural. Mas o **kupre** não acontece na festa cultural é uma cerimônia muito forte e acontece somente quando houver a morte dos anciões repetidos, aí o **kupre** acontece para dar uma parada de morte, segundo os anciões.

Então sentei para pensar e refletir sobre o que eu sei e comecei a escrever, para ficar escrito. Eu gosto muito da festa cultural, já dirigi o cântico à noite para os rapazes e meninas,

isso foi o ancião que me deu oportunidade. Daqui para frente, meu sonho é celebrar o casamento tradicional de algumas sobrinhas e fazer discursos, mas tenho que aprender.

O povo Akwê é da oralidade e agora eu estou colocando na escrita para nossa cultura ficar registrada e divulgada, no Brasil e fora do país, para lermos e refletirmos sobre a nossa cultura aqui no Brasil, porque quando eu li os grandes pesquisadores que apresentam outros tipos de povo, de outro países, achei muito interessante.

Como sou um professor na minha aldeia, já organizei intercâmbio cultural da minha escola com as outras escolas indígenas, então eu trabalho nas pinturas corporais nas preparações da corrida de toras para os alunos competirem, faço a cantoria junto com os alunos, eu ensino sobre o respeito entre os clãs, na prática e na escrita, isso tudo que eu aprendo nas festas culturais. Por isso, eu escrevo o meu trabalho na realidade, que eu aprendo aqui no curso de antropologia social.

A corrida de toras é um ritual que o povo Xerente tem e está vivo ainda na cultura do povo Akwê. A corrida de tora é muito semelhante na festa do **Dasĩpê** festa cultural e pertence aos homens, mulheres e crianças que são o peso da festa **Dasĩpê** e, por isso, praticamos e ensinamos para as nossas gerações na escola e na prática.

### **Metodologia**

Eu fiz entrevistas gravadas com os anciões das aldeias sobre a corrida de tora do povo Akwê Xerente, os corredores das toras.

Eu já participei do Dasĩpê, nosso importante ritual dos Akwê, onde ocorre a principal corrida. Este ritual aconteceu em julho de 2014, na minha aldeia. Por este motivo, trabalhei com as entrevistas e com minha memória e meus próprios conhecimentos e não pude fazer observação participante.

Fiz a leitura da bibliografia referente aos Akwê, disponível na internet e na biblioteca da UFG e do museu antropológico da UFG).

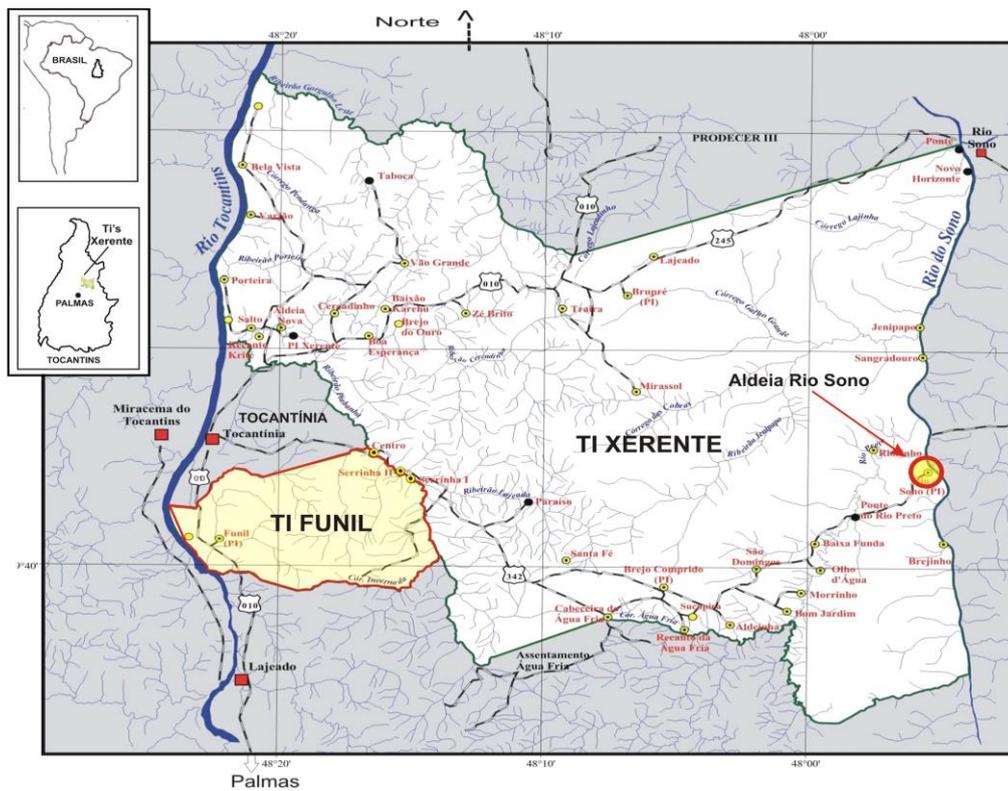


Foto 1: Mapa das terras indígenas Xerente e Funil

Fonte: [http://www.uft.edu.br/neai/file/diss\\_genilson.pdf](http://www.uft.edu.br/neai/file/diss_genilson.pdf) (acessado em novembro de 2014)

## **A Aldeia Salto Kripre, onde moro**

A foto 1, logo abaixo, mostra uma vista parcial da minha aldeia Salto Kripre, que foi fundada e registrada em 1993, pelo ex-Cacique Sr. Valdir **Sitmõwe** Xerente, localizada na Terra Indígena Xerente, município de Tocantínia (Tocantins). **Kripre** é uma das maiores aldeias da T.I. Xerente, hoje tem 105 famílias e 460 pessoas que moram nessa aldeia, inclusive eu que moro aí. Tem vinte e quatro casas de tijolos feitas pelo governo estadual, muitas casas de madeira e palha. Essa foto mostra como uma vila de alguma cidade, mas é a aldeia Salto **Kripre**. Tem campo de futebol e nesse campo fazemos o **dasîpê** (ritual de nomeação). A dança e cântico durante a noite e, na nomeação feminina e masculina todos os homens vão cantando de casa em casa, com duas meninas que estão sendo nomeadas, e batendo o bastão no chão, e o local da chegada das corridas de toras é no campo de futebol, tem a energia elétrica e quase em todas as casas tem o aparelho de televisão, muitas tecnologias mas nem tanto moderno.



**Foto 1: Vista parcial da aldeia Salto Kripre.**

Autor: Afonso Tiikwa Xerente 2020.

Em cada casa mora um casal com seus filhos e, pela regra, o homem deve ser de um clã diferente de sua esposa. Muitos homens recém-casados moram com seu sogro ou sogra. Eu morei aí com meu sogro por um ano.

**Kripré** é uma aldeia muito boa, as crianças se divertem livremente todos os finais de tarde com as brincadeiras que aprendem na escola. Eu, como professor, usava o pátio para fazer as práticas da corrida de toras e cânticos, brincadeiras como futebol, corrida de taquari, cabo de guerra com os adolescentes e até mesmo para os homens adultos e mulheres. Ainda hoje os professores ocupam esse espaço.

A aldeia do Salto **Kripre** fica a treze quilômetros da cidade de Tocantínia. Cada família faz suas roças tradicionais, produz arroz, feijão-de-corda e a mandioca, a mais produzida para fazer a farinha. Nessa aldeia se criava gado, mas hoje não tem mais. Acabamos com o gado, porque o gado não deixava fazer a roça tradicional, porque o gado invade as roças.

O rio Tocantins, que na nossa linguagem é chamado **Kâwawe**, passa a um quilômetro da aldeia Salto **Kripre**, mas tem também um córrego que fica a quinhentos metros da aldeia Salto **Kripre**, chamado Cercadinho e na linguagem **Kâwakmôrê**. É também o nome de uma aldeia, Cercadinho **Kâwakmôrê**, do professor Roberto **Sipkuze** Xerente.

Ali, ao redor da aldeia Salto Kripre, existem muitos frutos nativos, como o buriti, o murici grande e médio, dois tipos de murici. Há também os animais, muitos pássaros. Cada família tem suas criações domésticas. Criamos mais galinhas. E cães que servem como vigias da casa. Todos os anos fazemos aniversário da nossa aldeia. Nesse ano de 2020, mês de fevereiro, a aldeia completou seus 27 anos.

A aldeia Salto **Kripre** possui a Escola Indígena **Waikarnãse** e os professores indígenas. Posto de saúde com suas equipes profissionais. Possui também água encanada tratada. Foi a primeira aldeia a receber o curso de formação de professores indígenas, a Licenciatura Intercultural Indígena, da Universidade Federal de Goiás. Em 2007 foi a primeira a ter a etapa na aldeia Salto **Kripre**.



*Foto 2: Dos meninos da aldeia Salto Kripre*

Autor: Afonso Tiikwa Xerente 2020.

Minha pesquisa de campo foi assim. Tirando foto com os meninos da aldeia Salto. Eles não tem horas para sua diversão, todos os dias é assim. Eles se comunicam somente na linguagem, o que é importante para nós **Akwẽ** Xerente. Eles são meus alunos também. Todos os dias eles são assim, a convivência deles é livre, eles vão pescar com os pais, eles trabalham na suas roças com os pais, uns deles estudam em escola não indígena, em Tocantínia, ou no Centro de Ensino Médio Xerente -CEMIX. Os meninos **Akwẽ** Xerente são dispostos para tudo, principalmente quando acontecem as atividades culturais, eles cantam bem, escrevem bem na linguagem **Akwẽ**.



*Foto 3: Vista parcial da aldeia e início da estrada que sai do Kripre para outras localidades*

Autor: Afonso Tiikwa Xerente 2020.

Essa estrada leva para as demais aldeias e para cidade de Tocantínia. Nesta foto n<sup>o</sup>. 3 vê-se o lugar na aldeia Salto **Kripre** quando se chega da cidade.



*Foto 4: Vista parcial do fundo da aldeia e início da estrada para as aldeias Angelim e Porteira Nrõzawi*

Autor: Afonso Tiikwa Xerente 2020.

Daqui segue-se para a aldeia Angelim e para aldeia Porteira **Nrõzawi**. A distância é de seis quilômetros. É outra aldeia muito grande, a comunidade da aldeia Salto vai jogar bola e se estiver acontecendo o **Dasĩpê** todos vão participar lá na aldeia Porteira **Nrõzawi**. Quando acontece aqui na aldeia Salto **Kripre**, os **Akwẽ** da aldeia Porteira vem também para participar.



*Foto 5: Meninos jogando bola no centro da aldeia Salto Kripre*

Autor: Afonso Tiikwa Xerente 2020

Na foto acima, vê-se os meninos **Akwẽ** Xerente, jogando bola no centro da aldeia Salto **Kripre**. Eles gostam de jogar com tempo fresco ou depois da chuva. É muito importante isso na vida dos meninos, e assim também na das meninas, que gostam também da sua diversão.



*Foto 6- Primeira igreja batista instalada no Kripre*

Autor: Afonso Tiikwa Xerente 2020

A primeira igreja batista veio juntamente com a fundação da aldeia Salto **Kripre**. O pastor Rinaldo de Mattos, que aqui morou desde 1993 até 2015, ajudou muito na sua missão. Muitos **Akwẽ** frequentaram a igreja onde alguns se formaram como pastores **Akwẽ** e até tem um grupo musical **Akwẽ**, com o nome de Quarteto Xerente. A música é cantada na linguagem **Akwẽ**. Em vídeo, Rinaldo de Matos explica que, anteriormente, a língua **Akwẽ** era só falada e não tinha escrita; e ele fala que foi ele quem criou o alfabeto na linguagem e esse alfabeto é utilizado até hoje e virou o material didático. Até hoje os professores indígenas usam. Então ele é muito importante para os **Akwẽ**.



*Foto 7- Novo prédio da igreja batista construído em 2020, na aldeia Kripre*

Autor: Afonso Tiikwa Xerente 2020

A primeira igreja veio se modernizando, essa da missão batista. Foi construído novo prédio recentemente, no ano 2020, onde os cultos de louvor são dirigidos pelos próprios **Akwẽ**, e os hinos de louvor são cantados na nossa língua. O pastor Rinaldo de Mattos fez a tradução do português para a linguagem **Akwẽ**, até mesmo da bíblia ele fez tradução. Depois, ele distribuiu a bíblia para todos os professores **Akwẽ**. Serve como material didático na sala de aula, até eu já lecionei com esses livros produzidos pelo pastor, isso para nós **Akwẽ** é uma língua escrita. Hoje, o resultado é muito bom para o povo **Akwẽ**, esse pastor não obriga o povo **Akwẽ** a ir nessa igreja; apenas ele faz o convite e na congregação dele, ele chama os **Akwẽ** para aceitarem Jesus Cristo como seu salvador. A cultura, em seu particular, o pastor Rinaldo não proíbe, os **Akwẽ** fazem o **Dasĩpê** e ele está sempre junto, participando e, por isso, hoje ele fala fluentemente nossa língua, faz também discurso que nós, como jovens, não dominamos essa modalidade, mas estamos indo para fazer essa aprendizagem. Eu, por exemplo, estou com 39 anos. Minha obrigação é aprender desde já.

Em julho de 2016 começou a vir gente do Instituto Adventista do Brasil Central (IABC) de Anápolis (Goiás). Primeiro vieram só para fazer culto com os **Akwẽ**, logo em 2018 veio essa construção (foto abaixo), uma nova igreja chegou à aldeia Salto **Kripre**. Mas houve alguns benefícios, fizeram várias construções, um novo centro comunitário que fica na

beira do campo de futebol, isso serve muito para a comunidade da aldeia. Todos os eventos são realizados nesse centro, as reuniões para uma organização.



*Figura 3- Igreja Adventista do Brasil, recém instalada na Kripré*

Autor: Afonso Tiikwa Xerente 2020.

A missão do IABC também não proíbe a realização da cultura, na minha observação eles gostam muito da nossa cultura. Em todas as construções eles fazem em mutirão, como na limpeza da aldeia Salto **Kripre**. Isso foi muito bom, ajudou na nossa higiene, para evitar muitos sintomas das doenças como gripe, febre, diarreia. São umas doenças que atingem principalmente as crianças.

E nós, **Akwẽ** Xerente, tivemos uma aprendizagem com eles sobre higiene. Hoje a aldeia Salto **Kripre** se mantém limpa, porque cuidamos dela. É uma posição muito importante hoje e a comunidade teve a sua participação durante um mutirão. O acompanhamento dos professores indígenas foi muito maior. Enquanto tem outra evangelização, que não permite alguns povos indígenas não se comunicarem na sua linguagem e de praticar a sua cultura. Eu tive uma experiência de estar numa sala de aula como monitor de uma turma na licenciatura, quando um indígena parente Guajajara falou que tem uma igreja que não deixa eles se

comunicarem na sua língua e nem praticar sua cultura. Aqui no povo **Akwê** Xerente não aceitamos esse tipo de igreja, se caso vier, descartamos.



*Foto 8- Centro Comunitário Da aldeia Salto Kripre.*

Autor: Afonso Tiikwa Xerente 2020

Esse centro foi feito quando se iniciou a construção das casas de telhas<sup>1</sup>, hoje está assim, mas a nossa ideia é fazer a reforma desse centro.



---

<sup>1</sup> As casas de alvenaria e de telhas de barro foram um ressarcimento pela construção da Usina Hidrelétrica do Lajeado.

*Foto 9- Novo centro comunitário da aldeia Salto Kripre construída pela Igreja IABC*

Autor: Afonso Tiikwa Xerente 2020

Acima, na foto no. 9, se vê o novo centro da aldeia Salto **Kripre**, construída pela Igreja IABC, onde hoje acontecem todos os eventos da aldeia. Fica ao lado do campo de futebol.



*Foto 10- Vista da aldeia Salto Kripré, no lado oeste*

Autor: Afonso Tiikwa Xerente 2020



*Foto 11-Criança na beira do Rio Tocantins*

Autor: Augusto Dakburõikwa 2020.

Essa criança é minha sobrinha, chamada **Wakrtidi** Xerente, filha da minha irmã **Tpêdi** Xerente com o Augusto **Dakburõikwa** Xerente. Todas as crianças gostam de tomar banho no rio a partir dessa idade elas já sabem nadar bem. Esse é o rio Tocantins, fica a um quilômetro da aldeia Salto **Kripre**, todas crianças vão a pé para esse rio. O local dessa praia é rio Piabanha (**Siprkrtinãrda** ). No verão vamos todos tomar banho. Eu pedi para o pai dela colocar essa foto na minha dissertação e ele deixou.

Na foto abaixo vê-se uma casa de palha, da aldeia Salto **Kripre**, que ainda os **Akwẽ** Xerente prevalecem fazendo a casa de palha. É uma casa muito bonita e linda, uma casa dessas. É ventilada para sempre. Tradicional, ainda valorizamos a tradição dessa casa.



*Foto 12-: Casa de palha da aldeia Salto Kripre.*

Autor: Afonso Tiikwa Xerente 2020.

No quintal das casas no Salto **Kripre** os **Akwē** plantam muitas plantas alimentícias, para o seu consumo, como a banana, mandioca, batata e criam galinha caipira. Eu pedi para fotografar essa casa e as bananeiras, para registrar a importância desse alimento.



*Foto 13- Lateral de uma cozinha externa com plantação de bananas*

Autor: Afonso Tiikwa Xerente 2020.

Na foto abaixo está o posto de saúde, da SESAI, depois da reforma. Onde o povo **Akwẽ** Xerente tem a sua referência de procurar quando está mal. A reforma terminou em 2018 e foi entregue para a comunidade da aldeia Salto. Eu li a dissertação da Kárita Segato, defendida em 2014<sup>2</sup> que fez a sua pesquisa na aldeia Salto **Kripre**, esse posto de saúde estava ruim na foto que eu vi, mas hoje está bem reformado. A moto é de um servidor.



*Foto 14- Posto de saúde na aldeia Kripre, da SESAI, depois da reforma*

*Autor: Afonso Tiikwa, 2000*

A seguir, apresento uma relação das famílias que moram em minha aldeia Salto **Kripre**:

**Famílias Akwẽ que moram na casa de telha anos anteriores e 2020 atuais. Na aldeia Salto Kripre**

Como sou do povo **Akwẽ** e eu moro nessa aldeia, eu fiz esse mapeamento com a minha memória própria

---

<sup>2</sup> - RODRIGUES, Kárita Segato. Saúde reprodutiva das mulheres Akwẽ-Xerente: uma perspectiva intercultural. 2014. 168 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

Kri casa 01, 2012 morava a Sibakadi Xerente clã Wahirê 2020 moras Dakukreikwa casado clã Krosake e Wahirê.

Kri casa, 02, 2012 morava Agripino Wakuke Xerente casado do clã Krozake e Kuzâ 2020 moras Lenivaldo Srôzdazê Xerente casado com não indígena do clã Kbazi.

Kri casa 03, 2012 morava Sebastião Dawakreikwa Xerente casado do clã Kuzâ e Kbazi 2020 mora Rairan Rowasde casado clã Kuzâ mesmo clã.

Kri casa 04, 2020 mora Osmar Smirêzane Xerente casado do clã Wahirê com o mesmo clã.

Kri casa 05, 2020 mora Smikidi Xerente clã Kbazi casada com não índio.

Kri casa 06, 2020 mora Franscerlei Kasuwamri Xerente casado clã Kbazi com o mesmo clã.

Kri casa 07, 2020 mora Lurdes Kakmeku Xerente casada com não índio clã Kbazi.

Kri casa 08 – sem informação

Kri casa 09, 2020 Silvino Sinãwe Xerente casado, clã Kbazi com o mesmo clã.

Kri casa 10, 2020 mora Valdir Sitmõwe Xerente clã Kbazi e Wahirê.

Kri casa 11, 2020 mora Sntino Sitmõru Xerente clã Wahirê e Kbazi

Kri casa 12, 2020 mora Pedro Smissuite Xerente anção clã Kbazi.

Kri casa 13, 2020 mora Davi Samuru Xerente diretor da Escola Indígena Waikarnãse clã Wahirê e Krozake.

Kri casa 14, 2020 mora Augusto Sõwe Xerente clã Kbazi e Kuzâ.

Kri casa 15, 2020 mora Bartolomeu Ainãhrâ Xerente clã Kuzâ e Wahirê.

Kri casa 16, 2018 morava o Sebastião Srêzdazute Xerente clã Wahirê com o mesmo clã que se mudou, 2020 mora Ivanilene Hirêki Xerente casada clã Wahirê e Kbazi.

Kri casa 17, 2020 Samuel Xerente casado clã Kbazi e Wahirê.

Kri casa 18, 2020 moras Suzana Brudi Xerente clã Kbazi e sua mãe clã Wahirê que me pegou em suas mãos.

Kri casa 19, 2020 mora Valci Sinã Xerente casado clã Kuzâ e Wahirê.

Kri casa 20, 2020 mora Iraci Xerente Viuvá.

Kri casa 21, 2020 mora Manoel Sirnârê Xerente Professor clã Kuzâ e Wahirê.

Kri casa 22, 2020 mora Valdir Kupsinã Xerente viúvo,

Kri casa 23, 2020 mora Sebastião não índio casado com mulher do clã Wahirê.

Kri casa 24, 2020 mora Roni Xerente casado clã Kuzâ e Wahirê.

### **A aldeia Nrôzawi (Porteira)**

A aldeia Porteira, **Nrôzawi** na língua materna, é umas das aldeias mais antigas e também é uma dos maiores, com cerca de 400 pessoas. Antes de eu nascer, essa aldeia já existia, e meu pai morou lá algum tempo. Localizada na Terra Indígena Xerente, município de Tocantínia, estado de Tocantins, é uma aldeia um pouco diferente da aldeia Salto **Kripre**. O formato dela não é igual ao da aldeia Salto Kripre que é circular, mas as casas ficam em paralelo e em cada casa mora um clã<sup>3</sup>, mas na hora do **Dasîpê** (Festa cultural) todos se juntam de dia e de noite. À noite acontecem os cânticos e as danças.

---

<sup>3</sup>Há um conjunto de clãs que se identificam pelo padrão das pinturas corporais: os de bolinha e os de listras.



*Figura 4- Pessoas chegando na aldeia Porteira*

Fonte: <https://orlanoticias.com.br/tre-visita-aldeias-indigenas-de-itacaja-alertando-sobre-compras-de-votos-em-eleicao-suplementar/26-07-2017-aldeia-porteira-xerente-foto-tharson-lobes-secom-24/>, acesso em fevereiro de 2020

A maioria das casas é de madeira e palha. Essa aldeia é conduzida pelo Cacique e vice-cacique, a aldeia Porteira **Nrõzawi** contém água encanada e tratada. Ela possui o campo de futebol, onde as manifestações culturais são praticadas.

O rio Tocantins (**Kâwawe**) fica próximo da aldeia, a quase mil metros da aldeia. Não tem muitos peixes, mas ainda tem poucos. Existem também os frutos nativos, animais e pássaros nativos ao seu redor. Nessa aldeia já tem a criação de gado, que na língua é **Ktâku/Ktâkmõ**, e também os outros animais domésticos. Nessa aldeia tem a escola indígena com os professores indígenas e posto de saúde com sua equipe. Falando um pouco das etapas do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UFG, essa aldeia teve oportunidade de receber uma etapa, e foi bem recebida. Como eu estava cursando ainda lembro-me bem dessa etapa, foi na data aproximada de 2012, foi a segunda aldeia a receber esse curso. A aldeia Porteira Nrõzawi possui energia elétrica e as tecnologias que usadas pelos **Akwẽ** dessa aldeia.

## **A Aldeia Funil**

---

O casamento deve ser exogâmico em relação aos clãs. Mais à frente eu deixarei isso mais claro. Ao que antropólogos chamam de clãs, os Xerente chamam de partidos.



*Figura 5-Mulheres da aldeia Funil durante uma corrida de toras*

Fonte: <https://seduc.to.gov.br/noticia/2017/7/10/programa-id-jovem-e-lancado-em-aldeia-xerente/>, acesso fevereiro 2020.

Ali na aldeia Funil, localizada na Terra Indígena Funil (Tocantínia) tem muitas frutas nativas e animais que servem para consumo. Também existe a apicultura, isso é, criação de abelhas que produzem mel, que os **Akwẽ** consomem muito e serve também para medicamento tradicional. Já os **Akwẽ** de lá tem sua criação de gado (**Ktâku/Ktâkmõ**) na quantidade boa, tem também a criação de porcos, isso tudo para sua sustentabilidade. Principalmente para quando vão fazer o **Dasĩpê** ou um casamento tradicional.

Essa aldeia possui também a sua Escola Indígena com seus professores Indígenas. Possui a água tratada e encanada, tem energia e as tecnologias usadas por eles.

Eu estou descrevendo essas três aldeias, **Kripre**, **Nrõzawi** e Funil porque são referências das outras aldeias. Entre 70 aldeias estou descrevendo apenas três, as outras aldeias também são importantes, mas tem umas aldeias que surgiram agora recentemente, não tem essa estrutura, não tem água tratada, nem encanada, não tem escolas, nem posto de saúde. Nas aldeias novas que surgiram agora recentemente sei que o modo de sustentabilidade é ruim, nem quase tem transporte, essas que surgiram no ano passado, mas há as aldeias que foram fundadas depois dessas três aldeias primeiras e que estão bem estruturadas.

## PARTE I

### O POVO AKWĒ XERENTE

O povo AkwĒ Xerente, com uma população de cerca 4.400 a 4.500 pessoas, se distribui em mais ou menos 93 aldeias, na Terra Indígena Xerente sendo demarcado 14 de setembro de 1972 e com extensão de 167.542,105 hectares. Terra Indígena Funil, município de Tocantínia, no estado do Tocantins; somos falantes da linguagem AkwĒ e do português.

Essas regiões, algumas delas pertencem ao rio Tocantins e outras ao rio Sono; como por exemplo, a região Funil, as aldeias Salto **Kripre**, Porteira **Nrōzawi**, Varjão **Zdarāpa**, Santa Cruz **Kaktowdêhu**, Bela Vista **Kriwahâ**, Mato do Coco pertencem ao rio Tocantins.

Em cada aldeia maior tem as escolas que ensinam a linguagem **AkwĒ** e Português, os próprios professores são indígenas. As escolas abrangem o ensino do primeiro ano até o fundamental, depois as crianças precisam estudar em Tocantínia ou no centro de ensino médio, o CEMIX, que se situa dentro da reserva do povo **AkwĒ** Xerente. Falantes de suas línguas maternas e também a linguagem portuguesa, com sua própria manifestação cultural, as práticas da sua cultura ainda viva.

Também tem o não índio casado com uma mulher **AkwĒ**; alguns deles moram na aldeia e na cidade, mas ainda tem uma cultura muito forte e utilizam a língua **AkwĒ**, mesmo morando na cidade. Muitas vezes, algumas famílias precisam morar em Tocantínia por falta da escola, porque as aldeias pequenas não têm as suas escolas, por isso moram na cidade para que os filhos (as) estudem.

Nas aldeias, algumas escolas são centralizadas e possuem sua extensão para aldeias menores. Tem transporte que circula para levar os alunos para aquela escola da aldeia Salto **Kripre**. Tem cinco aldeias que pertencem à escola Indígena **Waikarnāse** da aldeia Salto **Kripre**. Onde eu também fiz minha primeira série, eu fui o primeiro aluno nessa escola e primeiro tinha apenas até a quinta série. Dali saí para estudar, mas quando terminei o ensino médio já me indicaram para professor, lá mesmo na minha escola. Depois fiz o magistério e terminei em seguida. Logo fiz também superior indígena intercultural em Goiânia UFG Samambaia Campus II.

Agora estou no mestrado. No meu mestrado estou vendo como é importante ser indígena e ter sua cultura própria, que é a nossa identidade hoje essa cultura é apresentada em quase todos os campos do estado do Tocantins. Eu apoio porque através da divulgação da cultura todos não indígenas do Brasil podem nos reconhecer como indígenas. Antigamente os

indígenas era falado somente nos livros então poucos acreditava, mais ainda porque o livro era escrita de maneira muito errada. Eu conheço um livro didático de ciências onde se afirmava que a origem do índio era dos primatas. Mas não é certo, cada grupo indígena tem a sua origem, e também neste livro estava escrito que o índio devorava gente. E tem o não índio que ainda pergunta: “índio come gente?”, “índio veio dos macacos?”, é do jeito que está escrito no livro, mas não é isso.

### **Os partidos (ou clãs) Akwē**

Somos patrilineares, isso quer dizer os filhos pertencem ao pai.

O povo **Akwē** tem seis partidos. Os **Īptudtêkwa** são os donos dos círculos, que são o **Krito**, **Kbazi**, e **Kuzâ** e os **Īsakedtêkwa** são donos das listras, que são **Krozakê**, **Krãiprehi** e **Wahirê**. Então aí tem duas metades diferentes.

**Īptudtêkwa**: partidos com pintura corporal com círculos : **Krito**, **Kbazi**, e **Kuzâ**

**Īsakedtêkwa**: partidos donos das listras: **Krozakê**, **Krãiprehi** e **Wahirê**.

Assim, o partido do **Krito** tem o círculo maior, depois vem o partido do **Kbazi** com o círculo médio, e por último vem o clã do **Kuzâ** é o círculo menor, então consta três partidos.

Ao partido **Krãiprehi** pertence a listra larga, ao **Wahirê** a listra média e ao outro, **Īsake**, também chamado de **Krozake**, cabe a listra mais estreita na pintura corporal. Então constam três partidos ou clãs, caracterizados pela pintura corporal em círculo ou listras. Juntando três de cada um, há seis clãs e são dois grandes grupos que tem grande respeito um a outro.



*Figura 6- Ilustração das pinturas corporais dos clãs Akwẽ Xerente*

*Fonte: Sinã, Valci. Nisizen re hã hesuka (2011, página 18)*

Os antropólogos enfatizam o sistema de metades entre os povos Macro-Jê, como um elemento fundamental da estrutura social. Mas para os **Akwẽ**, o que determina a percepção da diferença de pertencimento são as pinturas corporais herdadas através da patrilinearidade. A relação de respeito de complementaridade entre pares de clãs com círculos e com listras determina a teoria social, mais do que a ideia de metades, um conceito estrangeiro para eles.

Por exemplo, sobre a pintura corporal no **Dasĩpê**, na nomeação feminina, se for nomeada uma menina do **Kbazi**, o par dela tem que ser o do clã **Krozake** e o nome pode ser igual, como por exemplo: se a menina **Kbasi** receber o nome **Sibaka**, a **Krozake** também tem que ser **Sibaka**.<sup>4</sup> Este nome tem seu próprio cântico que os anciãos cantam e também a comunidade, principalmente os homens, que acompanham os anciãos cantando. As duas meninas que estão sendo nomeadas recebem a pintura corporal e as tias colocam os colares, para ficarem bem caracterizadas.

Eles vão cantando. Os homens que vão batendo o bastão no chão, de casa em casa, e a menina que está recebendo o nome as tias vão dançando perto da sobrinha, assim as aldeia

<sup>4</sup> - Valci Sinã fez um estudo pioneiro sobre a nomeação entre os **Akwẽ**, em seu projeto extraescolar, defendido em 2011, intitulado *Nisizen re hã hesuka*.

toda vai saber o nome da menina. Nesse cântico não importa qual clã é todos os homens que vão acompanhar os anciãos, quem não sabe ali vai aprender um pouco do cântico da nomeação feminina, até aprender bem o cântico e saber também que esse nome é aquele nome feminino e a hora de colocar a nomeação é de manhã e a tarde.

Julio Cezar Melatti pesquisou o povo indígena **Krahó** (estado de Tocantins). Eles são um povo Timbira, juntamente com os **Apinajé**, **Apaniekra** (Canela), **Krikati**, **Gavião** formam um complexo cultural entre Tocantins e Maranhão, todos fazendo parte do tronco Macro-Jê. Em 1944 criou-se uma lei que garantiu sua área, é um povo de organização dualista, segundo Melatti. Assim como é o povo **Akwẽ**, e outros Macro-Jê.

Nos **Krahó** a mulher pertence à metade do seu marido e assim também os filhos, o autor afirma que esse povo tem várias pares de metades e um desses pares é chamado de **Wakmeye** e **Katamye**, e esse dois partidos tem significado muito forte, para os **Krahó**, um é o dia, estação seca e outro, a noite, estação chuvosa e a cada um deles corresponde a vários de nomes pessoais. No povo Xerente tem seis clãs e cada um desses clãs tem seu próprio estoque de nomes, mas um clã pode emprestar o nome de outro; um ancião pode pedir o nome de outro clã para seu filho ou neto, mas não pode repassar para outro e se ele morrer o nome precisasse devolvido para o clã de origem.

No final da página três (Melatti:1976) fala um pouco da resguardo, do homem **Krahó** que, após o nascimento do criança, não pode consumir carne. No povo **Akwẽ** ocorre também o mesmo, pois assim que a mulher ficar gestante já começa o resguardo, tanto do homem quanto de sua mulher. O homem tem que ter muito cuidado de matar uma caça que pode fazer mal para criança ao nascer, tal como a cotia que é uma caça de pelo e se a mulher gestante comer, a criança pode causar o cabelo vermelhado; o homem também não pode ver uma sucuri porque ao nascer a criança, a alma dessa sucuri pode enrolar nessa criança e só o **sekwa** pode tirar essa alma desse sucuri. Então todos esses cuidados nomeio do **Akwẽ** são importantes também e se o **sekwa** não estiver na hora do nascimento da criança, ela pode até morrer, porque é muito pesado para a criança recém-nascida.

Assim ocorre também com os peixes e aves: a mulher gestante não pode comer qualquer peixe nem qualquer ave, porque também podem fazer mal à criança, se a mulher comer. Mas hoje as mulheres talvez não saibam desses processos, porque elas consomem esses alimentos e os homens jovens também podem levar qualquer caça para sua mulher. Às vezes, devido à falta de experiência, aí a criança nasce com vários problemas, às vezes a

criança nasce doente e ele(a) já é levado direto para hospital, mas o certo é mandar o **sekwa** para olhar essa criança, para ver se está com problema de espírito da natureza.

As mulheres **Krahó** após o parto podem comer batata-doce, inhame, milho branco e coco macaúba. Já no povo **Akwẽ**, no pós-parto, a mulher come arroz, abóbora e pode comer também a galinha caipira e alguns tipos de carne de caça e peixes, mas não podem comer aves mas, passando dois meses já pode consumir as caças, somente peixe de escama e somente com seis meses pode comer o peixe de couro.

Melatti (1976) aborda o parentesco consanguíneo, que é gerado do pai para filho, irmão e irmã, assim também é no povo **Akwẽ** Xerente. Como o **Akwẽ** tem seis clãs de respeito, um desses clãs acompanha a corrente sanguínea, então dentro dessa corrente é considerado como o irmão. Por exemplo, o clã **Doí**, com os outros clãs com círculos na pintura corporal, o médio e o grande. Esses todos são parentes bem próximos. Do outro lado são mais três clãs que é **Krozakedtêkwa**, também possui seu nome próprio, como **Krozake**, **Wahirê**, **Krãiprehi**, esses também tem suas formas de pinturas em listras feitas no corpo.

Nos anos 1980, o antropólogo Agenor Farias (1990) estudou meu povo e registrou **Sdakraã** e **Siptato** como metades dos clãs dos **Akwẽ**. Esses termos são utilizados pelos anciãos, mas eu, como membro da etnia **Akwẽ**, pesquisando o meu povo e escrevendo, percebi que esses termos mudaram para **Doí Dtêkwa** e **Isake Dtêkwa**. Se falarmos **Sdakraã** e **Siptato** para os mais novos, eles não vão saber de que se trata. Até eu mesmo não sabia, mas na leitura encontrei que foram termos muito importantes, nos anos de 1980, mas hoje as metades são **Doí Dtêkwa** e **Isake Dtêkwa**.

	Metade em círculos	Metade em listras
Nimuendaju 1942	<b>Siptato</b>	<b>Sdakraã</b>
Farias 1980	<b>Siptato</b>	<b>Sdakraã</b>
Tiikwa 2020	<b>Doí Dtêkwa</b>	<b>Isake Dtêkwa</b>

*Figura 7- Nomes das metades segundo autores*

*Fonte: notas do autor*

Nimuendaju, 1942		
Metades	<b>Sdacrã (listras)</b>	<b>Siptato (círculos)</b>
Clãs	<b>Krãiprehi</b>	<b>Kuzâ</b>
	<b>Isure</b>	<b>Isibdu</b>
	<b>Isruri/e</b>	<b>Kbazi</b>
	<b>Krozake</b>	<b>Prase/Krito</b>

Figura 8- Metades e clãs (partidos) registrados por Nimuendaju em 1942

Fonte: Nimuendaju, 1942

Os nomes dos clãs que Nimuendajú escreveu na tabela em 1942 estão corretos. Porém, atualmente não encontramos **Isure e Isruri/e** (listras) e o **Isibdu** (bolinhas). Já no grupo de pinturas corporais de listras temos o **Wahirê**, não registrado pelo autor. Relembrando, o povo **Akwê** tem seis partidos atualmente. Pode ter acontecido, devido à epidemia registrada por Nimuendajú, que três clãs tenham desaparecido, os **Isure e Isruri/e** (listras) e o **Isibdu** (bolinhas). Esta seria uma hipótese, mas como eles estavam muito enfraquecidos e quase extintos, a outra hipótese seria que devido à crise, o autor não tenha obtido dados suficientemente claros de seus pesquisados. Quem pode saber ao certo?

**Sdacrã** se transformou em **Ísakedtêkwa**. **Dekwa** significa partidos deles, assim também com **Siptato** se transformou em **DoíDtêkwa**. **Dekwa** significa partidos deles, assim os dois nomes tiveram a sua transformação. É muito importante esses dois nomes para nos povo **Akwê Xerente**, eu que cresci no meu povo não estou vendo falar esse dois nomes, o **Sdacrã** e o **Siptato** e, na minha pesquisa, cheguei nessa conclusão, de transformação dos dois nomes.

O antropólogo Nimuendajú também escreveu a palavra **Isaure** que é equivalente a **Isawre**, que significa listras mais largas. Consertando as palavras na língua **Akwê** e a palavra **Isruri/e** que é igual a **Isrurê**, significa listras mais finas que são do partido **Isakedtêkwa**. Na verdade, o **Krãiprehi** é uma listra larga e **Wahirê** listra fina, que usamos no nosso corpo, é uma pintura corporal. **OKrozake** já é outra forma de pintura, é uma listra também, mas pintada horizontalmente, bem pequena.

Acredito que os nomes dos partidos estão corretos, só sofreram transformações linguística, e desde lá vem as mudanças, tanto nos nomes como em algumas partes organização social, mas que está viva e forte no povo **Akwê Xerente**.

Atualmente temos o seguinte quadro dos clãs, filiados à pintura de círculos ou listras:

Doí Dtêkwa (pintura com círculos )	Isake Dtêkwa (pintura com listras)
<b>Kbasi</b>	<b>Īsake ou Krozake</b>
<b>Kuzâ</b>	<b>Wahirê</b>
<b>Krito</b>	<b>Krãiprehi</b>

*Figura 9- Clãs e correspondências com a pintura corporal*

*Fonte: dados de campo e de vivência do autor, Afonso Tiikwa Xerente, 2020*

Os quatro autores e antropólogos me trouxeram suas conclusões sobre os clãs, Nimuendajú em 1942, Maybury-Levis em 1979, Farias em 1982 e Shroeder em 2005.

Primeiramente, Nimuendajú(1942), que eu demonstrei como ele definiu, mas talvez ele não soubesse que esses partidos se referem aos clãs de respeito que chamamos de **Nãrkwa**.

Maybury-Levis (1979) citou o **Wairi** e **Doí**, **Wairi** e **Kuzâ**, **Krozake** e **Krito**, faltou **Krãiprehi**, mastudo bem, vamos consertar.

**Wahirê** (listra fina) com seu partido de respeito **Kuzâ** (círculo pequeno).

**Kbazi** (círculo médio) com seu partido de respeito **Krozake** (listra),

**Krãiprehi** (listra grossa) com seu partido de respeito **Krito** (círculo grande). Pois constam seis partidos cada um com seu partido- par de respeito.

Farias (1990) também definiu do seu entender, **WahirêDoíWahirêKuzâ**, **Krãiprehi** sem ser, seu partido de respeito, **Krozakésaptoré** e **Krozakétepó** como seu partido de respeito **KbaziKrito**.

Naverdade hoje não se fala **Krozakesaptorê** e nem **Krozaketepo**, mas se fala **Krozake**, **Wahirê**, **Krãiprehi**.

Cada partido se trata de **Sizdanãrkwa**, como acontece nos cumprimentos, se o Kbazi cumprimentar o Krozake fala-se,

*- psêd top roweki rowe snã nãrkwa,*

E o **Krozake** responde,

*- psêdi roweki nãrkwa.*

Assim se segue com os outros partidos, **Wahirê** com **Kuzâ**. O **Wahirê** se cumprimenta falando: *psêdi ou roweki nãrkwa*. E uma pessoa do **Kuzã** responde:*psêdi roweki nãrkwa*. A mesma coisa também com **Krito** e **Krãiprehi**, *psêd top roweki rowe snã nãrkwa*, e o outro já responde:*psêdi roweki nãrkwa*.

Schroeder, em 2005, chegou na mesma conclusão de Farias, não está errado só faltou o partido **Krãiprehi** com o partido que respeita.

Eu, Afonso Tiikwa Xerente, em 2020, cheguei na minha definição dos partidos através da minha pesquisa e em diálogo com os autores.

Apresento agora as formas de tratamento entre idades diferentes e clãs diferentes.

Para me cumprimentar, meu amigo **Tpêkru**, que é **Kuzâ**, mechama de **immã** e eu, que sou **Kbasi**, o chamo de **bremi**. Assim também acontece com os **IsakeDtêkwa**, que são donos da pintura corporal listrada, são outra família, mas os cumprimentos são os mesmos, e também um **Isake** com **Wahirê**. Se a pessoa chamada **Dakburóikwa** do **Krozake** é mais nova do que **Sitmõru** do **Wahirê** e vai cumprimentá-lo, vai chamá-lo de **Ikumre**, e o **Sitmõru** Xerente vai responde **Bremi**.

Mas tem outro termo de tratamento também, como cunhado ou cunhada: minha irmã é casada com o **Dakburóikwa** Xerente do partido **Krozake**. Apesar dele ser **Krosakê** não vou chamar de **nãrkwa**, mas de vou chamar de **Izakhmõ**- cunhado, e ele me chama de **Aikãrê**-cunhado.

A palavra **Nãrkwa** é usada para o partido de respeito.

Já afirmei que nós, **Akwê**, não falamos em clãs mas, sim, falamos partidos. Cada partido, tem um oposto que corresponde ao seu partido de respeito, o **narkwa**. Nimuendajú, em seu trabalho, não escreveu sobre as relações de respeito entre os partidos, apenas os nomes dos clãs. Onde cada partido tem um que está lado a lado, o partido do **Kbazi** o seu partido de respeito é **Isake**, e o partido do **Kuzâ** o seu partido de respeito é o partido **Wahirê**, e o partido **Krãiprehi** com seu partido de respeito com o **Krito**. Se acontecer o falecimento de alguém do partido **Kbazi**, quem faz a sepultura é o do partido **Krozake** a mesma coisa acontece com os outros partidos, isso não só na sepultura mas em todos movimentos culturais.

Esquemáticamente as relações estabelecidas entre os partidos, seriam estas da tabela abaixo.

<b>Círculos</b>	<b>Listras</b>
Kbasi com	Isake ou Krozake
Kuza com	Wahire
Krãimpehi com	Krito

*Figura 10- Relações de respeito entre os partidos*

*Fonte: dados pessoais da pesquisa, Afonso Tiikwa Xerente, 2020.*

Falei muitas vezes dos partidos de respeito, mas é assim: o **Īsake** não pode fazer brincadeira pesada com alguém do partido **Kbazi**, e também deve fazer a pintura corporal quando acontece o **Dasĩpêe** colocar também o **wdêpro** (carvão) na perna, na hora de **Kupre**, cerimônia muito forte, que acontece após o falecimento de um ancião, segundo os ancião é para diminuir a mortalidade dos ancião. Há sempre uma troca de trabalho que os partidos fazem, como por exemplo, **Kbazi** com **Kbazi** não pode colocar a pintura corporal, eu do **Kbazi** não posso colocar o carvão no meu irmão, ou em alguém do meu partido, tem que ser o **Kbazi** com o **Krozake**, **Krozake** com o **Kbazi**, o **Nãrkwa**.

Assim também acontece, com o partido **Kuzâ**, que tem fazer que fazer a pintura corporal no seu partido de respeito, o **Wahirê**, com o **wdêpro** (carvão) na cerimônia do **Kupre**. Mas, se coloca no rosto também e **owdêpro** tem que ser bem pretinho, porque é uma cerimônia de dança que vai passar no cemitério. Para que as almas não reconheçam os parentes vivos que estão fazendo essa dança, é uma troca de trabalho entre os dois partidos, e isso se chama de **Nãrkwa**.

Nos partidos do **Krãiprehi** e **Krito** também se chamam de **Nãrkwa**, um faz a pintura no outro, é uma troca, e eles colocam também o **wdêpro** no rosto e nas pernas.

## A linguagem e a comunicação

Ainda hoje a linguagem é a vida do povo Akwẽ, porque falamos a nossa língua desde pequenos até adultos, somos bilíngues e nos comunicamos somente na nossa língua.

Quando falece uma pessoa em uma aldeia, por exemplo, do clã **Kbazi** aí é um do **Krozake** que vai trabalhar na sepultura, então são eles que vão até a outra aldeia para avisar os parentes do falecido porque esses dois clãs são de grande respeito, isso no antigamente era assim a comunicação, então quem faz a sepultura é do clã **Krozake** e quem faz a comida também são as mulheres do **Īsake**. O **Īsake**, é o mesmo que o **krozake**, é donos das listras e o **Kbazi** é o dono dos círculos. Por isso é as duas metades de respeito que pintar um ao outro de carvão.

Hoje, com a chegada de novas tecnologias nas aldeias, a comunicação ficou muito, mais fácil e onde tem celular, a comunicação é feita através do celular, mas a fala é na linguagem **Akwẽ**<sup>5</sup>.

Então, se houver um falecimento, todos já sabem que morreu um **Akwẽ**, a mensagem nós escrevemos em português, porque se a escrita for na linguagem **Akwẽ**, o celular e o computador não reconhecem as palavras e é muito difícil escrever na língua **Akwẽ**, porque usamos muitos símbolos, então demora a escrever, para ser mais rápido escrevemos em português, mas o áudio mandamos na nossa língua.

## O ambiente do Akwẽ Xerente

No nosso território temos tudo que precisamos: plantas medicinais, caças, madeira para construção da casa, abelhas que produzem mel, frutas para a alimentação do povo Akwẽ. Antigamente, os nossos pai e mãe quando adoecemos, dependendo dos sintomas, eles iam buscar plantas medicinais. Então eles pegam e fazem o remédio ou já dão na hora uma dose. Tem plantas medicinais que com a folha faz banho, tem planta que é da raiz, tira a raiz e raspa-a e coloca na água e depois vai tomando ela tem planta que faz é o chá dela.

É porque já vi muito homem ancião e anciã fazendo esses remédios, até meu pai já fez para mim quando eu tenho alguns sintomas de doenças. Para gripe e febre o meu pai pegava a

---

<sup>5</sup> - O “*whatsapp*” é um aplicativo mais usado no povo Akwẽ, eu acho que não é só povo Akwẽ, mas em geral.

folha de vereda do brejo, e outras folhas **Hêsui kuyze**, são folhas que têm um cheiro muito forte, com essa folha de vereda faz-se um chá e com a mesma folha a criança toma banho porque a criança não aguenta tomar, ela é muito amargo, com ela aí o gripe e a febre pode passar, e assim por diante.

Se planta medicinal não resolver, o pai do paciente vai chamar o **Sekwa** (xamã) para fazer o seu trabalho. O **Sekwa** pode perceber que não tem nada de **danipkrasiwamnãri** (feitiço) que os outros **Sekwa** colocam, mas só ele sabe se tem ou não. Elenão fala, ele somente vai pegar o seu próprio remédio e vai fornecer para o seu paciente, para curar quem está doente sofrendo. Se está com **danipkrasiwamnãri** (macumbaria), ele pode tirar, mas não fala quem colocou, se a pessoa está com a doença normal ele libera para ir ao médico.

Mas, eu mesmo já vi muitas pessoas ficarem boas, sadias.

Antigamente o povo **Akwẽ** tinha ciúme da sua natureza, da sua madeira, do seu ribeirão onde pegava seus peixinhos para seu alimento, da sua caça. Eu, através do meu pai quando era vivo, quando me lembro, eu fico muito triste que está acontecendo hoje. Primeiro quero falar a relação da madeira, tem região na área **Akwẽ** que está acabando, vendendo ilegalmente, aí eu falo assim, onde vamos chegar com isso. Antigamente até com o **Dasĩpê** os nossos antepassados tinham ciúme, não entravam **ktwanon** (“civilizados”), mas hoje, se chegar um não índio para fazer uma visita na aldeia, faz-se apresentação da cultura, mas a apresentação é muito importante para divulgar a nossa identidade e mostrar a nossa cultura.

Agora vou jogar essas atividades para os professores indígenas **Akwẽ** Xerente, é o dever deles para orientar as nossas crianças, para que as nossas gerações ter uma ideia sobre a nossa realidade.

O ambiente da aldeia: antigamente na aldeia o lixo era casca de mandioca, casca de arroz, folha de milho, e os restos dos artesanatos e também não tinha a água encanada dentro da aldeia, a água era pura e não tinha muitos fazendeiros ao redor do território. Por isso era difícil adoecer. Também era difícil ir ao hospital para ganhar a criança, todas as mulheres elas ganhavam nas suas aldeias, existia a parteira e as mulheres mais velhas e dava tudo certo quando uma mulher ganhava sua filha. Por exemplo, não nasci no hospital, nasci na aldeia **Kâwakmôrê**, Cercadinho, em 1981 era muito muito uma mulher falecer por causa de dar à luz uma criança.

Falando também das mulheres grávidas indígenas **Akwẽ** de hoje, eu já presenciei foram falecidas três mulheres **Akwẽ** Xerente por causa do parto, assim chegando no hospital. No meu entender, é por falta de atendimento porque o atendimento tem começar desde pré-

natal com as mulheres indígenas. Aqui, no estado do Tocantins, a empresa que é responsável pela saúde indígena, para fazer o exame ultrassom demora muito, é feito quando às vezes quando já está na hora de uma mulher ganhar seu bebê, então até que esperar para ver o resultado, a dor já está ultrapassado isso pode causar a morte dela e do bebê, aí é o risco também para mãe da criança.

Hoje as mulheres indígenas que estão gestantes consomem muitos alimentos industrializados, refrigerantes e muitos doces, que até no ano de 2.000 era muito raro o consumodessas coisas. Agora, até nas aldeias tem mercearia que vende esses tipos de alimentos. Antigamente as mulheres indígenas ouviam o conselho do seu pai, porque o pai não deixa sua filha consumir esses tipos de alimentos.

Hoje, no ambiente da aldeia tem outros tipos de lixo, como plásticos em geral, muitas embalagem de produtos industrializados. E isso está comprometendo a qualidade da saúde dentro das aldeias do povo **Akwẽ** Xerente, as doenças que mais aparecem hoje em dia são a gripe, diarreia e febre principalmente nas crianças, e diabetes nos adultos. A prefeitura faz sua parte hoje, assim com muita luta nossa para ela fazer a coleta de lixo uma vez por mês ou, às vezes, nem vai coletar e, assim, o lixo vai se acumulando.

Atualmente, a maioria das aldeias tem água encanada, na minha aldeia tem água encanada e tratada, mas não adianta muito se o ambiente está cheio de lixo que vem diretamente da cidade e nós, como indígenas, não sabemos lidar com esse lixo que vem da cidade. Então causa facilmente muitas doenças nas nossas famílias.

### **O surgimento do fogo**

Como temos seis clãs, cada ancião conta uma história para os jovens ali no pátio, como, por exemplo, o surgimento do fogo. Segundo os anciãos, o fogo surgiu da onça, o cunhado passando no morro viu o arara-azul dando a comida para o filhote e então, chegando lá na casa dele ele chamou o cunhado mais novo para tirar os filhotes da arara azul, então eles foram onde estão esses filhotes. Chegando lá, o cunhado falou: está ali nesse morro. O morro era muito alto e, então, o cunhado que o levou, cortou um vara bem grosso que dava para chegar até nos filhotes e o rapaz subiu, quando ele chegou lá onde estão os filhotes da arara azul, falou para o cunhado que estava lá embaixo: olha só ovos dela aqui, não chocou ainda não. E o cunhado respondeu: não, eu escutei bem, ontem a mãe estava alimentando os filhotes. Aí o rapaz falou de novo, “não, só tem ovo ainda”, mas ele já tinha pegado três pedrinhas

brancas então, ele jogou essas pedrinhas caiu no chão e quebrou, e jogou outra de novo e quebraram de novo, as três pedrinhas quebraram.

O cunhado zangou-se com o rapaz e tirou essa vara e foi embora; quando o cunhado estava meio longe, o rapaz pegou um dos filhotes e gritou para o cunhado para ele voltar, mas aí ele não voltou. O rapaz tinha mais ou menos uns dezoito anos e esse rapaz chorou muito quando o cunhado o deixou nesse lugar ali. Ele ficou um mês, não se alimentava, não bebia água, o alimento dele era o próprio cocô e a para beber água, ele se servia de seu mijo. Um mês depois, a onça passou por lá e quando ia passando por baixo dele, a onça olhou para ele e ela enxergou o rapaz, então a onça lhe perguntou: que está fazendo aí? Isso na época todos os animais falavam como a gente, por isso a onça perguntou assim, falando com o rapaz, e então o rapaz respondeu: foi meu cunhado que me deixou, me trouxe para me tirar esses filhotes dessa arara-azul, aí eu fui brincar com ele e ele zangou comigo e ele foi embora para casa.

Então, a onça pediu os filhotes da arara-azul e o rapaz jogou, um por um, para a onça e ela os devorou na vista dele, e depois a onça fala para ele descer para levá-lo a casa dela. Então o rapaz começou a descer e a onça fazia uma cara feia no rumo dele e o rapaz subia de novo chorando, e a onça tornava mandar descer de novo o rapaz descia de novo, e a onça fazia outro cara ruim no rumo dele e ele subia de novo. O rapaz falava chorando: você vai me comer como você comeu o filhote da arara-azul, então a onça falou sério: agora pode descer, vou levar você para minha casa e o rapaz desceu e se jogou por cima dela.

E o rapaz com muita sede e a onça passou num primeiro córrego, e o rapaz pediu para beber a água. Aí a onça falou: essa é água dos pássaros chamado beija-flor. E passou, e passou em outro córrego e o rapaz pediu de novo e a onça falou de novo: essa é a água do pássaro chamado urubu. Passou de novo e, chegando perto da casa dele, ele passou num córrego e parou com ele e falou: essa é minha água, pode beber à vontade. O rapaz ficou de joelho e bebeu que bebeu, e quase secou a água e quando a água desceu muito, um enorme jacaré fez igual um rebojo. Aí a onça falou para o rapaz: pode parar, porque ele que conserva a minha água. O rapaz já estava magrinho, quase morrendo, chegou à casa dela, quando a onça chegou com esse rapaz a mulher da onça ficou bravo com o marido, e xingou: o rapaz para você trouxe, esse rapaz um rapaz magrelo, não quero esse rapaz. A onça falou: cala sua boca, traz a carne assada com beiju, e ela trouxe a comida para o rapaz e o rapaz comeu à vontade. No outro dia, a onça sai para caçar e fala para mulher para cuidar do rapaz e ela que vai cuidar dele. Mas não! Ela fica todo tempo ameaçando ele, que ia matá-lo, ela mostrava as dentuças dela e o rapaz ficava com muito medo. E a onça, se saísse de manhã cedo, só chegava à noite,

ou, se saísse à tarde, só chegava no outro dia. E todas as vezes que a onça saía para caçar, chegava com veado e ele só pegava o veado, ao chegar o rapaz contava para a onça que ele foi ameaçado, então a onça perguntava para mulher dele, ela se negava que não fez nada assim.

O rapaz ficou dois anos lá na casa da onça, quando passaram dois anos a onça falou com ele: agora você vai para sua casa para sua aldeia, vou preparar um cofo da carne moqueado. E a onça fez a pintura corporal nele, ele pintou com os seis clãs e ensinou como seria cultura nossa, sobre os respeitos, sobre os nomes de acordo com os clãs. E fez para ele o arco e flecha e duas lanças para que levasse para seu povo aprender a fazer esse tipo de artesanato e, juntamente, ele aconselhou que se sua mulher fosse atrás dele, para ele subir em árvores e se possível matar a onça que é a mulher dele. E o rapaz só confirmando no outro dia, a onça pegou o cofo com muita carne moqueada.

Então, eles dois foram caminhando rumo à aldeia do rapaz, chegando perto, a onça pegou o cofo e levou mais próximo da aldeia. E ele pendurou numa árvore e voltou onde estava o rapaz e falou para o rapaz: agora segue até sua aldeia e naquele lugar está o cofo com a carne moqueada. Então, o rapaz seguiu sua viagem rumo à casa e assim que a onça voltou, já virou um animal, porque antes essa onça era índio. Então, ele agora roncava como o animal mesmo. Segundo os anciãos ele roncava com saudade do rapaz, pois a mulher da onça correu atrás do rapaz para devorá-lo. Aí, o rapaz subiu na árvore com a flecha e lança e a onça fala para ele descer e o rapaz responde: não você vai me comer. E ela fala de novo: desce rápido, se você não descer vou subir aí. E o rapaz responde: pode subir.

Assim a onça começou a subir, chegando mais perto, o rapaz atirou uma lança e a onça desceu, morrendo. Então o rapaz desceu foi até perto da casa da aldeia, e os outros rapazes que andava a passarinhar, seus irmãos enxergaram ele e um deles correu no pai dele. Enquanto isso, ele se escondia e o irmão mais novo contou para o pai: olha nosso irmão está aí, bem ali. E o pai responde: nunca seu irmão vai voltar aqui, já está com dois anos que ele sumiu. E o menino respondeu: não, eu sim quero ver de novo, vou lá de novo e o menino correu de onde ele viu chegando; lá viu de novo e ele correu de novo rumo ao pai e falou de novo para o pai: pai eu vi de novo. Você está mentindo para mim, seu irmão não está mais vivo não. Então o menino respondeu: agora vou trazer ele. E o pai continuou a não acreditar e o menino voltou e falou para o irmão: olha o nosso o pai não está acreditando que eu vi você, agora vem me acompanhar. E o rapaz foi, chegou na casa do pai, então o pai recebeu com o **dasiwakô**, choro tradicional.

Então, a comunidade toda da aldeia chegou na casa do pai dele, aí todos os Akwẽ viram aquela pintura que tinha seis clãs no rapaz, nessa hora foram muitos choros, é tio avó, o avô, o pai e outros anciãos e anciãs. Depois ele o chamou o tio dele e ensinou onde estava o cofo com a carne, o tio foi buscar, pegou o cofo e voltou para casa e toda a comunidade da aldeia serviu essa carne e todos admirados com a carne moqueada e todos perguntavam para o rapaz e ele não falava, porque antes disso os **Akwẽ** assavam a carne de caça com a queimadura de pedras e essa carne que o rapaz levou era assada com o fogo, por isso todos perguntavam para ele onde estava o fogo, de quem era o fogo, e o rapaz não contava.

Passando uma semana, o rapaz chamou o tio à noite para contar tudo que a onça passou para ele sobre o clã, sobre o discurso, de como fazer a pintura corporal, quais são as metades, que o **Akwẽ** é patrilinear e falou do fogo, que o fogo era do povo **Akwẽ** também, o fogo estava numa árvore chamada **Kakõiwde**.

Até nessa hora os animais se comunicavam ainda na língua **Akwẽ**, por enquanto só a onça se tornou o animal. No outro dia, o tio do rapaz fez a reunião para buscar o fogo então uma pessoa se manifestou para buscar o fogo primeiro, quem falou foi o tatu peba e o tio do rapaz falou: não, você pode jogar o fogo no buraco. Depois o veado: você também não, você pode jogar no brejo. O veado não foi aceito pelo tio do rapaz e depois foi a vez dos dois pássaros, chamado seriema e o jacu. Eles que foram buscar o fogo, era o nambu também. Mas o atraso dele ele não foi, então os pássaros chegaram com o fogo na aldeia e todos tinham fogo agora nas casas dali. Todos que se comunicava como o **Akwẽ** se tronaram os animais. O surgimento do fogo foi assim, foi da onça que surgiu o fogo e a pintura corporal como hoje é. São histórias reais, além disso, tem vários outros, é uma que contei escrito.

O povo Akwẽ antigamente se sustentava com a pesca, caça e os vegetais produzidos na roça de toco. Não havia empregos, nem escola, mas tinha o **Warã**, a casa dos homens, que é um tipo de escola. Dentro do **Warã** era ensinado tudo sobre a cultura, era só os homens que ficavam ali.

Tem uma pescaria, às vezes familiar, que o homem só pesca com arco e flecha para o sustento da família, mas o arco e flecha não são só para flechar peixe, para caçar também e serve para matar os animais. Para isso tem a flecha própria, é uma flecha chamada bambu do cerrado. Ela é feita com pena de arara, pato e gavião. Esses três pássaros são os que andam mais no ar e correm, então a flecha que é feita dessas penas é que vai ao ponto certo.

Para o peixe, a flecha é feita com pena de pato do brejo ou mergulhão, que se alimenta de peixe pequeno nos rios. As penas não molham, então a flecha para pescar peixe é feita

desses dois pássaros. Tem outra pescaria que é coletiva, essa é chamada de **tinguizada**. Esse tinguí é um cipó, tem “leite”, um veneno pra matar peixe. Os homens **Akwê** vão tirar dentro de uma floresta, se o córrego é grande eles tiram uns três dias, pois cada homem faz três (3) fechas de tinguí e vão colocando onde vão bater esse tinguí.

A fecha de tinguí é muito pesada, tipo a corrida de tora. Eles carregam nos ombros, fazem alça para carregar tipo um cofo na cabeça, porque eles fazem uma amarração, tipo um cofo. Tem hora que eles carregam nos ombros e tem horas que carregam na cabeça. Mas antes disso eles fazem um “para-peixe”, que na linguagem **Akwê Xerente** o nome é **Pari**. A época de preparar é o mês de maio, assim que os rios começam a descer, a secar e quando faz esse “para peixe” eles fecham muitos peixes para que os peixes não desçam também. Então ficam muitos peixes acima do “para-peixe”. Aí, quando é a hora, eles vão buscar o tinguí. No local onde vão bater o tinguí eles chegam a tarde do dia, ali vão até as mulheres para ajudar a bater. Hora que começam de bater é duas horas da madrugada. Segundo os **Sekwa** (xamã) o veneno do tinguí pega os peixes dormindo.

Essa é a pescaria coletiva chamado **tinguizada**. Vários **Sekwa** acompanham, mas sempre tem um principal, esse principal vai comandar a pescaria coletiva. Cada um dos **sekwas**, homens ou mulheres, tem a sua “profissão” e tarefa. Alguns deles vão acompanhar o bater do tinguí, outro vai acompanhar a turma descer e pegando peixe morto.

Um **Sekwa** fica lá no “para-peixe” vigiando e tirando os peixes que caem dentro dele até no outro dia. Aqueles peixes que caem no “para-peixe” são distribuídos entre a comunidade. É o cacique, ou o próprio **Sekwa**, quem faz a distribuição dos peixes da pescaria coletiva. Já os peixes pegos durante a **tinguizada** são individuais.

Há também outro **Sekwa**, que vai ver se tem um homem com sua esposa gestante. Se ele descobrir algum, aquele homem com esposa gestante tem que colocar um colar feito de corda que os próprio xamã tem. No rosto desse homem, o **Sekwa** (xamã) passa o carvão, aí fica com o rosto todo preto, porque se não colocar, os peixes não morrem. Esse homem pode andar atrás da turma. É um aconselhamento do **Sekwa** e é a obrigação dele atender porque é uma regra.

Assim também acontece com a caçada. Se tem um grupo que sabe caçar, só eles podem sair para caçar. Se conseguir matar uma caça grande, como a anta, eles podem distribuir para comunidade na aldeia. Alguns deles sabem um tipo de “remédio” para atrair a caça. Aqueles que sabem que esses tipos de remédio podem matar a caça com facilidade. Os outros podem desconfiar e até perguntar sobre o “remédio”, mas aquele homem não vai falar porque as

vezes é repassado pelo pai ou pelo avô. Esses tipos de remédio são repassados de avô a avó para o neto. São usados na caça individual. Essa passagem do pai- avô- avó é para o rapaz que mais guarda o segredo. O pai e o avô ou avó pegam a confiança e passam esses remédios, é um tipo de uma benção.

Nessas pescarias e na caçada alguém pode virar um **Sekwa** (xamã). Aquele homem que, em todas as vezes sai para pescar e pega muito peixe, ele tem que parar um pouco de pescar ou o dono do peixe pode aparecer para ele. Segundo o **Sekwa**, para o homem sempre aparece uma mulher. O homem pode muito bem se apaixonar por ela, porque ela aparece toda bonitinha; dali ele pode pegar os estudos.

Assim, ele pode gostar da pescaria, ele pode então pegar muito peixes. Mas aí a comunidade da aldeia também desconfia que ele está estudando com a dona do peixe. No último ensinamento, se aquele rapaz ou homem não der certo, aí os pais do rapaz chamam os outros **Sekwa** para continuar ou para cortar, e interromper o estudo dele. Mas muitos pais mandam cortar, por causa dos problemas que podem acontecer depois que terminam os estudos.

Tem **Sekwa** que estuda para fazer a cura e tem outros que estudam só para fazer maldade para os outros. Por isso muitos pais mandam cortar a preparação para o filho se tornar um **sekwa**. Tem um exemplo da minha irmã que ela pegava muito peixe durante a sua pescaria, mas ela sabia que estava estudando com o dono do peixe. Mesmo que ela pescasse em um lugar ruim de pegar peixe, ela pegava e os outros se admiravam com ela quando pegava muito peixe. Até que ela não suportou o medo que o dono do peixe fazia para ela. Ela chorava na cama, gritava. Aí o nosso pai tinha que chamar dois **Sekwa** para combater essa agonia dela. O **Sekwa** perguntou o nosso pai se ela podia terminar o estudo dela e o nosso pai falou para cortar esse estudo dela e o **Sekwa** (xamã) então cortou. Assim também acontece com o dono da caça, tem **Sekwa** que vem da caça. Então, isso tudo no antigamente.

Assim também acontece com a roça de toco: o povo **Akwẽ** bota a roça de toco coletivo à roçada e derrubado e plantam juntos e colhem também juntos, isso depois da demarcação do território do povo **Akwẽ** Xerente faz-se a roça à vontade. Segundo o cacique Antônio **Mmirkopte** Xerente, da aldeia Varjão **Sdarãpa**, os produtos mais plantados, eram o milho, mandioca, feijão, arroz, abóbora, inhame e batata doce.

Antes da demarcação, o povo **Akwẽ** convivia com os fazendeiros e não tinha como botar roça coletiva, porque tinha muito criação de gado. Como não tinha como botar roça bem

maior, muitos dos Akwẽbotava a sua rocinha perto da casa e cercava ainda com vara. Muitos deles também trabalhavam para os fazendeiros, para conseguir sua alimentação.

Nessa época, os **Akwẽ** Xerente tinham somente três aldeias e três caciques. Segundomeu pai, eram a aldeia Porteira **Nrõzawi**, aldeia Rio Sono **Ktẽkakã**, e aldeia Funil Sakrêpra. Não tinha escola dos **ktwanõ** (não índios), mas tinha o **warã** que era igual à escola. Ali tinha os anciãos que ensinava sobre a cultura, como respeitar a natureza e como estudar a natureza. Então dali se formaram outras aldeias.

Hoje, para a sustentabilidade, o povo **Akwẽ** Xerente depende muito das políticas e dos empregos, e poucos botam roça. Isso está levando a acontecer muita briga interna, dentro das aldeias. Eles oferecem o emprego para um grupo, ou para uma aldeia, e o cacique pode colocar aquele, ou aquela, pessoa da família que precisa, assim criam-se problemas internos, mas no meu ponto de vista não pode acontecer assim hoje.

A sustentabilidade é mais individual; cada família faz sua rocinha de toco para sua alimentação, uns são empregados e outros não, quem não tem emprego, tem bolsa família, as mulheres são boas de fabricar o artesanato de capim dourado para vender. Antigamente, o artesanato era só para fazer o transporte ou de proteção, como o cofo era para levar os legumes da roça e carregar crianças; as bordunas eram feitas para proteção, quando ia para outra aldeia ou para a cidade, proteção de cobra, cachorro e de animais carnívoros, como a onça, lobo guará. Até o arco e flecha eram usados nas estradas. Esses objetos agora são feitos para serem comercializados, mas elas em tamanho menor, principalmente o arco e flecha e bordunas e cofo também.

### **Artesanato Akwẽ**

Por causa da destruição do nosso querido pé de buriti, houve a substituição pelo capim dourado. Hoje é mais procurado o artesanato feito com capim dourado e é vendido bem mais caro. Os não índios compram das mulheres, as peças de capim dourado para revender, às vezes em outros estados, e o preço que eles cobram na revenda pode chegar ao triplo do que pagou nas mãos dos artesãos e artesãs. Porque nós índios não temos condições para vender fora da nossa cidade mas, mesmo assim, essa renda já é uma ajuda para os **Akwẽ** que não tem emprego para poder comprar seus alimentos. Eu mesmo já vendi muito artesanato feito por minha esposa, antes que eu não tinha o emprego para poder comprar meu alimento, tipo arroz, carne e óleo. Mas eu sempre trabalhei na roça, então meu dever era vender artesanatos,

trabalhar na roça e estudar, até que terminei o ensino médio e, assim, pude sustentar a minha família<sup>6</sup>.

Até os anos 1990, que eu fui vendo com meus próprios olhos, o artesanato o **Akwẽ** fazia ou fabricava com a fita de buriti. Então isso levou muitos destruição dos pés de buritizeiros, porque o **Akwẽ** corta olho de buriti para fabricar os artesanatos são vários tipos de artesanato que são fabricados com a fita de buriti, nessa época a comercialização era muito forte para vender os artesanato.



*Foto 15-Siknô (cofos) na parede de uma escola  
Autor: Afonso Tikwa, 2020.*

E a fabricação era mais para o seu uso tipo cofo para transportar seu alimento da sua roça como mandioca, milho, batata doce, arroz e etc. E a esteira para usar no casamento quando vão realizar o casamento, e para fazer sua cama, mas a esteira é feita com a palha de coco de buriti, o cofo é feito com a palha, ou seja talo de buriti.

Com a facilidade de acesso aos recursos financeiros desses vários órgãos (Funai, Sesai, Seduc), muitos alimentos são comprados diretamente da cidade o que vem causando várias doenças. Dentro da comunidade a doença mais forte que está chegando é os diabetes, isso porque se consome muitos alimentos industrializados como refrigerante, comida com muito óleo e sal, bolacha recheada. Muito pior ainda são aqueles que moram na cidade, a

---

<sup>6</sup> - E hoje faço meu mestrado, vai valer para a minha comunidade, para me defender e para ajudar meu povo **Akwẽ**. O estudo é muito importante hoje em toda as comunidades indígenas para que a gente mesmo possa fazer a nossa defesa, possa defender nosso território, entender a relação da política partidária, melhorar a qualidade de ensino nas escolas indígenas.

família tem acesso mais fácil para consumir esses alimentos, hoje também está acontecendo muito mortalidade com o povo **Akwẽ** Xerente.

Será que é por causa disso, ou por falta de medicamento da saúde e de médico, temos que descobrir, mas uma coisa está clara, que é o consumo de alimento industrializado que estamos sendo contaminados, porque eu também estou no meio. Mas eu preciso aconselhar o povo **Akwẽ** Xerente e orientar as comunidades para convocar os agentes de saúde para fazer as palestras nas aldeias só assim podem evitar essas doenças.

Antigamente, quando entrava o mês de junho, o povo **Akwẽ** começava a festa cultural nas nossas aldeias, para fortalecimento da cultura da linguagem, cantoria, corrida de toras e é muito importante a presença de todos naquela festa cultural, temos poucos anciãos também, porque está falecendo muito, então nós que temos que pensar e colocar mais a nossa cabeça no lugar. Porque hoje tem muitos professores **Akwẽ** Xerente nas escolas indígenas, a maioria formada em licenciatura intercultural indígena.

Na UFG de Goiânia recebemos orientações sobre essas coisas ruins e principalmente para valorizar a nossa cultura e fazer as práticas culturais nas escolas, no pátio da aldeia para incentivar as comunidade. Chamamos os mais velhos para nos ensinar sobre elementos da cultura, para fazer cântico e contar a origem do povo **Akwẽ**. Essa é uma coisa certa que um professor, ou uma professora, está fazendo, porque os nossos jovem tem que aprender a cantar, saber praticar todas as culturas, temos que preocupar com isso.

Hoje, o povo indígena **Akwẽ** para pescar usa anzol e linha de mão, arpão, rede e ninguém mais pesca com arco e flecha, que era usado no antigamente, mas dou razão para o uso dessas tralhas. Porque hoje o nosso rio Tocantins não é normal por causa da Usina hidrelétrica que fica acima das áreas indígenas do **Akwẽ**, então o rio fica enchendo e descendo e assim não se pesca com arco e flecha, porque com arco e flecha só pode se pescar com o rio bem rasiño, mas é o melhor para se pescar com essas tralhas porque é bem mais fácil de pegar os peixes, na caça também a espingarda é a substituição do arco e flecha, para mim é o melhor, porque hoje muitos homens não sabem fazer aquele arco e flecha, bem garantido para matar as caças. A cultura vai se transformando e os objetos vão mudando.

## Discursos do casamento

Existe o discurso para o casamento, quando os discursos não são longos. Somente aconselha-se o casal. São os dois anciãos que fazem o discurso. O ancião que vai discursar ao lado da menina que vai casar, é ele quem começa o discurso falando que não espera a separação deles algum dia, só espera a felicidade e deseja para o casal uma boa convivência, depois é o ancião que está do lado do rapaz que faz o discurso, somente para também aconselhar que não se separem. Aí está feito o casamento.

A menina não vai estar ali com seu marido, o tio leva a sua sobrinha para a casa do pai e à noite, o tio materno, o pai e a mãe a levam para a casa do rapaz, para entregá-la. Se o rapaz é **Kbazi**, por exemplo, a comida tradicional é servida para todas as pessoas do partido **Kbazi**, então existem vários outros discursos. Depois que passa o dia, à noite o tio do rapaz leva a sobrinha para entregá-la na casa do noivo, isso à noite, e a família do rapaz fica esperando, para receber a menina e é quando acontece o choro ritual, tanto da família da menina, como da família do rapaz. Mas nessa hora não haverá o discurso.

## A convivência entre genro e sogro Akwẽ

Na época dos nossos antepassados o homem e a mulher já tinham o casamento marcado. Assim que a mulher nascia o pai do homem já ia pedir o casamento para o filho. Então os dois vão crescer sabendo que vão se casar.

Até hoje o ancião Pedro **Smissuite** Xerente fala que quando o homem Akwẽ se casa com a mulher **Akwẽ**, ele tem que morar uns dois anos junto com sogro. Isso para sustentar o sogro ou ajudar o sogro na roça, ou a matar caça, pescar peixe.

Quando se casam, o pai do rapaz e o pai da menina ficam alegres, então o rapaz ajuda muito o sogro trabalhando na roça, caçando caça, pescando peixe, até inteirar dois anos ou mais. Aí ele pode fazer uma casa perto do sogro também e continuar ajudando. É interessante isso porque ali também uma aprendizagem para o homem, porque o sogro ensina muitas coisas para ele. Que na realidade o homem e a mulher se casam crescendo ainda, muito novinhos, então o homem não tem conhecimento, como saber lidar com a natureza, tipo quando sai para caçar, pescar, porque cada um deles tem dono. Quando sai para caçar tem que ter cuidado, a mesma coisa para pescar, então o sogro é capaz de ensinar.

Hoje não é mais assim. Mudou um pouco com o povo **Akwẽ**. Os mais novos só pensam em estudar e é muito difícil morar junto com o sogro, mas tem que morar perto do

sogro porque eles gostam muito dos netos. Eu mesmo morei mais de dois anos junto com meu sogro, ajudando muito, e depois fiz a casa perto do meu sogro. Eu tenho experiência que quando a gente faz a casa separada é muito ruim, é uma tristeza dentro da casa. Então demorei acostumar na minha casa, porque junto com sogro estou ouvindo as histórias e lendas, ensinamento da cultura e quando a pessoa vai morar separada não vai mais ouvir o sogro também. Mas hoje ainda pode morar junto.

Não acabou ainda. Eu por exemplo, morei recentemente na cidade por causa do meu estudo. Assim que eu entrei na casa do aluguel, só eu e minha esposa e duas crianças pequenas, foi um ambiente muito triste para nós. Principalmente para minha esposa e as crianças. Ficaram com saudade do pai, da mãe, do avô. Eu também fiquei com saudade da aldeia, minha esposa não tem costume de ficar sozinha na casa. Quando eu vou resolver uma coisa no centro da cidade, muitas coisas eu explico para minha esposa. Que é muito diferente entre a cidade e aldeia, pois na cidade temos maior cuidado com as crianças, temos que ficar sempre com as portas fechadas, para não irem na rua, que dentro da cidade não é livre como na aldeia.

O motivo morei na cidade foi para poder acessar a internet, para estudar. Então o meu sogro e sogra ficaram com muita saudade da gente, mas eu falo para eles, hoje tem que estudar para se defender, ganhar salário, estamos enfrentando um desafio muito grande. Não é fácil, eu e minha esposa cuidar das crianças e fazer comida, e eu depois estudar e escrever. Eu falo para minha esposa que vamos ter a vitória, o resultado positivo. Pois é, morar juntamente com o sogro também é aprendizagem, a mulher aprende a fazer artesanato, a fazer moqueado da carne de caça, quando o pai do rapaz falece, o segundo pai é o sogro.

### **As crianças indígenas na creche da cidade**

Hoje tem muitas crianças indígenas na creche de Tocantínia, por causa do emprego dos pais e mães, é para as crianças aprender mais a língua portuguesa, mas o importante é não deixar de falar a língua **Akwẽ**. Tem um pai que estava falando pode, o filho ou filha, aprender a falar a língua portuguesa, mas não pode deixar a língua **Akwẽ**. Eu, como professor, explico para eles se comunicarem na nossa língua, porque a nossa língua é muito importante, é identidade e defesa.

Mas, voltando para a creche, antigamente não existia essa creche na nossa aldeia era o **Warã**, ficava no pátio da aldeia. Agora tem essas creches até nas aldeias maiores.

O **Akwê** para ficar como professor ou professora tem que ter o ensino médio completo, e tem que fazer o magistério, mas a creche na cidade os professores são os não índios e aí as crianças Akwê não aprendem o alfabeto **Akwê**, não podem saber sobre os seis clãs, se continuarem estudando na cidade. A criança não vai participar das festas culturais, se não levar o piá para a festa cultural, a criança não aprende a cantar, não sabe identificar a qual partido pode pertencer.

### **Política ligada aos partidos políticos**

Houvemuitas mudanças no povo **Akwê** Xerente, principalmente quando acontece o **Dasîpê**, dependemos de todos alimentos da cidade. A maioria das lideranças dos **Akwê** corre na prefeitura para pedir alimentos e podem conseguir, ou não. Ou, às vezes, os políticos oferecem alimentos em troca de votos. Na época das eleições eles mesmo oferecem vários tipos de alimentos, isso é bom para algumas horas mas, depois vem as consequências, que são as doenças, porque muitos alimentos intoxicam e ninguém sabe onde são fabricados.

O **Dasîpê** não é mais tão longo como era antigamente. Hoje, o **Dasîpê** dura somente uma semana, enquanto antigamente se estendia por um ou dois meses, assim a cultura se tornava mais forte ainda, ali gerava muita aprendizagem dos nossos jovens, porque os anciãos ensinam os rituais. Mas, no **Dasîpê** de uma semana não dá para aprender todos os rituais, ou talvez o nossos velhos não tem tempo para falar de todos os rituais. Isso no meu ponto de vista, a nossa cultura vai caindo, mas podemos ter o controle dessas políticas.

Política não é ruim, mas as duas coisas tem que andar igual, primeiro a cultura ea organização social.

Porque, nós indígenas somos lembrados somente na época das eleições e na hora de votação, mas depois não temos retorno. Hoje (final de 2019) estamos com a estrada muito ruim, não temos medicamentos, se uma mulher indígena está gestante, às vezes demora para conseguir fazer o pré-natal. O melhor era a gente ter médico fixo na aldeia, mas até agora está difícil.

Para nós, indígenas, é muito complicado entender como funciona a política não indígena, por isso às vezes acontece até política e desavenças internas entre nós indígenas, que eu vejo no povo **Akwê**, porque o candidato oferece o emprego numa aldeia para ganhar voto e todos querem esse emprego.

E, às vezes, se o candidato for eleito, aí ele coloca só aquele que o apoiou, é muito complicado. Na minha aldeia temos a nossa organização e regras de como entrar em um emprego. Como temos seis clãs, para cada vaga de emprego que surgir, se estuda o perfil da pessoa, se ela tem ensino médio ou superior. Por exemplo, se alguém clã **Doí**, que é da bola média, tiver curso superior, ele quem vai assumir o emprego. E se os seis clãs tiver pessoas com curso superior completo, aí é escolhido o mais velho ou mais velha, não importa de qual clã. Mas hoje ainda a maioria cursou até o ensino médio, mas no emprego vai pela sequência dos clãs. Em função dos empregos, seja de professor, técnico de enfermagem e outros, então hoje quase não se faz a roça tradicional, apenas algumas famílias que trabalham na roça. Hoje temos jovens que sentem muito cansaço na hora de correr com a tora, porque no revezamento durante a corrida, o normal é pegar quatro vezes a tora durante a corrida, isso antigamente, hoje tem rapaz que pega só uma vez durante a corrida de tora que não é normal. Tem rapaz que nem pega a tora para poder correr com ela, somente acompanha o grupo de corredores. Isso eu mesmo já vi, eu mesmo sou de 1981 e com quinze anos já corri com os adultos com a tora de buriti. Até hoje eu gosto de correr com a tora e pegava a tora umas três a quatro vezes.

### **Uma cerimônia muito forte: o Kupre**

O **Kupre** é uma cerimônia que se faz dançando para um falecido (a), depois da visita das famílias, uma semana depois que completa uma semana do falecimento. O **Kupre** é do partido **Īsake**, do partido **Wahirê** e do partido do **Krãiprehi**, encarregados do ritual.

Assim que falece um ancião, então o ancião que é do mesmo partido faz seu discurso para fazer o **kupre** para aquele ancião que faleceu. Ele discursa para o ancião que está acompanhando a sepultura porque, quando falece um partido do **Īsake**, quem faz a sepultura é do partido **Kbzidtékwa**, e quando falece do partido **Kbazi** quem faz a sepultura é do partido **Īsadtékwa**, por isso o ancião do **Īsadtékwa** pede para fazer o **Kupre**, e o ancião que é do partido **Kbazi** vai confirmar e discursando.

Depois de confirmar, aí eles vão fazer o **sazus** (demostrando) o **kupre** para o falecido), que está ali no velório ainda; enquanto os familiares estão na visita, os homens estão se preparando no local e esse local é bem afastado da aldeia, praticamente na floresta, no mato, quem faz esse lugar limpo são os quatro **Danôhikwa**(mensageiros). Ali, vem a parte dos partidos de novo, aí os dois partidos de respeito vão colocar o carvão no rosto e nas pernas, um clã coloca o carvão em outro clã como, por exemplo, o clã do **Īsakedtékwa** coloca o

carvão no clã do **Kbazidtékwa**, e assim acontece acontecem com os outros clãs porque são partido de respeito, que falamos na nossa linguagem é **Nārkwa**.

Na hora da pintura de carvão esses dois partidos colocam a pintura no rosto, um deles coloca primeiro depois é o outro. Por exemplo se o partido do **Kbazi** coloca primeiro em **Īsake** depois é o **Īsake** que colocam no **Kbazi**.

O ancião vai chamar duas **Īsōhidba**(meninas virgens). Com a regra do partido de respeito, uma das meninas tem que ser do partido **Kbazi**, e a outra do partido **Īsake**, então os dois homens vão colocar o carvão nelas e dão também duas varas, porque elas também vão dançar. Formam-se duas filas grandes com os dois clãs opostos, cada um com o seu par. Aí começa o ensaio com os dois anciãos ensinando os dois homens da frente, em quem se coloca uma corrente de chocalho, e ali entra o dever do Xamã e o ancião deve chamar o melhor xamã para fazer a vigia durante a dança, então o xamã vai dançando ao redor do grupo que está dançando. Pronto, tudo preparado, agora vão sair na direção da casa do falecido, dançando chegando à casa do morto. Os familiares fazem o ritual de choro, aí todos que estão dançando ficam ajoelhados, depois saem dali dançando até sair do quintal e dali eles vão caminhando, na direção do cemitério.

Quero aqui falar o motivo do carvão que nós, do povo do **Akwē** colocamos. É que os nossos antepassados, os ancestrais, não vão reconhecer aqueles que estão dançando. Eles sabem que ali vem alguns parentes, ou neto ou filho e aí, e para espírito não os reconhecer, eles passam esse pó do carvão no rosto e nas pernas. Se reconhecer, eles querem pegar, abraçar ou tocar e a pessoa pode até morrer.

Também que muitas vezes o xamã não dá conta de fazer a recuperação, e nem as varas não podem triscar ou bater ao outro, então tem que ter muito cuidado. Eu mesmo já dancei nesse **Kupre**, dá um medo na gente. Antigamente no **Kupre**, a criançada não podia ver aquela dança, porque à noite eles podem passar mal, então os pais e mães escondem os seus filhos. E o motivo das varas resistentes é porque chegando perto do cemitério o ancião vai fazer pergunta, se os homens querem pular em cima da sepultura se todos concordarem vão pular, e essas varas é para isso os homens vão pular se apoiando com a vara e não pode triscar no monte da terra onde está enterrado o falecido. Segundo os anciãos, quem triscar no monte da terra tem sua vida curta, então eles pulam mais alto possível para não triscar, por isso muitos pais não deixam o filho ir para o **Kupre**. Talvez os rapazes mais novos tem medo de não dar contar de pular.

As duas meninas o ancião não deixa pular, elas só dão duas voltas ao redor da sepultura e saem. O ancião aconselha depois que todos os que pularam para não olhar para trás, isso é sério que não podem nem brincar e durante a dança, não podem nem sorrir, tem que ser com a cara fechada mesmo, para que os espíritos dos antepassados os respeitem.

Voltando do cemitério fazem a mesma trajetória dançando até o local de onde saíram. Ali vai a comida tradicional, carne moqueada com a farinha. Quem ganha primeiro são as meninas e depois os homens. Chegando ao local, eles colocam aquelas varas ali amontoadas, e depois os mensageiros pegam essas varas jogam no rio para serem levadas rio abaixo. Depois os homens tomam o banho com a folha de pequi e a outra folha que chamamos de **Hêsuikuze**, para tirar todo aquele pó de carvão ou, até mesmo, o triscado dos nossos antepassados.

Assim termina esse ritual e à noite os espíritos vão fazer suas danças no mesmo trajeto, então todos os xamãs vão vê-los dançando, do mesmo jeito que os seres vivos fizeram a dança. Por isso não pode haver erro dos vivos. Nessa dança se tiver o erro, os espíritos dos antepassados já vão querer chamar aquela pessoa para ser morta, por isso essa cerimônia é muito secreta.

Se a criança vir esse ritual, muitas vezes essas crianças adoecem e podem até morrer. Eu, particularmente, não vou deixar meus filhos verem esse ritual porque, no caso deles adoecerem, se precisar chamar o xamã ele cobra muito caro e tem que pagar, porque não vou ver meu filho morrer. Mas esse ritual é muito difícil acontecer. Isso porque já faleceram os anciões. Hoje só tem os homens mais novos, os homens mais velhos já se foram. Temos poucos anciões, temos um ancião com mais de 90 anos hoje. Temos os mais velhos de 75 anos aproximadamente. Porque o **Kupre** tem regras muito secretas, eu espero que esse **Kupre** não aconteça mesmo, porque não estamos esperando os nossos anciões morrerem.

Esse ritual é muito triste porque perde um ancião, perdemos um sábio da cultura. É muito forte para os **Akwẽ**. Um sentimento eterno para família. A família e os partidos ficam tristes e ninguém pode fazer eventos. Se um dia acontecer esse ritual, eu estarei participando, só para observar bem, porque no dia que eu fui, não era ainda um observador e nem pesquisador.



**Foto 4: artesanato Akwẽ Xerente na escola indígena da aldeia Salto Kripre.**  
Autor: Afonso Tiikwa Xerente Abril de 2020.

### **Rodovia TO - 010**

Em 2019, dez de junho, teve audiência pública com três deputados juntamente com a FUNAI e o prefeito de Tocantínia e caciques das aldeias e comunidades indígenas **Akwẽ** para debater sobre o asfalto da estrada que cruza para outra cidade passa dentro da área **Akwẽ**, e que liga o município do Rio Sono e município do Pedro Afonso. O prefeito disse que é importante o asfalto para o povo **Akwẽ** e para as cidades vizinhas, ele citou os alunos indígenas que se deslocam para a escola Cemix, e com as estradas de chão cheio de buracos os alunos ficam cansados, e muitas vezes chegam atrasados, e quando retornam para suas casas chegam muito cansados e já vão diretos para suas camas.

Assim ele fala para as lideranças indígenas **Akwẽ**, ele também fala da saúde indígena incluindo transporte, que os carros da saúde vai muito lento para buscar um paciente nas aldeias, então fala para os índios poderem pensar nesse caso fala também que a oportunidade está nas mãos dos índios. Se aceitarmos, ou não, ele afirma que a culpa não vai ser dele agora, os deputados falaram a mesma coisa.

Então haverá uma pesquisa dentro da área onde pode causar o impacto ambiental, eu ouvindo isso pensei em muitas coisas que vamos sofrer. O asfalto é bom para gente sim, mas a certeza haverá alguns impacto ambiental podehaver também muitos acidente com os **Akwẽ**. Porque vai ter veículos motos e carros transitando no asfalto. Sem o asfalto as vezes acontece acidente, com estrada de chão estrada ruim, quanto mas com estrada de asfalto. Às vezes pessoas estranhas podem atropelar de propósito, isso é uma parte, mas o asfalto pode ajudar

bastante principalmente no caso da saúde. Como temos os carros da saúde indígenas facilita a busca de um paciente nas aldeias, para chegar bem mais rápido no hospital.

Essa audiência é para expor as propostas para os **Akwẽ**, mas, segundo eles, os governantes querem fazer mesmo. Uma coisa que eu quero falar o asfalto pode sair, mas fazer na mesma estrada de chão. Se abrir outro trajeto, pode causar o desmatamento e não pode acontecer do jeito que eles querem, tem que ser do jeito que dos **Akwẽ** quer. Que ficou ruim é que foram convocados poucos caciques para fazer parte da mesa no debate e um ancião ou anciã, quem representou o povo **Akwẽ** foi somente o presidente da câmara, o Ivan Xerente. A sua fala não foi bem nesse debate, mas combinação é acontecer várias reuniões em cada região, e vai acontecer essas reuniões para ouvir os ancião e também as comunidade de cada região, para que todos podem participar e dar opinião e assim entrar todos em consenso para que temos um projeto para sempre para quer não acontece como a usina hidrelétrica da cidade lajeado que fica acima do povo Xerente.

### **Evangelização no povo Akwẽ Xerente**

Até aonde eu vim sabendo da evangelização no **Akwẽ**, nos anos de 1990, tem a igreja Batista na aldeia, o chamado pastor Rinaldo de Mattos. Mas, antes de eu conhecê-lo, ele já estava entre os **Akwẽ** fazia muitos anos, depois que eu conheci ele achei um pastor muito legal. Ele já sabia falar a linguagem **Akwẽ**, então ele fazia o culto dia de quarta-feira, sábado e domingo e falava para **Akwẽ** aceitar a Deus como seu salvador e muitos dos **Akwẽ** aceitaram. Mas não prevaleceram como crente, durava pouco tempo sendo crente. O pessoal que ia para o culto tinha que ir bem vestido calçado, inclusive até eu já me batizei nessa missão e hoje convivo com meu costume, porque não aguentei o que o pastor exige.

O pastor não aceitava agente ir no **Sekwa** caso adoecesse, porque ele falava da convivência dentro da aldeia, com o xamã agente fica com medo do pastor, porque ele falava se alguém adoecer não pode procurar o **Sekwa**.

Mas, esse pastor compreendeu muitas coisas sobre os **Akwẽ** e começou a respeitar a cultura do povo Xerente, ele vai para o **Dasĩpêde** tanto participar das festas culturais, ele aprendeu a falar a linguagem **Akwẽ**, que hoje ele até faz o discurso na língua, ele ajuda também nos alimentos para qualquer evento. Quando eu saí para estudar em Catalão, na Escola agrícola de Goiás, ele me ajudou naquela época, com roupas, tênis e um pouco de dinheiro. Só ele tinha iluminação como energia, mas era motorizado a iluminação, só ele tinha

televisão. Todos os dias de jogos como o Brasil os **Akwẽ** iam assistir lá, então nessa época era só o **Dasĩpê** e o culto que ele fazia.

Uma coisa muito importante é que ele foi professor dos **Akwẽ**, ele foi o autor do alfabeto **Akwẽ**. Ele deu aula em português e depois que ele aprendeu a linguagem **Akwẽ** escrita, ele deu aula também e os **Akwẽ** que estudaram com ele tem um bom emprego e alguns já são aposentados, a maioria é da FUNAI, sendo que eles têm somente quarta série.

Durante esse tempo todo, o pastor morou na aldeia. Então ele traduziu o novo testamento para língua **Akwẽ**, juntamente com os professores **Akwẽ**, depois de ser publicado, cada professor ganhou essa bíblia. Então ela serve até para fazer a leitura, na linguagem, às vezes até dar aula na linguagem e eu, como professor, ganhei essa bíblia e eu achei muito bom porque já um tipo livro em **Akwẽ**, outra coisa desde a época ele esteve dando o estudo bíblico para os indígenas.

E alguns **Akwẽ** concluíram, e foram nomeados como pastores indígenas, na minha aldeia, por exemplo, temos o pastor Silvino **Sinãwẽ** Xerente, foi um deles que terminou o estudo bíblico e é pastor da igreja Batista da aldeia Salto.

Hoje o que nos afetou mais foi a chegada da nova tecnologia, primeiro a energia, aí o povo **Akwẽ** começou a comprar televisão e que aí as comunidades se envolveram para assistir a novela. Hoje as meninas novas só querem assistir novela e jogo de futebol; aí vem o som que envolve a música. Depois vieram os celulares, que o dia todo estão conectados na internet, *whatsapp*, por exemplo. Tem jovem é dia e noite no *whatsapp*, *facebook*. Se tiver festa cultural, nem todos vão para a festa, e o ritual e a linguagem podem sempre enfraquecer, e como está difícil acontecer a **Dasĩpê**, aí podemos estar esquecendo os rituais.

A pintura corporal, o clã que está forte e ainda a nomeação masculina e feminina, mas o que restou estão sumindo, como o cântico: os mais novos não sabem cantar, porque muitos não vão para o **Dasĩpê**, não sabem o significado do seu nome. É o risco que um dia, os nossos jovens não aprendam e nem saibam os rituais. Os professores **Akwẽ** e os anciãos tem que ensinar os alunos indígenas **Akwẽ**.

Então, o pastor Rinaldo de Mattos possui o nome seu indígena, em **Akwẽ** **Dawakreikwa** é o nome dele e é do clã **Kuzâpdtêkwa**, da bolinha pequeno, e a comunidade **Akwẽ** tem respeito por ele. Ele chegou nos dias em que o povo **Akwẽ** foi atacado pelo sarampo e ele foi um dos médicos que ajudaram a fazer medicação. Segundo ele, só tinha quarenta **Akwẽ**, quase foram mortos todos.

## **PARTE II- O DASÍPÊ**

Victor Turner estudou os ritos de passagem e percebeu que todas as sociedades têm esses ritos. Sim, concordo plenamente e esses ritos variam de cultura para cultura, por exemplo, o autor coloca a passagem de solteiro para casamento, mas na cultura do povo **Akwẽ** temos o rito de passagem da pintura corporal. A pintura da criança com quatro meses é a do tamanduá-bandeira e depois, com um ano, sua pintura é da onça pintada.

Aí continua a pintura das crianças até seis anos, de acordo com o partido clânico, porque temos seis partidos, primeiro **Kbazidtékwa**, segundo **Krozakedtékwa**, terceiro **Kuzâpdtékwa**, quarta **Wahirêdtékwa**, quinta **Kritidtékwa** e a sexta, **Krãiprehidtékwa**, então estas são pintadas de acordo com o um partido do pai, a quem a criança pertence.

Mas, também existem os ritos de passagem no **warã**, casa dos homens, ali tudo é ensinado para os homens jovens, como as histórias, como o respeito com os outros clãs. É como uma escola dentro do **warã**, o jovem é ensinado pelos anciãos a caçar, a pescar, a fazer roças, plantar e muitos discursos tradicionais. Se o homem jovem aprender bem, ele pode casar.

Achei muito interessante saber que os **Ndembu** são matrilineares e virilocais, eles também possuem um chefe supremo e cerca de uma dúzia de subchefes, muito interessante isso que o autor fala e bem observado. No meu povo **Akwẽ** existe também um chefe, mas é chamado de cacique e existe também o vice-cacique e somos patrilineares, porque o filho pertence ao pai.

Os anciões apoiam o cacique para decidir realizar uma festa tradicional, eles fazem reunião com a maioria dos anciões. Os **Ndembu** são povos conservadores e os povos indígenas do Brasil também são conservadores, porque para sobreviver tem que manter suas culturas, e é da natureza que vem a sustentabilidade. Os **Ndembu** são cultivadores de mandioca, milho e batata-doce, eles só criam ovelhas e cabras, não criam bovinos e nem suínos e o povo **Akwẽ** cria galinhas, patos e cachorros para proteção da casa e também são cultivadores de mandioca, milho, fava, feijão e arroz.

Para os **Ndembu** a caça era a sua principal atividade e no povo **Akwẽ** ainda o principal trabalho é caçar, em dupla ou coletivamente.

Turner afirma que as doenças ou qualquer sintoma que eles sentirem, atribuem à feitiçaria. No povo **Akwẽ** já é um pouco diferente, só se fala em feitiçaria quando o **Sekwa** descobre que a doença foi por feitiço.

Eles convivem em uma pequena aldeia, mas o **Akwẽ** tem aldeias grandes; os **Ndembu** não acreditam que as doenças vem da natureza, eles pensam que vem de uma sombra punitiva ou de feitiçaria de invejosos, e a sua terapêutica é através da adivinhação, daí que eu afirmo

onde eu escrevi na frase anterior, que no povo **Akwẽ** só considerado como feitiçaria. Quando o xamã descobrem não tem esse negócio de adivinhar. Agora, o sonho ainda existe: tanto o ancião quanto a anciã podem sonhar e contar o sonho, porque é certeza que vai acontecer alguma coisa.

Os **Ndembu** dizem que o nome é ligado ao poder das árvores e atrai os animais; assim, eles conseguem matar os animais mais facilmente. No povo **Akwẽ** também é assim, mas nem todos sabem preparar o remédio tradicional, uns amarram uma cordinha e outros já usam um tipo de leite de uma árvore que passam no corpo para poder atrair os animais, assim eu ouvi falar do meu pai.

Interessante nos **Ndembu**, pois são semelhantes ao povo **Akwẽ** quanto ao uso dos medicamentos tradicionais, tais como folhas, raízes, raspa de cascas. No povo **Akwẽ**, antes de levar para o hospital, esses medicamentos são experimentados na aldeia e se resolverem já não são encaminhados para o posto de saúde, pois muitas vezes dá certo.

No meio dos **Ndembu** existe um curandeiro chamado **Ihembí** é um curandeiro especialista, isso quer dizer que quando adoecia um **Ndembu**, ele era chamado para melhorar aquele paciente e tudo ficava melhor. Ele tinha 70 anos, ele também sempre era alegre e sorridente, mas agora ele será também xamã, porque no povo **Akwẽ**, na minha aldeia, não só os **sekwa** que sabem dos remédios tradicionais, mas têm os melhores curandeiros (a) e todos tratam os pacientes com carinho. Quero aqui falar do texto, ou seja do autor, foi muito bem observado esse grupo bem estudado.

## A ORIGEM DA CORRIDA DE TORAS DO POVO AKWĒ XERENTE



*Foto 16- Pedro Smissuite Xerente da Aldeia Salto, o entrevistado.*

*Autor: Afonso Tikwa, 2019.*

No dia onze de outubro de 2019, eu entrevistei o ancião Pedro **Smissuite** Xerente na aldeia Salto **Kripre**. A pergunta foi sobre o surgimento da corrida de tora. Ele me contou que a tora veio do debaixo da terra. O dono da corrida de tora era o tatu-canastra. O índio, ao caçar, achou o buraco desse tatu-canastra, ele entrou para ver se esse tatu estava lá dentro, então o tatu se escondeu para tomar a frente do índio.



*Figura 11-Tatus que simbolizam o surgimento da corrida da tora no povo AkwĒ Xerente.*

Fonte: <https://www.biofaces.com/post/130147/doi-tatus-canastra-priodontes-maximus-andando-juntos/>  
(acesso março de 2020)

Quando o índio estava voltando para sair do buraco, o tatu tomou a frente e falou para ele: agora vamos descer, aí foram descendo e, de repente, a terra desabou e o índio foi parar no pé de buriti, ali ele ficou uns dois dias. O índio olhava lá embaixo. Ali ele via uma grande sucuri que é a guardiã dos buritis e do brejo. Então, muitas caças passavam nesse lugar embaixo.

Foi a hora que um magote de caititu passou, muito rápido para que a sucuri não os pegasse. O índio gritou para esses caititus:

- Êh, êh. Como vou descer daqui?

Eles responderam: - Você tem que pular daí para o seco, porque se você cair dentro do brejo, o sucuri te pega.

O índio respondeu, está bom. Então ele pulou e conseguiu chegar no seco, dali ele seguiu na estrada ele foi andando, mas ele não sabia que era a estrada do Tatu-Canastra. Ele chegou onde o tatu morava. Lá haviam muito tatus. Ali o índio passou um ano e vendo essa corrida de tora. O tatu ensinou tudo para o índio.

Primeiro o Tatu falou para o índio para ele não pegar na tora, porque a tora era o buriti inteiro. O Tatu viu que o índio não dava conta de correr com o buriti inteiro, e era todos dias tinha a corrida de tora. O índio acompanhava todos os dias, ele se pintava com o partido que ele pertencia, mas o Tatu não deixava pegar na tora. Ali ele aprendeu todas as regras das toras. No fim, o Tatu permitiu para ele correr com a tora, mas quando ele pegou aquele buriti inteiro, ele não correu muito com o buriti e deixou cair. O buriti inteiro quebrou de pedaço em pedaço. Os tatus todos gritaram:

- Agora vocês vão correr com o buriti lapidado ou cortado.

Se o índio não tivesse deixado cair, hoje a corrida de tora era com o buriti inteiro.

Essa história de surgimento da tora poucos sabem contar, é muito importante essa história contada pelo ancião. Eu, por exemplo, só sabia correr com a tora, mas não sabia de onde veio essa tora. Na minha pesquisa descobri essa importante história que nós, os jovens, temos que saber cada surgimento da nossa cultura. Como esse índio trouxe para o povo **Akwẽ** Xerente esse ritual, que até hoje está vivo dentro do meu povo **Akwẽ** Xerente.

Esse é um ritual muito significante que só acontece no **Dasípê**. A corrida dessa tora grande vem só no final do **Dasípê**, essa tora grande significa a nomeação masculina e sem essa tora grande não acontece a nomeação masculina. Tudo que o índio aprendeu ele ensinou quando voltou para a terra onde vivemos hoje, por isso hoje estamos preservando os nossos

buritizeiros. Temos ciúmes dos nossos buritis que servem também como nosso alimento e como remédios.



*Foto 17- Augusto Sõwêkõ Xerente, meu tio do partido Kbazi, círculo médio e eu.*

Autor: Afonso Tiikwa Xerente 2019

Augusto **Sõwêkõ** Xerente mora na aldeia Salto **Kripre**, município de Tocantínia, e falante de duas línguas. É um membro da aldeia. Ele já foi cacique da aldeia, ele é do partido **Kbazidtékwa**, é o clã ao qual eu pertencço. Ele fala que o **Dasípê** não está sendo realizado por falta dos anciãos, que tem aldeia que não tem mais o ancião. Ele diz saber de muitos rituais, mas ele sozinho não dá conta, ele está preocupado com isso, mas ele fala que não pode acabar a festa cultural na aldeia, ou seja, no povo **Akwê** Xerente, temos que reforçar estes rituais, porque se não fazemos a festa cultural, não haverá a nomeação masculina e nem feminina. E até eu estou preocupado com que ele falou, mas vamos organizar uma festa cultural, para que acontece também a corrida de tora tradicional do povo **Akwê** Xerente então estamos todos preocupado com os rituais que não acontecerão durante os seis anos atrás.

Quando o **Dasípê** do povo **Akwê** Xerente vai ser realizado, primeiro os anciões e o cacique fazem uma reunião e discutem quais ritos serão realizados, porque não dá para fazer todos os rituais, cada ano é de um a três rituais que podem ser realizados e para ensinar também os mais novos; nessa reunião também se escolhe uma aldeia, mas normalmente é a

maior aldeia que é escolhida. No **Dasîpê**, o principal é a nomeação masculina e feminina e nessa reunião se decide também qual a corrida de tora vai ser levada no final do Dasîpê,

Existem duas toras grandes chamadas **Īsitro** e **Krânkramî**, carregadas pelos dois homens adultos, cada homem pertence a um partido e as duas toras têm sua partida e pintura específica. O nome desse partido e pintura é **Htâmhã** e **Stêromkwa**, que esses dois nomes não temos ainda a tradução na Língua Português.

Depois de escolher o local onde vai acontecer o **Dasîpê**, aí então os anciãos escolhem quatro mensageiros. um de cada clã. Esses mensageiros são responsáveis pelo convite nas aldeias vizinhas para o **Dasîpê**; os moradores das aldeias vizinhas vão todos alegres para o **Dasîpê**, porque levam os filhos para serem batizados e nomeados.

Hoje não se faz mais brincadeiras com os mensageiros, ele são escolhidos e pronto; eles já vão começar o seu trabalho e, durante a festa, farão a vigia dentro da aldeia; eles que preparam as toras, a cantoria e danças, eles quem vão ver quem está participando bem, os homens e as mulheres, porque durante a cantoria homens e mulheres mais novas não podem namorar, somente cantam e dançam. O cantor tem que ser o xamã, porque durante o cântico e dança os nossos antepassados chegam para participar também e podem triscar em alguém vivo que está ali cantando e dançando, então a pessoa pode adoecer, aí só xamã pode fazer a cura, porque é muito perigoso.

Se, de repente, alguém cair durante o cântico e dança, o **Sekwa** já sabe que é uma alma dos antepassados que triscou nele, ou nela, então ela vai lá para fazer o seu trabalho e para pessoa ficar boa.

No nome masculino há muito cuidado para não colocar no menino o nome do outro clã. Por isso, somente os ancião levam o menino para os nomeadores para eles fazerem o batismo gritando o nome indicado, para que todos escutem o nome atribuído ao menino. Porque é no meio da multidão a nomeação masculina.

Pegando o nome que é do outro clã, um ancião já corrige aquele nome, o ancião já vai falar: esse nome não é de vocês não. O menino vai todo pintadinho com a cabecinha amarrada com palha de buriti e os nomeadores são escolhidos pelos anciãos.

## 1. Começando com nomeação feminina:



*Figura 12-Essa fila é da nomeação feminina eles cantam casa em casa*

Fonte <[http://www.ufff.br/midiacidada2017/files/2017/10/expo\\_foto\\_adriana\\_povo\\_xerente.pdf](http://www.ufff.br/midiacidada2017/files/2017/10/expo_foto_adriana_povo_xerente.pdf)>, acesso fevereiro 2020

O **Dasîpê** começa com a nomeação feminina, o pai da criança vai apresentar para o ancião, aí eles vão pensar qual vai ser o cântico desse nome, tem que apresentar a criança um dia antes. No dia da nomeação, o tio da criança manda pintar a criança com a pintura do clã do seu pai e colocar os colares de tiririca, amarra o cabelinho dela com a fita de buriti, a criança tem que ser bem enfeitadinha.

Depois, leva para o pátio onde estão os anciãos, e a criança é acompanhada pelo tio e pelas tias, para dançar atrás da menina e lá, é a tia mesma que a segura dançando, a mãe não vai acompanhar, fica em casa esperando. A criança tem que ter o par dela, a criança que vai colocar o nome. Por exemplo, se uma chama **Wakedi**, a outra menina tem que receber o nome de **Wakedi** também. Então, as duas crianças com o mesmo nome, ao chegarem no pátio, os anciãos chamam os demais homens novos todos para cantar; eles saem em fileira e começam na primeira casa a cantoria batendo o bastão no chão, cantando. Assim, fazem a cantoria de casa em casa para que a comunidade da aldeia e de outras aldeias conheçam esse nome, mas assim que está perto de onde começou a cantoria, o tio da menina a tira do grupo e as tias delas a levam para sua casa e o tio continua cantando com os anciãos. Desde daquela hora as meninas são chamadas somente com esse nome mas, as meninas podem ter três nomes também.

Assim que termina a cantoria da nomeação, o tio da menina prepara a comida tradicional para pagar as tias que dançaram para sobrinha e assim segue a nomeação feminina.

Falando da pintura para a nomeação, se a criança tiver de dois a três aninhos ela é pintada com o símbolo de um animal, por exemplo, do **padi**(tamanduá-bandeira), então ela pode ser pintada desse símbolo e também com o símbolo da onça.

## 2. O cântico e dança à noite



*Figura 13- Dança no pátio da aldeia*

Fonte: Melo, Valeria Moreira Coelho de. O movimento do mundo : Cosmologia, alteração e xamanismo entre os Akwẽ-Xerente / Valeria Moreira Coelho de Melo. 2016, pag. 145

Assim que terminam as atividades do dia, todos vão jantar. Aí tem o intervalo e, como antigamente não tinha relógio, o xamã faz o convite no pátio com a fala bem alta: depois que a noite vai cantar e dançar. Quando anoitece, bem no cálculo do relógio, são mais menos às dezoito horas, começam os cânticos e danças para as criançadas, aí já não é o xamã que canta, mas qualquer homem pode cantar. Por exemplo, eu já fiz o cântico e dança para as crianças. O ancião e o xamã estão ali vendo as criançadas cantando e dançando, isso dura até as vinte horas e não pode passar essa hora. Depois começa com os adultos, aí é o xamã que conduz a cantoria e a dança, são muitos cânticos que ele conhece, assim ele faz a cantoria com o maracá com o seu significado, como o cântico do peixe e a dança do peixe. Esse dança e esse cântico tem o seu próprio significado. O homem dança com os braços no ombro de uma mulher e todas com os braços nos ombros, isso no cântico e dança do peixe. Tem um cântico e dança que só homens solteiros e mulheres solteiras podem participar, porque a dança é bem

abraçado e, se o homem está casado com uma mulher que já é separada de outro, ele ou ela participar da dança, pode haver uma outra separação. Nessa cantoria, as mulheres cantam e dançam só de tanguinha, elas não podem usar os casacos, só mesmo a pinturas corporais e quem faz vigia na cantoria, são os quatros mensageiros. Eles ficam durante essa festa da cantoria, aí às onze horas tem intervalo para o lanche aí outro xamã pode pegar o maracá e continuar a cantoria, tem vez que vai até o amanhecer, principalmente quando é a ultima noite. No intervalo, o Xamã faz um certo experimento, ele coloca o maracá no pátio dizendo quem vai lá pegar o maracá, se alguém tiver coragem pode ir lá pegar porque todos sabem que se pegar o maracá esse alguém pode levar mal, pode cair assim fala o **Sekwa** (Xamã) aí ninguém encosta no maracá, todos ficam com medo.



*Figura 14- Corrida de Toras*

Autor: Valci Sinã (2017:129) in: *Cultura e Lazer na vida cotidiana do povo AkwêXerente*", de autoria de Khellen Cristina Pires Correia Soares, tese de doutorado, Belo Horizonte Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

### **3. Corrida de tora curta durante o Dasĩpê**

Todas as vezes que acontece a corrida de toras pequenas, um ancião e os mensageiros chamam os homens, mulheres e adolescentes para correr com a tora.

Essa corrida de tora curta, ela é praticada durante o **Dasĩpê** todas as manhãs e às tardes; primeiro são os adolescentes, tanto os meninos e como as meninas que vão correr com a tora pequena acompanhados pelos quatro mensageiros. Os meninos vão junto e, quando chegarem no local onde estão as toras pequenas, os mensageiros vão dividi-los de doze em doze, aí começam a correr e os mensageiros acompanham. No decorrer da corrida os mensageiros vão ensinando como fazer o revezamento da tora e desde aí a comunidade percebe que aquele menino, ou menina, será um corredor; depois são os homens adultos, na mesma regra. Os mensageiros que fazem a divisão deles para correr com a tora curta, mas as toras pesam entre oitenta e noventa quilos, aproximadamente, e podem machucar os ombros. Mas, alguns homens adultos sabem de uma folha que pode usar para evitar o cansaço durante a corrida. Todos ficam com o machucado nos ombros, mas tem o remédio tradicional preparado para curar esses ferimentos.

### **Os cânticos dos homens no Warã, fora da aldeia, na mata**

Esse cântico é realmente para nomeação masculina, no meio desse cântico pode ter vários anciãos para ensinar os rapazes novos muitos principalmente a respeito entre os clãs, esse cântico pode durar uns quatro dias entram de manhã só saem de tardezinha e no outro dia retornam durante o dia; as mulheres não podem ir onde estão cantando, quem pega a comida são os mensageiros para os homens. Ali também não entram os meninos de dez anos, só a partir de quinze anos. Ali todos os homens cantam com o bastão na mão, às vezes batem no chão, às vezes seguram perto do peito. Passando os quatro dias, no último dia, os anciãos escolhem um homem e duas mulheres acima de quinze anos e levam para o **Warã**, lá onde estão os homens.

Alieles são enfeitados com pintura corporal e, se o homem é do clã **Kbazi**, quem faz a pintura é do clã **Krozake** porque é o clã de muito respeito; nas duas mulheres, o homem coloca o cocar na cabeça das mulheres com a fita de buriti e as tornozelas femininas também são amarradas com fita de buriti. Assim também é no outro grupo, porque são dois grupos, o grupo do **Kbazi** e o grupo do **Krozake**. É uma troca de pintura entre os clãs de respeito mas, antes desses enfeites, os homens que estão ali no **Warã** também fazem a pintura que é uma outra, e essa pintura é de carvão e esse carvão é passado no rosto do homem e nas pernas; então se organizam duas fileiras, uma com **Doidtêkwae** e uma de **Isakedtêkwa**, com os

três clãs de respeito, cada clã vai colocar esse carvão no rosto de outro clã, depois vão fazer um ensaio para sair na direção da aldeia, então as duas fileiras saem do **Warã** aí os dois clãs da mesma metade se juntam e formam duas fileiras, como a metade do **Krito** é o **Kbazi** e a metade do **Kbazi** é o **Kuzâ**, esses são de círculos. E do outro lado, outro grupo é formado por **Krozake, Wahirê, Krãiprehi**, esses saem em fileiras, aos pares, bem agachados com o bastão na mão, andando bem devagarzinho na direção do pátio da aldeia. Os grupos de nomeadores vão atrás, com arco e flecha bem grandes e, ao chegar no pátio, os homens das fileiras fazem o cruzamento e depois eles levam os bastões e cordinha que é amarrada no pescoço como colar. Eles depositam em um lugar os bastões usados e depois os **Danôhikwa** (mensageiros) pegam e jogam dentro de córrego. Dentro desse **warã** há um reconhecimento dos parentes através da pintura corporal, porque ali vem os homens de todas aldeias e também os meninos são reconhecidos por seus próprios parentes através da pintura corporal e, se o rapaz tiver dúvida de reconhecimento do seu parente ali nesse **warã**, ele vai tirar. Por isso, antigamente, **owarã** era uma escola onde se aprendia muitos rituais com ajuda dos seus anciãos no ensinamento.

Depois disso vem a corrida de tora grande, os dois partidos que correm com a tora grande vão amanhecer no pátio da aldeia, cada partido com o seu ancião; os homens não podem dormir com sua esposa; segundo o ancião, se dormir com sua esposa e ter relação, pode acordar com o corpo mole, e pode se machucar na hora da corrida.

### Ensinamentos das pinturas corporais (etnografia)



*Figura 15- Homens durante a pintura*

Fonte: <http://povosindigenasdobrasil.blogspot.com/2014/08/os-akwe-xerente.html>, acesso em fevereiro de 2020

O ensinamento das pinturas começa em casa; os pais ensinam os filhos meninos e as filhas meninas como fazer a pintura corporal. No momento de ensinar a pintura, os pais falam também dos clãs de respeito, por exemplo, se a família é do clã **Kbazi** o pai vai ensinar de como pode ser tratado o clã que é de respeito, o clã do **Īsake**, porque tem os cumprimentos específicos e não pode chamar pelo nome indígena.

Os clãs se tratam com **Nārkwa**, o clã do **Kbazi** chama o clã do **Krozake** de **nārkwa** e o clã do **Krozake** chama o clã do **Kbazi** também de **nārkwa**. Esses dois clãs se servem e se complementam em momentos muito importantes, como por exemplo, se uma pessoa do clã do **Kbazi** falecer, quem faz a sepultura é um **Krozake**, assim também acontece com o clã do **Krāiprehi**, se alguém do clã do **Krāiprehi** falecer, quem faz a sepultura é do clã **Krito**, e se o clã do **Krito** falecer quem faz sepultura é do clã **Krāiprehi**. Isso porque as almas respeitam quem está trabalhando na sepultura e se for do mesmo clã trabalhando nessa sepultura, aí as almas não respeitam porque são parentes próximos, pois até as almas reconhecem quem é do seu clã.

E assim também acontece com os outros clãs, porque temos seis clãs, e cada um com o seu clã de respeito e complementar. Antigamente, só se casava com o seu clã de respeito, não tinha namoro entre o rapaz e a menina do mesmo clã. Se o pai do rapaz gostar daquela menina ele vai pedir aquela menina em casamento com o seu filho, e se o pai da menina gostar do rapaz também ele vai pedir o casamento para o pai do rapaz, para casar com a filha dele.

**PARTE III-**  
**ĪKNŌ (TORA PEQUENA) E ĪSITRO (TORA GRANDE):**  
**–ASSOCIAÇÕES E REGRAS PARA A CORRIDA**

Há dois tipos de toras, a pequena e a grande, e para cada uma delashá um conjunto de regras que devem ser obedecidas.

As regras são muito importantes para o povo **Akwē**, antigamente essas regras eram colocadas em prática, nem tanto para a tora pequena, porque a pequena não dorme de uma noite para outro dia, mas é cortada no mesmo dia da corrida. Essa tora é carregada por dois grandes grupos de homens, que são divididos por um dos mensageiros durante o **Dasîpê**. A corrida de tora pequena é uma preparação para a corrida de tora grande e quando estão faltando dois dias para festa terminar, aí os anciões falam para parar de correr com a tora pequena para poder descansar.

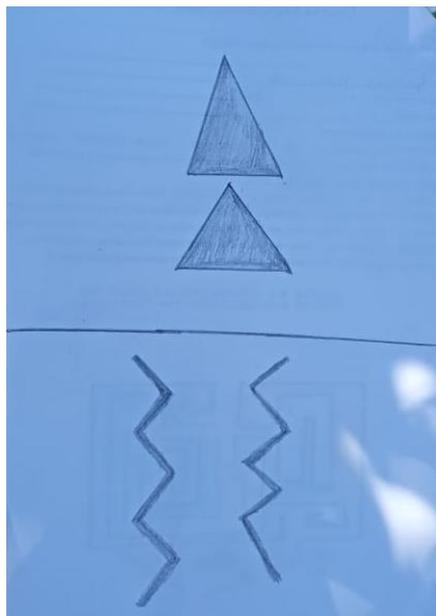
Na tora grande aí vem as regras.

O primeiro passo tem que ter quatro mensageiros **Akwē**, com clãs sociais bem respeitados tem que ter dois clãs, parte do **Dói** que faz parte da bolinha média e os outros dois é parte do clã **Wahirê**, eles prepararam a tora grande e durante a preparação ninguém pode ver as mulheres não pode ir onde a tora grande está sendo preparada, nem as crianças ver o peso, que chega a mais ou menos 150 kg.

Segundo passo, a tora é colocada no local de onde vai ser levada no outro dia cedo; aí, pela regra, dois Xamãs dos dois partidos ao qual que pertencem a tora como **Htâmhã** e **Steromkwa**, têm que dormir ali no local porque, segundo os mais velhos, a tora grande não pode dormir sozinha porque os antepassados brincam com a tora e os que vão correr podem ser atropelados por ela, podem se machucar e quebrar braços ou pernas.

Terceiro passo, é que os homens não podem dormir com a esposa, tem que dormir no pátio da aldeia.

Quarto passo, os homens têm dois grandes partidos (grupos de homens) da pintura corporal: o primeiro, o dos homens mais velhos, é chamado de **Htâmhã**, que utilizam uma pintura triangular, e o segundo é o **Stêromkwa**, dos homens mais novos, que usam pintura ziguezague. A pintura do partido **Htâmhã** é triangular onde essa imagem mostra.



*Figura 16- Símbolo do **Htâmhã** e do **Stêromkwa**, pintura dos homens.*

*Desenho de Afonso Tiikwa, 2020*

A tora grande do **Htâmhã** é pintada com esse símbolo, mas que também significa a pintura do sucuri. É um sucuri mais curto. O nome na linguagem do **Akwẽ** é **Kukãihã** (casca de jabuti). Os homens mais velhos se pintam com esse símbolo.

O partido do **Steromkwa**, ao qual os homens mais novos pertencem, se pinta com esse símbolo desenhado acima. Esta é uma variação da pintura do sucuri, essa sucuri é mais longa. Na linguagem do **Akwẽ** é o **Amkeparu** (listra da cobra).

Quinto passo, os dois grupos fazem um grande círculo e cantam, dançando todos de mãos dadas.

Sexto passo, os dois grupos saem em fileira; a primeira fila que vai à frente é do **Htâmhã** e depois é do **Stêromkwa**.

Sétimo passo, os dois grupos têm que ter obrigatoriamente dois anciãos para não ter conflito interno, que muitas vezes acontece.

Mas hoje, algumas dessas regras não estão sendo cumpridas, principalmente na dormida da tora. Na minha observação, porque quase não tem pajé e porque os homens não estão dormindo no pátio da aldeia estão acontecendo muitos “atropelamentos”. Durante a disputa com a tora grande, muitas vezes a tora pode cair nos dois homens que estão correndo com a tora. Os anciãos falam que não pode cair. É onde acontece que os homens se machucam. Eu chamo de atropelamento quando os próprios **ambã** (homem) se atropelam.

## Ĩknõ (Tora curta)



*Figura 17- Corrida de tora curta dos homens adultos*

*Autor: Afonso Tiikwa Xerente, 2014.*

**Ĩknõ** é a tora curta, feita de palmeira de coco babaçu, para a corrida dos homens adultos e pode ser feita em qualquer momento. Segundo o entrevista com Augusto **Sõwêkõ** Xerente, feita na aldeia, em 2019, essa corrida é muito importante para que o nosso corpo não se desacostume em correr com essa tora. Formam-se se dois grupos iguais, não tem segredos, mas o cântico é usado quando vão buscar essa tora; os dois grupos ficam em círculos e cantam e na chegada acontece a mesma forma, fazem o círculo e cantam em volta da tora dançando. Temos que retomar essa corrida, porque hoje não está acontecendo o **Dasĩpê** que acontecia todos os anos. Há três anos que não acontece.

### **Dakrsu: Associações para corrida de Toras**

**Dakrsu** são quatro associações muito importantes do povo Akwê Xerente e ninguém quase não sabe, principalmente os mais novos. O **Darksu** está ligado à ordem de nascimento dos filhos, independentemente do clã do pai. Então, se o pai tiver quatro filhos homens, seu primeiro filho pertencerá à associação **Ainãrowa**, o segundopertencerá à **Krara**, o terceiro **Krêrêkmõ** e a quarto, na associação **Akemhã**. Assim também com as filhas mulheres.

Durante o **Dasĩpê**, as refeições são distribuídas de acordo com essa associação. Comoquase todas as aldeias participam do **Dasĩpê**, muitas vezes o rapaz novo, ou a mulher nova, não sabe sua associação, aí pode perguntar para seu ancião a qual associação ele pertence e ele ajuda a identificar.

Na hora da distribuição do almoço formam-se quatro fileiras, uma para cada associação; um ancião corrige o posicionamento, porque pode acontecer de alguns homens ou mulheres ficarem na fila errada. Assim que são formadas as filas, cada um dos anciãos pergunta a qual associação aqueles que estão na fila pertencem. Se o rapaz souber que é daquela associação, ele pode continuar na fila que é certa, mas se está em dúvida, o ancião pergunta quem é seu pai, aí o rapaz fala o nome do seu pai e em qual aldeia que ele mora. O ancião também pergunta se ele é o primeiro filho, aí o rapaz deve falar se é o primeiro, segundo, terceiro ou quarto e, se ele está na fila **Ainãrowa** e ele é segundo filho, o ancião vai mandar para a fila do **Krara**, e assim também acontece com as mulheres.

A corrida de tora grande, chamada **Krãkrãmi**, é organizada com as quatro associações; os grupos se juntam para competir na seguinte ordem: os **Ainãrowa** (primeiros filhos) se juntam com os **Krara** (segundos filhos) e os **Krêrêkmõ** (terceiros filhos) se juntam com os **Akemhã**, (quartos filhos). Essa corrida acontecia antigamente, hoje não vi ainda.<sup>7</sup>

Só confirmando, a fila do **Dakrsué** para os anciões saberem qual delas está aumentando a cada ano, porque essa observação só acontece anualmente e só durante o **Dasípê**; na minha observação isso não é ensinado na escola e eu só vejo no **Dasípê**, mas deveria ser ensinado.

---

<sup>7</sup>Eu só vi a corrida do **Īsitro**, a tora em forma de cone, onde competem seus partidos específicos, **Htâmhã** e **Steromkwa**. Lembrando que o símbolo da pintura **Htâmhã** é um triângulo e do **Steromkwa** é em ziguezague, como eu me identifico como **Htâmhã**, eu me pinto com a pintura de triângulo.

## A dança do padi- tamanduá bandeira



*Foto 18- Dança do Padi (Tamanduá- bandeira)*

*Autor: Afonso Tiikwa Xerente 2014.*

A dança do **Padi** (tamanduá-bandeira) acontece depois da corrida de tora grande e assim que os homens vão à busca de tora, dois homens se afastam para o mato, juntos com um ancião, para se caracterizarem como tamanduá-bandeira. Os homens tem que ser de dois clãs opostos, que se tratam como **Isidanãrkwa**, com uma relação de respeito e complementaridade: um **Kbasi** precisa de um **Īsake**<sup>8</sup>, um **Krito**, com **Krãiprehi** e um **Kuzã**, com **Wahirê**.<sup>9</sup> Com o ancião ensinando como usar a palha de bacaba (kacrã) para fazer a imitação de um tamanduá-bandeira, os dois homens se caracterizam para a dança do **Padi**.

Quando chegam no pátio da aldeia, ao final da corrida de tora grande, os corredores fazem um círculo de mãos dadas, cantam e dançam ao redor da tora. Assim que terminar o cântico e a dança, chegam os dois homens imitando o tamanduá-bandeira e simbolizando o **Padi**, ambos empalhados com a folha do buriti e aí todos fazem um círculo para recebe-los. Então, eles entram e dançam dentro do círculo e eles, dançando, vão procurar sua comida

---

<sup>8</sup>- Durante minha pesquisa descobri que os **Krozakesaptorê** e os **Krozaketepo**, preferem que se identificar como **Īsake**.

<sup>9</sup>- Estes são os três pares da relação **Isidanãrkwa:Kbasi** e **Krosake; Krito** e **Krãiprehi;Kuzã** e **Wahirê**, conforme visto na Parte I.

porque o ancião prepara dois pratos preferidos de comida para os tamanduás. Eles dançam até encontrar sua comida, eles têm dificuldade de enxergar porque estão totalmente cobertos com a palha de buriti, então às vezes demoram para achar. Enquanto não acharem, eles vão dançando e todos os que estão no círculo brincam com eles; as crianças têm medo porque eles correm atrás das delas, brincando. Algumas estão vendo o **Padi** pela primeira vez e então, sentem mais medo.

O **Padi** é o arremate do **Dasĩpê**, o fechamento do ritual, que nós Akwê gostamos de chamar de festa cultural. A dança do **Padi** não tem um canto próprio, mas somente a dança dentro do círculo e com o bastão embaixo do braço. Assim que acham a comida feita para eles, entregam para suas esposas e saem.

Aí termina o **Dasĩpê**, todos ficam com saudade das outras aldeias que estavam nesta festa do **Dasĩpê**, os anciãos fazem o choro ritual, eles já ficam com saudade dos parentes, de terem o seu clã pertinho da mesma metade, e assim os mais novos também ficam com saudades, mas a aprendizagem é grande. Dali, cada um sai com sua própria aprendizagem, e mais tarde, se o rapaz está com dúvida, pode perguntar para seu pai ou ao seu avô. Como eu, quando acabava o **Dasĩpê** eu pedia ao meu pai falar sobre algum rito que eu não tinha compreendido, porque muitos rituais passam rápido, e por vezes não dá para compreender.

### **A troca da comida**

Antes da dança do **Padi**, todos os homens que correram com a tora sentam-se em círculo para receber um prato de comida; são as esposas que levam a comida para os maridos e se o homem não é casado, é a mãe ou sua irmã quem leva a comida. Quando estão com a comida, eles trocam o prato de comida com o seu clã **Isidanãrkwa**(de respeito) e todas mulheres capricham nas comidas para levar ao seu marido, pois sabem que vai ter essa troca. Aí, todos se servem, depois vem o **Padi** para dançar no círculo dos homens é só os homens que formam um grande círculo para receber esse **Padi** que é despido.

### **Aspectos gerais das corridas**

A **iknô** (tora curta) dos adultos é praticada todas as manhãs e às tardes, durante o **Dasĩpê**, isso hoje ainda o povo Akwê faz. Essa corrida com **iknô** não tem regras: os participantes se dividem em dois grupos e não se pintam para suas partidas. Mas tem os quatro **Danohikwa**, mensageiros de dois clãs de metades opostas. Por exemplo: o Kbazi, que é

a bolinha média e Kuzâ, que é de bolinha menor, são clãs da mesma metade, e os outros mensageiros precisam ser, por exemplo, do clã **Krozake** e **Wahirê**, da outra metade.

Os anciãos escolhem os quatro **Danõhikwa** que devem correr na frente da corrida com a **Iknô** e com **Īsitro**, para conduzir a corrida. Os corredores não podem ultrapassar os **Danõhikwa**, isso já é uma regra dentro da corrida de toras.



*Figura 18- Grupo durante a corrida de toras*

[http://www.podertocantinense.com.br/noticia.asp?noticia=Xerente\\_poder%C3%A1\\_ser\\_a\\_segunda\\_etni\\_a\\_desistir\\_dos\\_Jogos\\_Mundiais\\_Ind%C3%ADgenas&id=1593](http://www.podertocantinense.com.br/noticia.asp?noticia=Xerente_poder%C3%A1_ser_a_segunda_etni_a_desistir_dos_Jogos_Mundiais_Ind%C3%ADgenas&id=1593)

Quando a corrida de toras ocorre de manhã, à tarde os homens adultos não sentem cansaço. Essa tora é carregada por um homem **wapteAkwe** por vez, e os outros se revezam. O comprimento da tora é de um metro, e o peso dela é de mais ou menos 75 quilos, por isso hoje os mais novos tem medo de pegar essa tora, talvez nem pegue.

Atualmente tem uma corrida entre casados e solteiros e os solteiros costumam perder a corrida, porque nem todos eles pegam na tora. As palmeiras para preparar essa tora dos adultos são o buriti e o babaçu, sendo que o babaçu pesa mais do que o buriti.

A corrida de **Īsitro** (tora grande), carregada pelos dois homens adultos, tem alguns segredos que até hoje estão vivos e são praticados; primeiro, no dia que está em preparo, as crianças não podem estar perto, nem as mulheres e tampouco os homens que vão correr com ela. A preparação dura uns três dias e quem prepara as toras são os quatro mensageiros escolhidos pelos anciões. Assim que terminar, os dois anciões que pertencem aos partidos são avisados e eles reúnem os seus homens, os **Simwaptemnõrĩ** (rapazes adultos). Se a corrida for acontecer no dia seguinte, os rapazes dos dois partidos ficam cantando no pátio durante a

noite. Os dois anciões contam muitas histórias para os rapazes e também falam sobre o respeito que um deve com o outro e com a natureza, ensinam como sobreviver e etc.

No mesmo dia, à tardezinha, a tora é colocada no local onde vai ficar à noite e dois xamãs devem fazer a guarda para que os antepassados não peguem nela, porque se os antepassados pegarem nela é muito perigoso: um dos grupos pode cair, ou semachucar com a tora. Amanhecendo o dia, os dois anciões convidam todos os rapazes para se pintarem com as pinturas próprias de seu partido e, de acordo com as regras de complementaridade, um de cada partido pinta o outro, porque são partidos de respeito.



*Figura 19: Corrida de Ĩsitro - Tora grande Steromkwa, passando no Saltinho para chegar na aldeia Salto Kripre.*

*Autor: Afonso Tiikwa Xerente, 03-08-2014*

Essa imagem mostra a corrida de tora do partido **Stêromkwa**, dos homens mais novos, e eles estão perdendo a corrida, e dá para observar que são os rapazes novos. A corrida da **Ĩsitro** é realizada sempre na parte da manhã e, por isso, todos os homens que vão correr devem, obrigatoriamente, amanhecer no pátio da aldeia. Os anciões ali contam muitas histórias, então é uma oportunidade de aprendizagem muito importante para jovens, quando se aprende muitas cantorias para corrida de toras grandes, isso é um fortalecimento da nossa linguagem.



**Foto 17: Ísitro dos Htâmhã passando no Saltinho para chegar na aldeia Salto Kripre, os dois partido passando nessa trajetória.**

Autor: Afonso Tiikwa Xerente, 03/08/2014.

Esta imagem mostra o partido **Htâmha**(de símbolo triangular) também chamado de **Kukãihã**. Neste momento eles estão ganhando a corrida, são os filhos mais velhos a quem pertence a **Ísitro**. É muita técnica para correr com a tora grande, um homem **Akwẽ** que está na frente comanda a corrida, o de trás somente acompanha, porque quem está à frente não pode ser empurrado por quem está atrás; porque, se aquele homem **Akwẽ** que está na frente ser empurrado, facilmente acontece o atropelamento. Assim são conduzidas as duas toras grandes pelos dois partidos **Htâmhã** e **Steromkwa**.



*Figura 20- Carregando a tora Īsitro no caminhão*

Autor: Afonso Tiikwa Xerente, 04/08/2014

Essas **Īsitro**, toras grandes (figura 21) estão sendo levadas de caminhão, mas antes não era assim. Onde era preparada, dali mesmo começava a disputa entre os dois partidos. A estrada era só um “tricieirinho”, e os grupos tinham que correr nessa estrada muito ruim até chegar ao pátio da aldeia. Mas, como a cultura é dinâmica, a cultura vai se transformando, por isso a tora é carregada no carro para o local onde começa a corrida, para colocar onde vai passar a noite. Os dois **Sekwa** (xamã), cada um com seu partido, vão acompanhar e fazer guarda a noite toda. Aí tem um grande desafio para aos dois **Sekwa**, porque vão vir as almas dos antepassados para pegar na tora. Os **Ossekwas** não podem deixar isso acontecer, se deixarem, pode ocorrer um acidente durante a corrida.

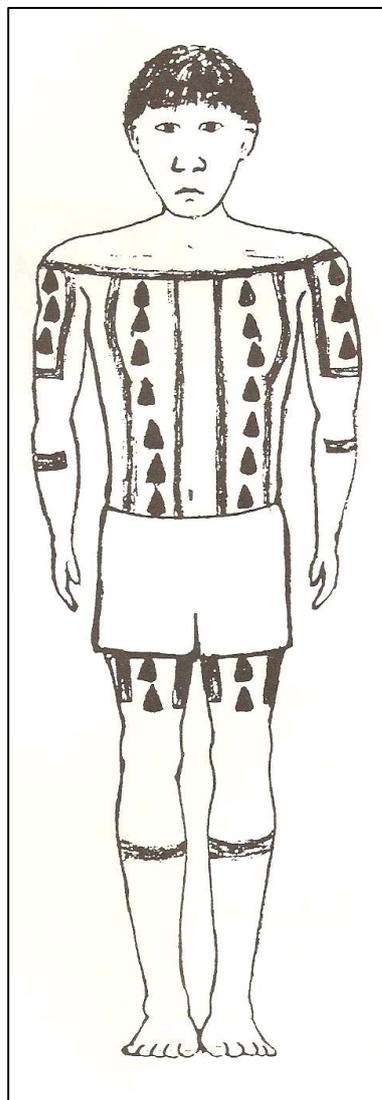


*Foto 19- Pé de buriti*

*Foto de Afonso Tiikwa, 2020*

Esse querido pé de buriti, na nossa cultura Akwẽ tem grande valor, ele é uma árvore nativa encontrada só no brejo, não nasce no cerrado, é usado para preparar a corrida de tora grande. É dessa palmeira que se faz a tora grande, segundo o entrevistado Augusto **Sõwẽkõ** Xerente, do clã **Kbazidtékwa**, da aldeia Salto **Kripre**, que é do círculo médio, é também do meu clã.

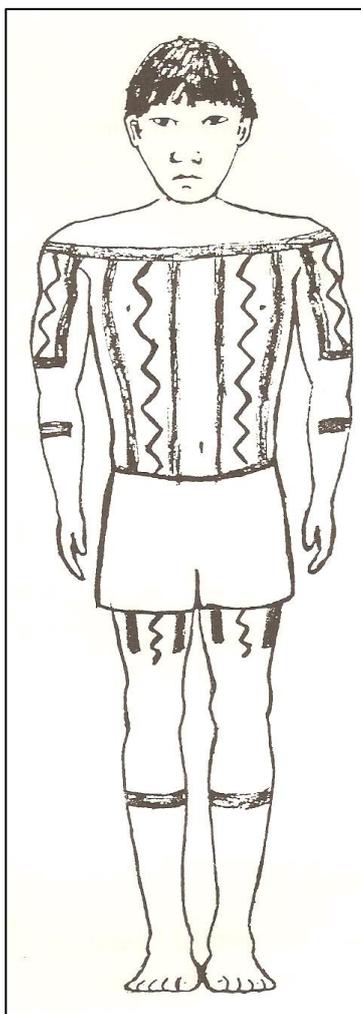
Os quatro **danõhikwa** (mensageiros), um de cada clã de respeito, devem escolher uma palmeira de buriti do brejo, bem alta e bem alinhada, para preparar a toras grandes para a corrida. Depois que foi derrubada com machado, do mesmo tronco, são cortadas duas toras: A primeira metade é destinada ao partido **Htãmhã**, que tem o símbolo de triângulo (**Kukãihã**) (casca de jabuti). Os **Htãmhã** são os homens mais velhos, se o pai pertence esse partido também, e tiver quatro filhos os dois mais velho vão pertencer a esse partido do pai. Também esse partido tem seu próprio cântico que na hora de sair em busca de tora grande eles cantam muito alto. E a segunda, do meio do tronco para cima, fica com o grupo **Steromkwa**.



*Figura 21-Pintura do partido do Htâmhã.*

*Desenho: Walter Krãirdu Xerente*

A pintura **Kukãihã** (casca de jabuti) é feita nos homens e na tora grande e, também, junto dessa pintura coloca-se o algodão. Os anciãos recomendam para se pintar bem feito mesmo. Segundo o entrevistado, essa corrida com a tora grande acontece somente no final da festa cultural **Dasipê**, quando é levada essa tora grande e esse é um ritual muito importante que o povo Akwê Xerente, principalmente, na nomeação masculina. Segundo os anciãos é o peso da nomeação masculino e também é o arremate da festa do **Dasipê**.



*Figura 22-Pintura do partido do Steromkwa*

**Desenho: Walter Krãirdu Xerente**

Esse rapaz **Akwẽ**, na ilustração acima, pertence ao partido **Steromkwa**, palavra que tem como símbolo a listra da cobra, e o nome da listra na linguagem é **Amkeparu**; os **Steromkwa** são os rapazes mais jovens, que nasceram depois dos que pertencem ao grupo dos **Htãmhã**.

A tora grande, para o grupo **Steromkwa**, conforme explicado acima, é cortada do meio para a ponta da palmeira de buriti, é pintada com a pintura em **Amkeparu** (listra da cobra, em zigzag) e também se coloca o algodão nessa tora grande. Até onde eu sei, esse partido tem costume de perder a disputa da corrida pois, segundo o entrevistado Augusto **Sõwẽkõ** Xerente, os rapazes mais novos que pertencem a esse partido têm medo de pegar e correr com a tora grande a que pertencem, porque às vezes podem deixar cair, a tora não pode cair porque se andar caindo aquele outro partido pode ultrapassar. Enquanto os mais velhos não tem medo

de pegar e correr com a tora e nem deixar cair, porque já estão acostumados a correr com a tora, enquanto os mais novos não têm costume.

### **Regras da tora grandes**

Primeiro, os homens que vão correr com a tora grande, não pode dormir na casa deles, principalmente com suas esposas.

Segundo, as mulheres não podem ir onde à tora grande está sendo preparada.

Terceiro, quem prepara a tora grande somente o **Danõhikwa** (mensageiro).

Quarto, essa tora grande não pode dormir sozinha, tem que ter o **sekwa** (xamã) junto.

Quinto, a tora não pode ter aquele escorrimento tipo um catarro, porque pode acontecer o acidente durante a corrida, aí é **sekwa** que vai observar esse momento.

Sexto, cada ancião tem o seu remédio para não perder a corrida, isso eles sabem.

### **A cama da tora**



*Figura23: Cama da Tora*

Autor: Afonso Tiikwa Xerente, 2014

A cama da tora é muito importante e, segundo o mensageiro, as toras não podem ser colocadas no chão, nem a grande e nem a pequena, e também para facilitar colocá-la no

ombro e no revezamento na corrida. A cama que protege a tora é feita com a palha do coquinho de piaçaba do cerrado, ela é tirada com as mãos, não pode ser cortada com faca ou facão. Este é um segredo dos anciões e dos pajés.

Segundo o mensageiro, se o rapaz mais jovem não estiver preparado, não pode pegar a tora (que é carregada por dois homens Xerente), pois ele pode se machucar ou deixá-la cair. Se isso acontecer pode atrasar a corrida e se um grupo deixa cair o outro grupo sai com a vitória.



*Figura 24-A tora na cama, sendo preparada para a corrida*

*Autor: Afonso Tiikwa Xerente, 2014*

Depois da cama pronta, colocam-se as duas toras no local onde os anciões indicam; a distância é aproximadamente de 2 km da aldeia; a tora só é pintada depois que é colocada na cama própria.

Os dois mensageiros são encarregados de colocar as pinturas nas toras, cada uma vai receber a pintura de sua partido, enquanto que os dois mensageiros que ficaram na aldeia são responsáveis por conduzir os dois grupos que estão indo buscar a tora. É uma regra que os dois grupos saiam em fileiras, o partido dos **Stâmhã** sai em fila, e o partido do **Steromkwa** sai atrás.



*Figura 25- Comemoração da chegada do Htâmhã*

Autor: Afonso Tiikwa Xerente, 04/08/2014

### **Īsitro e a Comemoração dos Htâmhã**

Depois da chegada da corrida de tora grande, **Īsitro**, os grupos dos **Htâmhã** fazem a festa da vitória no pátio na aldeia Salto **Kripre**; é uma união do grupo aqui, um grande grupo de falantes da língua **Akwẽ**.



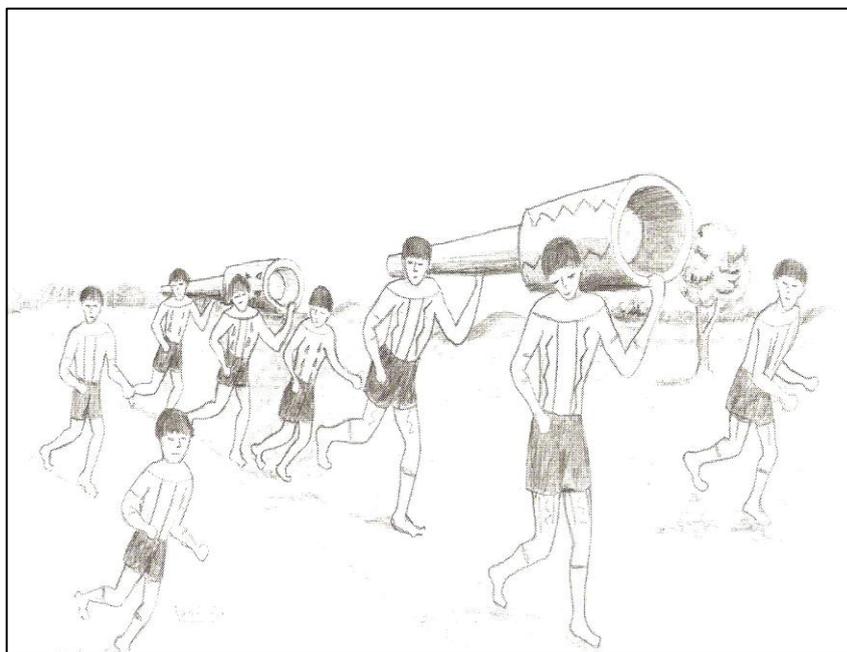
*Figura 26- Comemoração da chegada dos Stêromkwa*

Autor: Afonso Tiikwa Xerente, 04/08/2014

### **Ísitro e a Comemoração dos Stêromkwa**

Depois da corrida de **Ísitro**, a tora grande, o grupo do **Stêromkwa** comemora a sua participação da corrida; esse grupo perdeu, mas não se entristece porque vem a vingança no próximo ano. Na foto acima tem o nosso parente Gavião, que participou da corrida e gostou muito; o nome dele é Alpiê Gavião.

## Toras e regras



*Figura 27: Corrida de toras grandes*

Desenho de Walter Krãirdu Xerente.

Tem tora curta dos adultos que é praticada durante o **Dasîpê** todas as manhãs e à tarde, isso no antigamente, e essa corrida com a tora curta não tem regras. Dois grupos correm, mas não se pintam para suas partidas.

Mas, tem os quatro mensageiros com dois clãs, um metade de outro. Por exemplo: o **Kbazi** que é a bolinha média com **Kuzâ**, a bolinha mais pequena, e os outros tem que ser do clã **Krozake** e **Wahirê** também são da mesma metade. Os anciãos escolhem quem vai conduzir a corrida com a tora, isso já é uma regra dentro da corrida de toras, então quando a corrida de tora era praticada no horário da manhã, à tarde os homens adultos não sentiam cansaço. Essa tora é carregada por um homem **Akwê** e os outros se revezam. O comprimento da tora é de um metro e o peso dela é mais o menos cento e trinta quilos, por isso hoje os mais novos tem medo de pegar essa tora, talvez nem peguem.

Hoje tem aquela corrida entre casados e solteiros e os solteiros costumam perder a corrida porque nem todos eles pegam a tora. As palmeiras para preparar essa tora dos adultos são o buriti e o babaçu, sendo que o babaçu pesa mais do que o buriti. Agora, a corrida de tora grande carregada pelos dois homens adultos tem alguns segredos, que até hoje estão vivos e praticados; primeiro, no dia que está em preparo, as crianças não podem estar perto, nem as

mulheres e tampouco os homens que vão correr com ela. A preparação dura uns três dias e quem prepara as toras são os quatro mensageiros escolhidos pelos anciões. Assim que terminar, os dois anciões que pertencem aos partidos são avisados e eles vão reunir os seus homens, os **Simwapternōrī**, isso quer dizer os rapazes adultos, se a corrida acontecer amanhã os rapazes ficam no pátio durante a noite cantando, os dois partidos juntos ali e, durante a noite, os dois anciões contam muitas histórias para os rapazes e também sobre o respeito que um deve ao outro e também a respeito da natureza de como sobreviver etc. No mesmo dia, à tardezinha, a tora é colocada no local onde ela vai amanhecer depois dessa noite, lá vão dois xamã para fazer a guarda, para que os antepassados não pegarem nela, porque se os antepassados pegarem nela é muito perigoso porque um dos grupos pode se machucar ou cair com a tora, e assim amanhecendo o dia os dois anciões convidam todos os rapazes para se pintarem com o seu partido, um de cada partido pinta o outro, porque são dois partidos de respeito.

Para essa corrida de tora grande tem regras: os pais colocam os filhos homens para pertencer a um dos partidos, por exemplo, se um pai tem quatro filhos, o primeiro filho vai pertencer ao partido do **Htâmhã**, cujo símbolo é a pintura de um triângulo, o segundo filho vai pertencer o partido do **Stêromkwa**, que tem o símbolo do ziguezague, ou sucuri, e assim sucessivamente: o terceiro será **Htâmhã** e o quarto **Stêromkwa**.



*Figura 28- Toras grandes que são carregadas por dois homens*

Autor: Afonso Tiikwa Xerente, 3/08/2012

A foto dessas toras grandes, que são carregadas por dois homens, **Htâmhã** e **Steromkwa**, foi tirada no dia três de agosto 2014, na aldeia Salto **Kripre**, durante a **Dasîpsê**, festa de nomeação; esses que estão próximos são os ganhadores e ali, no chão, tem os alimentos para os ganhadores.

Tahã tô kuiwdê ponkwane za ambâ tahã kuiwdê re tissamrõ simã têt rme snã, Htâmhã nõri kâtô Steromkwa nõri tahã saptõ snã iskburõi nõri tô têt dawwazre tdêkwai nõri are tazi dasa imrõ nõri têt tmõr kâtô isõhidba nõri.



*Figura 29-Anciões participantes do Dasîpsê*

Autor: Afonso Tiikwa Xerente, 04/08/2014

Os nossos anciãos organizadores do **Dasîpsê** estão na foto acima. Os saberes que eles têm são muito importantes para os jovens e por isso é muito bom correr atrás da pesquisa e escrever, enquanto está cedo, fortalecendo a nossa cultura.

A imagem dessa foto foi feita depois da festa, em 2014. Até mesmo a reportagem estava presente no encerramento do **Dasîpsê**, dando notícia para o Brasil sobre a cultura do povo **Akwê** Xerente. Mas alguns deles já nós deixaram, sentimos um grande saudade deles são os anciões que ensinam a nossa cultura, e fala pra nós, os **wapte** (rapaz), respeitarmos o nosso partido de respeito. Eles não aceitam aquela briga interna. Porque se acontecer um

ferimento grave, o partido que sofreu pode pedir um bom preço para o pagamento, aí o outro partido não pode falar nada o jeito é de pagar, aquele preço que foi pedido. Isso tudo é ensinado dentro da aldeia, e no **Dasipê** cada partido vão aconselhar seu próprio partido.



*Figura30- Preparação da tora grande*

Autor: Afonso Tiikwa Xerente, 01/06/2014.

Essa tora está sendo preparado, a preparação dessa tora grande começa três dias antes da corrida, essa é a famosa palmeira de buriti, o comprimento dessa tora é mais menos dois metros, somente os **Danõhikwa**,(mensageiro) que prepara essa tora grande. Como estamos vendo nessa imagem, não tem mulheres, porque as mulheres não podem ir nesse trabalho do **danõhikwa**, recomendação dos anciões para o **danõhikwa**.

Até hoje se preparar essa tora grande elas não podem ir no lugar onde está sendo preparado, essa preparação dura uns dois dias, com três dias a corrida de tora curta é parado pelos anciões para descansar e aguardar essa corrida de tora grande é uma das mais esperado, que a comunidade inteiro espera é uma disputa muito sério para que umas das partidas sai um vencedor. A corrida de tora continua com os meninos e meninas com a tora pequena.



*Figura 31- O sekwa, guardião da tora, e homem preparando a tora para a corrida*

Autor: Afonso Tiikwa Xerente, 2014

Essa tora está sendo pintada ao amanhecer e do outro lado está a outra. Como tem dois partidos, aí tem que ter dois **Sekwa**, um de cada partido, segundo o ancião entrevistado, o senhor Pedro. Porque os nossos antepassado podem correr durante a noite e não eles podem pegar nessa tora, aí o **Sekwa** pode conversar com as almas que vão lá proibi-las de pegarem na tora, aí elas atendem também. Se as almas pegarem na tora pode haver atropelamento e acidentes durante a corrida.

A tora que está sendo pintada é do partido do **Steromkwa**, com o símbolo de ziguezague e a outra, ao lado, que também está sendo pintada é do partido **Htãmhã**; depois de pintada de carvão, se coloca algodão, aí as toras ficam lindas e os homens que gostam de correr ficam alegres assim que chegam ali.

Enquanto o **Sekwa** está em guarda das duas toras durante a noite, os outros anciãos estão no pátio da aldeia com os dois grupos de todos os partidos, dando as instruções para seus corredores, e todos os homens têm que passar a noite no pátio, eles não pode dormir em suas casas porque, às vezes, podem ter relação com suas esposas e enfraquecer o corpo. Segundo o entrevistado, Augusto **Sõwekõ** Xerente, mas não é só por isso não, é porque não pode mesmo, confirma ele. Ali, nessa noite eles se alimentam com alimentos tradicional, carne de caça moqueada, peixe assado com farinha de mandioca, não tem nada de alimento de caldo.

Somente o **sekwa** pode guardar a tora.

De manhã cedo os dois grupos do partido fazem grande círculos para fazer a cantoria própria da tora grande, eles cantam muito alto mesmo e dançam e todos pintados com símbolo da pintura da tora que pertence.

### **Corrida de toras na escola**

A imagem abaixo mostra a prática da corrida de tora pequena, feita com as crianças na escola. A corrida aconteceu no pátio da aldeia, quando eu mesmo ensinei meus alunos em 2014.



*Figura 32- Meninos correndo com a torinha.*

*Autor: Afonso Tiikwa Xerente 2014.*

O professor Manoel **Sirinawe** Xerente, entrevistado por mim, afirmou que os nossos adolescentes gostam de praticar a corrida de tora, então podemos incentivar os nossos jovens a aprender as pequenas regras desde adolescentes, principalmente em revezamento e crescer com seu corpo bem resistente, e o aprendizado é importante, porque ajuda no fortalecimento da cultura, da linguagem e cântico.

Hoje, essa corrida raramente acontece na escola, ou no pátio da aldeia, pois os nossos jovens tem medo de pegar na tora grande, às vezes falta incentivo dos professores indígenas,mas hoje tem a escola para ensinar essa cultura, não podemos esperar pelos anciãos. Por isso os professores indígenas têm que se qualificar nas pesquisas em cultura e repassar para os nossos jovens. Essa tora já não é de bacaba, é pé de buriti médio, aí os meninos vão pegando o jeito de correr e de pegar e muito importante ensinar a fazer os revezamentos, porque se não ensinar a cultura vai se enfraquecendo.

Nessa corrida não há regras: um professor **Akwẽ** pode levar essas crianças no local onde estão as toras e eles são separados em dois grupos iguais e começa a

corrida e ele vai ensinando. Então, os meninos homens vão crescendo com corpo sadio e resistente, preparados para correr com tora grande.

Assim também acontece com as meninas, é o mesmo ensinamento, mas as meninas não tem a corrida de tora grande, somente a tora pequena que é praticada desde pequena até a idade adulta.

Levi **Srêzasu** Xerente, técnico de enfermagem, conta que a correr com a tora, desde pequeno, é para ter força física e dar a continuidade à saúde, para correr com a corrida de tora tem que se alimentar bem e o alimento têm que ser tradicional. Hoje está acontecendo que o alimento pode prejudicar a força física, segundo ele. Levi **Srêzasu** Xerente relata que estão sendo consumidos muitos alimentos industrializados, e isso prejudica a força, as pessoas ficam gordinhas e muito cansadas, é o que está acontecendo com os nossos jovens de hoje.

Eu concordo com o que ele disse, porque já vi isso na corrida de tora, tem rapaz muito forte e não pega a tora para correr.

Eu, por exemplo, na minha fase de jovem, não consumia muito alimento industrializado porque meu pai só trabalhava na roça e eu ajudava muito. Então, praticava sempre a corrida de tora, eu não fui ensinado na escola, mas aprendi só na festa cultural

Minha experiência foi igual, eu gosto muito também de correr com a tora e disputar como os outros, até hoje eu gosto. Atualmente, nossos jovens são ensinados nas escolas indígenas e isso é muito importante, a corrida de toras é um ritual muito significativo para meu povo **Akwê** Xerente. Por isso, devemos manter esse ritual e fazer mais festa cultural dentro das nossas aldeias, temos que incentivar os nossos jovens para gostarem de correr com a tora, como eu falei que eles gostam, mas às vezes falta dos nossos mais velhos fazerem a festa cultural.

O pé de bacaba é uma planta nativa e seus cocos servem como alimento não só para os **Akwê**, mas também para os não indígenas. Com o fruto dela fazemos suco natural e nós, como indígenas, preservamos a bacaba que se encontra somente nas beiras dos córregos e não nasce no cerrado. Segundo o entrevistado, Augusto **Sōwêkō** Xerente, e também é alimento dos pássaros.



*Figura 33- Tora pequena de pé de bacaba menino e meninas.*

*Autor: Armando Sõpre Xerente, 2014*



*Figura 34- Pé de bacaba*

Os **Akwẽ** precisam praticar a corrida com o tronco da bacaba, ou da macaúba, desde pequenos para, no futuro, conseguirem correr com a tora grande, pois precisam de muito treinamento para eles pegarem resistência e prática no revezamento durante a corrida.

Quero aqui esclarecer uma coisa: como a nossa área indígena é homologada, vivemos livremente e temos que cortar essa árvore para nosso ritual, mas seu corte é proibido para os não indígenas. Hoje, nós, povo **Akwẽ** Xerente, também preservamos essas árvores nativas e por isso, as práticas da corrida de tora pequena acontecem

raramente mas, quando cortamos uma árvore dessa, utilizamos seu tronco várias vezes para o ensinamento na escola ou no pátio da aldeia. E, nesse caso são meninos e meninas que correm, que praticam esta corrida, que o professor, ou professora, pode ensinar quando as crianças chegam na idade de dez a onze anos.

Qualquer homem **Akwẽ** pode preparar a tora pequena para as crianças. Hoje, os professores **Akwẽ** ensinam, primeiro oralmente e depois na prática, os grupos masculinos e femininos que tem mais ou menos doze anos. Os professores homens vão para o brejo, ou para o matagal, procurar uma palmeira de macaúba ou de bacaba, para fazer as toras pequenas que devem ter em torno de 50 cm e cerca de 30 quilos. Preferencialmente se usa a palmeira de bacaba para preparar as toras, com ferramentas machado e facão.

Depois de pronta, os professores colocam as toras no local onde começará a corrida, não se usa os partidos, somente as pinturas corporais, porque não é o **Dasĩpê**, é o ensinamento de como revezar durante a corrida, para que não se machucar. Antigamente não se aprendia na escola, mas no **warã** (casa dos homens); ali os anciões ensinavam tudo que é da cultura. Eu não cheguei a conhecer o **warã**, mas meu pai contava que a aprendizagem dentro da casa dos homens que era muito boa. No **warã** as mulheres não entravam e a comida era levada lá pelas irmãs ou esposas. Como temos seis clãs, cada clã tinha o seu ancião para passar os ensinamentos

Não tem segredo o preparo da tora pequena e praticar a corrida deixa nossos jovens fortes.

Está faltando muito, no povo **Akwẽ**, o ensinamento da corrida de tora para os nossos jovens. Eu, como um mestrando, tenho essa preocupação, temos que fazer mais o **Dasĩpê** nas nossas aldeias para fortalecimento da cultura, da linguagem e em todos os rituais porque temos vários rituais como casamento, nomeação masculina e feminina, cântico, o uso dos remédios tradicionais das plantas medicinais. Agora é a nossa vez de ensinar tudo isso através das pesquisas e colocar no papel, documentar, produzir como material didático nas escolas.



*Figura 35- Afonso Tiikwa com os alunos*

Fonte: <https://gazetadocerrado.com.br/o-transporte-que-preserva-a-cultura/>

Na imagem acima, estou na Escola Indígena **Waikarnãse**, na aldeia Salto **Kripre**, ensinando o significado da cantoria e da dança na língua mãe. Agora não precisamos esperar só pelo **Dasîpê** (festa cultural), temos que ensinar na escola, é minha reflexão para todos os professores Indígenas. Assim a cultura vai se manter forte no nosso povo **Akwê** Xerente, e as nossas gerações vão aprendendo, sendo que a nossa cultura está viva e forte, mas o nosso papel é de ensinar a prática e a teoria, esse é o papel da escola indígena diferenciada, garantida pelo artigo de 215 da nossa Constituição.

### **Apresentação da corrida de tora grande na cidade**

No ano de 2019 fizemos muitas apresentações da cultura **Akwê** na cidade de Tocantínia (TO) e Miracema do Tocantins (TO), principalmente na Universidade Federal de Tocantins nas data de comemoração do dia do índio, 19 de abril. Uma coisa pode ser a importância de uma cultura divulgada, mas será que isso é exigência dos professores ou da política, enquanto as aldeias ficam paradas, porque antigamente essas comemorações eram feitas nas aldeia.



Figura 36- Rapazes correndo com a tora na cidade

<http://povosindigenasdobrasil.blogspot.com/2014/08/os-Akwẽ-xerente.html>

Na minha experiência, porque eu já fui na apresentação na cidade, os não índios chamavam só para ver como é a cultura e suas práticas. Muitas vezes são as escolas que fazem o convite e eu, como o professor da minha escola indígena **Akwẽ Xerente**, da aldeia Salto **Kripre**, já fui várias vezes nas escola não indígenas fazer as apresentações levando os alunos para fazerem um tipo de corrida, a de taquari, cânticos e danças, e todos nós pintados e, às vezes, eles dão só um lanche e eles registram, tiram fotos.

Hoje eu até concordo, porque é a demonstração da nossa identidade, hoje tem os jogos indígenas e o povo **Akwẽ Xerente** é convidado só por causa que tem a corrida de tora grande carregada pelos dois homens adultos e também por causa da linguagem porque cada povo é avaliado dentro dos jogos. Tem muitos indígenas que não participam desses jogos indígenas. Porque tem apresentações muito fracas, aí acabam sendo reprovados, principalmente os que não falam sua língua<sup>10</sup>.

Voltando nas apresentações do povo **Akwẽ Xerente** nos jogos indígenas, não é representada somente a cultura, mas também tem disputa de futebol, tanto masculino e feminino. O time masculino dos **Akwẽ Xerente** foi campeão quando jogou com o povo indígena da Bolívia e o feminino **Akwẽ Xerente** foi vice-campeão, jogando com as meninas indígenas do Canadá.

---

<sup>10</sup> - O **Akwẽ Xerente** ainda falam sua língua, possuem todos os rituais para cada movimento que existe dentro da cultura como, por exemplo, no Dasipê é realizado cada ritual, e cada rito é diferente do outro. Tem **sekwa** que chama os homens para fazerem um encontro com os nossos antepassados, com o espírito deles, aí quem tem coragem vai com o xamã, assim vários rituais, tem sua própria história, como mito de fogo ou a origem do fogo e a transformação do **Akwẽ** em animais como a história do tamanduá-bandeira, esses animais vem de um velhinha, e assim com os outros animais.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando comecei o trabalho de pesquisa, eu tinha como perguntas tentar entender quais as relações, quais as regras presentes na corrida de toras e que fazem parte do processo de aprendizagem e de constituição do ser Akwê. A pesquisa foi realizada nas aldeias **Akwê**, na Terra Indígena Xerente, no estado de Tocantins.

Aprendi que há muitas regras para a corrida de toras. Cada ancião falaram que a minha pesquisa é muito importante para o povo Akwê Xerente, falaram também que é boa a cultura escrita, porque hoje os nossos Wapte (jovem ) podem entender a cultura através da leitura também, e com o ajuda do professor indígena também. A corrida de tora curta e longa no povo Akwê Xerente é um ritual muito importante que Waptokwazawre (Deus) deixou para o povo Akwê cosmologicamente. O dasîpê ( festa cultural) ganha o peso somente com a corrida de tora assim os mais velhos me falaram. Dentro da corrida de toras esta o fortalecimento da linguagem, da pintura corporal, os cumprimentos com o Nãrkwa, os partidos dos homens simbolizando a pintura das duas toras grande, o mito de onde surgiu a corrida de toras os cânticos das corridas. A pintura da corrida de tora grande, que somente o Danõhikwa (mensageiro) coloca essa pintura nas duas toras grande eu sabia disso compreende somente na minha pesquisa, um ancião falando sobre a pintura da corrida de tora grande. A nomeação masculina vem sendo acompanhado juntamente com a corrida de tora grande chamado Isitro significa corrida de tora grande e o nome especifica na linguagem Akwê Xerente Htâmhã a tora grande dos homens mais velhos, e o Steromkwa tora grande dos homens mais novos. Assim este trabalho estrito da cultura Akwê Xerente escrita pelo o autor Afonso Tiikwa Xerente será aceito em ficar na biblioteca do Brasil que pode ser lido por Indígenas e por não Indígenas. Quero aqui também dos grandes autores que passaram no povo Akwê Xerente , fazendo suas pesquisas escrevendo a cultura Akwê Xerente, que na minha leitura eles escreveram muito bem, sempre valorizando a cultura e cada ritual que foi escrito eu também fui me aprofundando isso para me como Akwê Xerente me ajudou muito, que tem palavra que hoje teve sua pequena mudança. Na minha dissertação eu escrevo o nosso querido pé de buriti, mas não só esse pé, mas como toda a natureza, que hoje ainda temos o ar puro quem vem da natureza, dali também vem aprendizagem porque todos

povos indígenas estada a natureza, e a natureza ensina também hoje tudo que praticamos na nossa cultura vem da natureza.

## REFERÊNCIAS

FARIAS, Agenor José Teixeira Pinto. *Fluxos sociais Xerente: organização social e dinâmica das relações entre aldeias*. 1990. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

KBAZDIMÊKWA, Fernando Xerente. 2008. *Patrilinearidade entre os Akwê e os desafios enfrentados nos tempos atuais*. Trabalho Extraescolar. Universidade Federal de Goiás: Goiânia.

MAYBURY-LEWIS, D. Introduction; Chapter 7: cultural categories of the central Gê. In: MAYBURY-LEWIS, D. (ORG.) *Dialectical societies: the Gê and Bororo of Central Brazil*, Cambridge, Harvard University Press, 1979

MELATTI, Julio Cezar. Nominadores e Genitores: um aspecto do dualismo krahó. In: SCHADEN, Egon. *Leituras de Etnologia Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. p.139-148.

FERREIRA, Ariel David. *Caminhos e sujeitos no adoecimento e na cura entre os Akwê Xerente*. 2016. Dissertação de mestrado, PPGAS/UFG.

NIMUENDAJU, Curt. *The Serente*. Los Angeles: Southwest Museum, 1942.

SCHROEDER, Ivo. *Política e parentesco nos Xerente*. 2006. Tese (Doutorado) - Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo.

RODRIGUES, Kárita Segato. *Saúde reprodutiva das mulheres akwe-xerente: uma perspectiva intercultural*, 2014. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGAS, UFG. Goiânia

TIKWA, Afonso Xerente. *A corrida de Toras entre os Xerente*. 2014. Projeto extra-escolar apresentado para conclusão de curso da Licenciatura Intercultural em superior indígena. Goiânia. UFG.

TURNER, Victor W. *Floresta de Símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005.

SINÃ, Valci Xerente. *Akwe Xerente nisizem re hã hêsuka. Nomes próprios do povo Xerente*, 2011, Projeto extra-escolar apresentado para conclusão de curso da Licenciatura Intercultural em superior indígena. Goiânia. UFG.

### Fontes

#### Pessoas entrevistadas:

Pedro Smissuite Xerente, da aldeia Salto Kripre, entrevistado em 2012.

Alexandre Krêwamzu Xerente, da aldeia Salto Kripre, entrevistado em, 2013.

Antônia Mmiropte Xerente, da aldeia Varjão Sdarãpa, entrevistado em 2013.

Getúlio Kuzero Xerente, da aldeia Brejo Comprido Kâwrkurerê, entrevistado em 2014.

Ari Kukrêkâ Xerente da aldeia, Salto Kripre, entrevistado em 2014.